

INVESTIGANDO O INEXPLICÁVEL



*Explorações em torno de mistérios
antigos e fenômenos paranormais*

Paul Roland

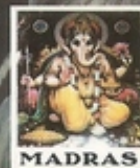


INVESTIGANDO O INEXPLICÁVEL



*Explorações em torno de mistérios
antigos e fenômenos paranormais*

Paul Roland



INVESTIGANDO O INEXPLICÁVEL

Explorações em torno de mistérios antigos e fenômenos
paranormais

Paul Roland

INVESTIGANDO O INEXPLICÁVEL

Explorações em torno de mistérios antigos e fenômenos
paranormais

Tradução:

Henrique Amat Rêgo Monteiro



MADRAS

Publicado originalmente em inglês pela Piatkus, com o título Investigating the Unexplained

© by Paul Roland

Tradução autorizada do inglês.

Direitos de edição em língua portuguesa exclusivamente para o Brasil

© 2001, Madras Editora Ltda.

Editor:

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:

Equipe Técnica Madras

Tradução:

Henrique Amat Rêgo Monteiro

Revisão:

Wilton Vidal de Lima

Adriane Gozzo

Cristina Lourenço

ISBN 85-7374-481-2

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem a permissão expressa do editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98). Todos os direitos desta edição, para língua portuguesa, reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana

02403-020 — São Paulo — SP

Caixa Postal 12299 — CEP 02013-970 — SP

Tel.: (0 11) 6959.1127 — Fax: (0 11) 6959.3090

www.madras.com.br

-

-

Dedicatória

Este livro é dedicado a
Karin Page, com amor.

Agradecimentos

Sou muito grato às seguintes pessoas
pelas contribuições a este livro:

David Hatcher-Childress, David Morehouse, Karin Page, Lynn Picknett,
Clive Prince, Betty Shine, Robert Temple, Gregory Van Dyk, Erich Von
Daniken e Michael White.

Sumário

Prefácio

Primeira Parte - Mistérios Antigos

1. Arqueologia Proibida
2. Monumentos e Mistérios do Mundo Antigo
3. Revendo a idade da Esfinge
4. Artefatos Alienígenas
5. Civilizações Perdidas
6. A Conexão Sírio
7. Antigos Astronautas e o Enigma de Nazca
8. A Conspiração Stargate
9. O Planeta Vivo

Segunda Parte Enigmas Extraterrestres

10. Encontro Imediato em Roswell
11. Seriam Falsos os Pousos na Lua?
12. Vida Lá Fora
13. Abduções por Alienígenas

Terceira Parte Experiências Estranhas

14. Nikola Tesla
15. O Experimento Filadélfia
16. Visão Remota e Espiões Sensitivos Americanos

Quarta Parte - Enigmas Paranormais

17. Fenômenos Psíquicos - O Dom da Segunda Visão?
18. Sonhos - Além da Esfera do Sono
19. Visão em Dobro
20. Poltergeist

21. Anjos
22. Fantasmas, Guias e Espíritos
23. Camadas da Alma

Bibliografia

Prefácio

Esta é uma investigação sobre o inexplicável, mas com uma diferença. Na verdade, há diversas diferenças importantes que espero que contribuam para destacar este livro de outros de tema semelhante.

Em primeiro lugar, pretendi oferecer explicações plausíveis para muitos dos enigmas mais extraordinários que examinei, em vez de me comprometer com um veredicto direto, que parece estar na moda atualmente. Não vejo nenhum mérito em discutir o caso, uma vez mais, a favor ou contra a existência de determinados fenômenos, mas em vez disso concentrei-me no que a crença em tais coisas revela sobre a natureza humana e o que essas experiências nos ensinam sobre a natureza da existência. Ao juntar essas peças num panorama mais amplo, espero afastar alguns dos medos do desconhecido.

Em segundo lugar, durante o andamento de minha pesquisa, vivenciei alguns fenômenos sobre os quais comentei, incluindo a cirurgia psíquica, a cura espiritual, a regressão a vidas passadas e a visão remota, não com o propósito de provar se eram válidos ou não, mas para ganhar uma compreensão maior, estando “aberto” a novas experiências. Essas experiências me deixaram sem nenhuma dúvida de que somos seres mais excepcionais do que nos consideramos e que todos temos a capacidade de vislumbrar a realidade maior que existe além de nossos sentidos físicos. O que parece estar nos impedindo de descobrir nossa verdadeira natureza e realizar nosso potencial é a preocupação com o mundo físico e uma relutância em questionar as ilusões das quais esse mundo depende para existir. Considerando tudo isso no contexto das percepções que obtive pelo trabalho com intuitivos ao longo de muitos anos e também estudando, ensinando e escrevendo sobre misticismo — em particular, a tradição mística judaica conhecida como Cabala —, acredito que adquiri uma compreensão incomum sobre determinados fenômenos, que me deram uma perspectiva que um jornalista cético seria incapaz de aplicar em sua investigação.

Finalmente, no sentido de reunir o máximo de evidências possíveis e de esmiuçá-las com uma visão objetiva, lancei mão da experiência e do conhecimento de dez especialistas, autoridades reconhecidas no campo em

que atuam. Dentre esses destacam-se o historiador Robert Temple, o “espião sensível” americano David Morehouse, a médium e terapeuta Betty Shine, a pesquisadora de UFOs Jenny Randles, o autor de obras científicas Michael White, o arqueólogo David Hatcher-Childress e o mais controverso defensor da teoria de antigos astronautas Erich Von Daniken. Juntos, descobrimos alguns impressionantes artefatos e anomalias que não só questionam a versão consagrada da história humana como também lançam luz sobre o lado sombrio da psique humana.

Embora tenha dividido o livro em quatro assuntos distintos, eles são, na verdade, apenas facetas diferentes do mesmo mistério — como percebemos a realidade e quão facilmente nossa percepção dessa realidade pode ser influenciada ou manipulada pelos outros.

Na primeira parte, descrevo algumas das muitas inconsistências encontradas na versão ortodoxa da evolução humana e nossa compreensão de como a civilização se desenvolveu. Ao questionar a linha tradicional com a ajuda do explorador e arqueólogo David Hatcher-Childress e outros, sugiro que podemos ter sido condicionados a aceitar uma concepção altamente seletiva e complacente da história, a qual terá de ser radicalmente revista neste novo século.

Na segunda parte, a existência de vida extraterrestre é submetida ao crivo do escritor de obras científicas Michael White, autor de *The Science of the X-Files*, e todo o tipo de experiências de contatos alienígenas é examinado com o auxílio da especialista em UFOs Jenny Randles. Há uma forte possibilidade de que por trás do fenômeno dos UFOs e das abduções por alienígenas possa haver algo mais importante que simplesmente a presença física de alienígenas, algo que irá destroçar nosso conceito de realidade.

Criamos nossa própria imagem do mundo e de como ele funciona a partir do que nos ensinaram e confiamos em grande parte nisso. Mas há uma razão cada vez maior para acreditar que as agências do governo tenham abusado de nossa fé com motivos particulares. Ao tomarmos mais consciência de como somos facilmente enganados e deliberadamente desinformados, tomamo-nos mais descrentes de nossa sociedade e, assim, mais receptivos a teorias conspiratórias. A segunda parte termina com uma análise detalhada de uma das mais extraordinárias e ainda assim convincentes teorias conspiratórias — a alegação de que os pousos das naves *Apoio* nas décadas de 60 e 70 foram deliberadamente falseados pela

NASA.

A terceira parte dá continuidade ao tema num contexto diferente, com a análise da vida do excêntrico inventor Nikola Tesla, de quem se diz ter sido silenciado por “interesses comerciais” depois de haver descoberto um meio de distribuir a eletricidade no mundo. Essa parte também apresenta uma entrevista com o espião sensível americano David Morehouse, que alega ter revelado a atitude paradoxal do governo americano em relação ao fenômeno dos sensitivos — enquanto segregava os teóricos da conspiração como paranoicos, criava secretamente programas de exploração psíquica com objetivos militares. Um exame do famoso Experimento Filadélfia, que se afirma ter ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, sugere que tais projetos estiveram nos planos do governo americano durante período considerável.

A última parte concentra-se no fenômeno paranormal, não como exemplo de efeitos especiais sobrenaturais, mas como expressão de nossa própria capacidade inata e natural de perceber outras realidades.

Espero que esta jornada pelo desconhecido seja tão esclarecedora a você quanto foi para mim.

Primeira Parte - Mistérios Antigos

O poeta T. S. Eliot comentou certa vez: “A humanidade não consegue suportar muito a realidade”, parecendo querer dizer que a maioria de nós busca uma sensação de segurança nas coisas terrenas e na rotina e que nos tornamos inseguros quando nossa concepção pessoal do mundo é questionada.

As páginas seguintes apresentam um inventário de evidências concretas extraordinárias que parecem ter sido deliberadamente eliminadas por se chocarem com as teorias da ciência ortodoxa e da comunidade acadêmica oficial. A existência dessas evidências questiona nossa concepção até então complacente da história humana como uma progressão linear, desde um começo “primitivo” até a superioridade tecnológica e intelectual. Elas também sugerem que talvez tenhamos concordado com essa concepção de mundo altamente seletiva porque suspeitamos que não somos o centro do Universo, mas precisamos acreditar que somos.

Capítulo Um - Arqueologia Proibida

A CONCEPÇÃO GERALMENTE ACEITA da história humana afirma que há aproximadamente 4 milhões de anos, durante a época pliocena, uma espécie de macaco *Ramapithecus* desceu das árvores para forragear os prados da savana africana e assim iniciou o processo que levou à evolução do homem moderno. A partir desses ancestrais símiescos desenvolveram-se pelo menos seis espécies de homínídeos, formando dois grupos distintos conhecidos como *Australopithecus* (“macaco do sul”) e *Homo* (“homem”), ambos contemporâneos. Considera-se que o *Homo habilis* tenha sido o primeiro a usar ferramentas, e que o *Homo erectus* tenha se tomado o mais habilidoso no uso dessas ferramentas e também que tenha descoberto os benefícios do fogo.

No entanto, meio milhão de anos atrás, a capacidade intelectual do *Homo erectus*, de modo súbito e inexplicável, aumentou de um terço, assegurando-lhe afirmar sua superioridade e vencer a luta pela sobrevivência. A ciência ainda não consegue justificar esse avanço repentino na escala evolutiva, embora diversas teorias tenham sido aventadas, incluindo a concepção amplamente aceita de que uma chuva de meteoritos possa ter estimulado uma mutação genética. Se o homem moderno é o resultado de uma mutação, não é mais provável que essa tivesse se manifestado como uma deformidade física em vez de atributo mental?

O cérebro humano tem sido considerado como “o maior mistério de todos”, pois, com 14.000 milhões de células ativas no córtex cerebral, não só é infinitamente mais complexo do que qualquer computador que poderíamos criar hoje em dia, mas também parece ter evoluído antecipadamente às capacidades que ainda não desenvolvemos. Além disso, o cérebro não se degenera, como seria de esperar de qualquer órgão que não é usado plenamente. Algo além de mera função biofisiológica o anima, talvez a mesma centelha que facilitou o salto de consciência de macaco para homem.

Qualquer que seja a causa, o *Homo erectus* acabou evoluindo como *Homo sapiens*, cujo surgimento é comparativamente recente, cerca de 100.000 anos atrás, e se mostrou engenhoso o suficiente para sobreviver à última época glaciária, que se encerrou cerca de 10.000 anos atrás. A essa

altura, formavam-se as primeiras comunidades organizadas, cidades muradas foram construídas no vale do rio Jordão, e a agricultura substituiu a caça como fonte primordial de subsistência.

Essa é a linha de tempo com que a comunidade acadêmica oficial concorda, mas centenas de artefatos descobertos ao longo dos últimos \ 50 anos desafiam essa concepção e, se verificados, podem levar a uma revisão considerável da história. Essas relíquias sugerem que a humanidade tem habitado a Terra por muito mais tempo do que se acreditava. Além disso, a qualidade desses artefatos e as ferramentas que parecem ter sido usadas para fazer muitos desses objetos já incentivaram acadêmicos eminentes, como o antropólogo T. Wynn, a concluir que o homem “primitivo” — especificamente os habitantes da Idade da Pedra da Tanzânia — pode ter possuído uma inteligência comparável à nossa. E se eles pensavam tanto quanto nós, será tão insensato considerar que possam ter realizado mais do que lhes atribuímos?

As Razões da Teoria Seletiva

Parece que a existência desses artefatos anômalos é conhecida há mais de uma centena de anos, mas eles foram ignorados de propósito pela ciência e desafiam a concepção aceita da evolução — da mesma maneira que os monumentos megalíticos maciços do mundo antigo foram marginalizados, meramente porque não sabíamos como explicar sua finalidade ou meios de construção.

Nos 35 anos seguintes à publicação da *Origem das Espécies*, de Charles Darwin, em 1859, houve muitos relatos de achados incríveis, mas eles foram desprezados sem demora pela comunidade acadêmica oficial por estarem em desacordo com a nova ortodoxia. Eram histórias de uma pegada semelhante à humana, de cerca de 60 centímetros de comprimento, encontrada ao lado de rastros de dinossauro numa rocha fossilizada nas proximidades do rio Glenrose, no Texas, e de pedras de 3.000 anos de idade descobertas no leito de um rio de Icka, no Peru, gravadas com o que pareciam ser ilustrações de uma cirurgia, mapas-múndi e dinossauros. É claro que a pegada, que desde a época foi registrada em diversos filmes-documentários, podia ser falsa, e as gravações de supostas operações cirúrgicas, por sua vez, podiam ser apenas reproduções de sacrifícios humanos. Os dinossauros podiam ser sonhos de criaturas primitivas, e os

mapas podiam ser esboços imaginários, com finalidades rituais, em vez de estudos topográficos precisos, mas existem muitos relatórios oficiais de artefatos curiosos, cuja existência é difícil rejeitar.

Então, na década de 80, o estudante americano Michael Cremona e seu colega Richard Thompson, matemático e cientista, começaram a pesquisar a história da paleontologia, o estudo de antigas relíquias humanas. Eles rastrearam os relatos originais sobre muitos artefatos anômalos em bibliotecas de universidades a partir de indicações encontradas em notas de rodapé de publicações científicas do século XIX e, depois de oito anos de um audacioso trabalho investigativo, compilaram os mais intrigantes casos num volumoso estudo de 900 páginas, provocativamente intitulado *Forbidden Archaeology*.

O estudo inclui detalhes de uma concha esculpida com uma face humana da época pleistocena, que foi descoberta por Henry Stopes, pesquisador da Geological Society da Inglaterra, e uma grande quantidade de ossos de animais gravados da mesma maneira, datados da época miocena, 5 milhões de anos atrás, quando supostamente não haveria hominídeos, apenas macacos. Essa descoberta em especial foi relegada aos arquivos porque o arqueólogo em questão, Frank Calvert, era um amador. Em 1872, dois anos antes de Calvert descobrir os ossos de animais, o geólogo Edward Charlesworth tentou inutilmente persuadir seus colegas da Royal Anthropological Society de que um depósito secreto de dentes de tubarão, descoberto numa camada de solo, que contava entre 2 e 2,5 milhões de anos de idade, mostrava inconfundíveis sinais de terem sido furados para compor um colar. Mas seus colegas lembraram-no de que o *Australopithecus*, à semelhança de um macaco, era incapaz de fazer artesanato, e atribuíram os orifícios perfeitamente esféricos a parasitas e ao desgaste promovido pela ação atmosférica.

Mais reveladora é a história do geólogo português Carlos Ribeiro que, nos anos de 1860, descobriu “sílex pirômico trabalhado” em leitos de pedra calcária na bacia do rio Tejo. Ribeiro sabia que esses leitos podiam datar das épocas pliocena e miocena, mas em seu relatório oficial datou novamente seus achados como sendo do período pleistoceno, muito posterior, apenas porque temia ser ridicularizado se alegasse ter encontrado artefatos humanos que tinham evidentemente entre 2 e 5 milhões de anos de idade.

Em meio ao catálogo de Cremona de achados impedidos de serem

publicados, para os quais ele apresenta prova documental, estão uma estatueta datada de 2 milhões de idade da época pliopleistocena, que parece ser uma estaca de ferro descoberta numa pedra datando da era devoniana (no qual, segundo dizem, apareceram os anfíbios) e um vaso de metal achado em estratos de rocha pré-cambriana em Dorchester, Massachusetts. A era pré-cambriana é a mais antiga era geológica conhecida que poderia justificar a existência do vaso há 600 milhões de anos.

Embora muitos desses artefatos tenham desaparecido nos subterrâneos de diversos museus, deixando apenas os relatos originais, alguns desenhos detalhados e estranhas fotografias ainda podem ser analisados por um investigador determinado. Por exemplo, no Museu de História Natural de Klerksdorp, África do Sul, há centenas de esferas metálicas expostas, feitas de uma forma de limonita tão dura que não podem ser arranhadas por uma ponta metálica, ainda que muitas dessas esferas apresentem três ranhuras perfeitamente paralelas em seu equador, que parecem ter sido feitas pela mão humana.

Posições estratigráficas (o meio em que os artefatos foram encontrados) também foram usadas para datar um pilão e um almofariz no período terciário (situando-o entre 33 e 55 milhões de idade), um conjunto de pegadas identificadas claramente como sendo humanas, preservadas na cinza vulcânica em 3,6 milhões de anos a.C e um esqueleto humano completo — comparável anatomicamente ao homem moderno — do período carbonífero, com a idade desconcertante de 300 milhões de anos.

Em face de tal abundância de evidências, Cremo viu-se forçado a concluir que ao longo dos últimos 150 anos os antropólogos parecem ter “enterrado quase todas as evidências que desenterraram” e que essas evidências — tenham sido elas ocultadas, ignoradas ou simplesmente esquecidas — indicam claramente que seres humanos como nós coexistiram com outros seres por centenas de milhões de anos. As evidências existem, mas será que estamos suficientemente satisfeitos com nossas crenças para questioná-las?

Capítulo Dois - Monumentos e Mistérios do Mundo Antigo

OS GRANDIOSOS MONUMENTOS do mundo antigo continuam a inspirar não só admiração e respeito, mas também especulações apaixonadas. A ciência ortodoxa admite que não há uma explicação definitiva sobre como, por exemplo, os peruanos, tecnicamente primitivos, foram capazes de extrair de pedreiras mais de 1.000 blocos de pedra gigantescos, cada um deles pesando até 120 toneladas, transportando-os então para o local escolhido em Sacsayhuaman, e depois colocá-los em posição, com uma precisão que confunde o pensamento moderno. Tampouco existe uma teoria plausível para explicar a colossal parede megalítica em Ollantaytambo, também no Peru, cujos blocos multifacetados perfeitamente encaixados uns nos outros foram posteriormente copiados pelos arquitetos gregos do templo de Apoio, em Delfos, em escala bem mais reduzida e com efeito muito menos impressionante.

Outro memorial que inspira reverência em relação à engenhosidade dos antigos é a Porta do Sol, próximo a Puma Punku, na Bolívia, que o especialista reconhecido no local, professor Arthur Posnansky, datou como sendo de 15000 a.C. De acordo com os historiadores, essa foi uma época em que o homem estava apenas aprendendo a fazer lanças de pedra e produzindo desenhos toscos nas paredes de suas cavernas. Em desacordo com essa ideia, a Porta fica à entrada de um templo em ruínas, no que foi uma vez a florescente cidade portuária de Tiahuanaco, cujos atracadouros eram cada um largos o suficiente para abrigar centenas de navios. O monólito de 15 toneladas foi talhado por meios desconhecidos em andesito, uma das pedras mais duras da Terra, com arestas cortadas com uma precisão que as lendas locais dizem ter sido feitas por uma raça de gigantes com acesso à tecnologia adiantada. Infelizmente, todas as pistas dos construtores e de suas ferramentas desapareceram com a enorme inundação que atingiu a região, depois de um terremoto, durante a construção do templo entre 9300 e 10500 a.C. A julgar pela rachadura na Porta, pelos blocos de pedra espalhados que marcam as ruínas da cidade (alguns pesando até 440 toneladas) e pela descoberta de fósseis de peixes e esqueletos humanos 300 metros acima do lago Titicaca ali vizinho, o terremoto pode ter sido forte o bastante para ter submergido o “continente perdido” de Atlântida, considerando que este tenha existido realmente.

Da mesma forma, a única explicação apresentada para interpretar a torre do templo igualmente grandioso de Ur, no Iraque, cujas arestas se alinham perfeitamente com os pontos cardeais da bússola, é que seus construtores, os sumérios, eram os sobreviventes de uma civilização “perdida” mais avançada. Embora esta seja uma teoria fantasiosa, não obstante é um fato inescapável que os sumérios, fundadores da primeira civilização, apareceram completamente desenvolvidos no palco da história em 4000 a.C, com pleno domínio da construção de aspectos arquitetônicos, como a abóbada e o arco, que passaram despercebidos até mesmo pelos mestres arquitetos do mundo antigo, os egípcios. Ainda que alguns dos artefatos mais impressionantes do Egito possam ser creditados à imaginação e à engenhosidade humanas, determinadas estruturas continuam a desafiar uma explicação razoável. O obelisco da rainha Hatshepsut em Camac, por exemplo, contém centenas de hieróglifos orlados que os especialistas modernos admitem ser incapazes de reproduzir usando ferramentas de pedra e cobre, como as que se acredita terem sido usadas pelos mestres pedreiros egípcios na coluna de granito.

Os Enigmas Decifrados?

Recentemente foram apresentadas soluções práticas plausíveis para explicar como as pirâmides do Egito, as estátuas de pedra da ilha de Páscoa e o círculo de pedras megalíticas de Stonehenge foram construídos por seres humanos, com os mesmos recursos que nós. No entanto, a ideia de que esses e outros monumentos da Antiguidade possam ter sido erguidos utilizando-se engenharia esotérica ou com a ajuda de construtores extraterrestres teima em persistir.

A engenharia esotérica é o termo atribuído a técnicas supostamente usadas para controlar forças paranormais ou manipular as leis da gravidade, energia e matéria, embora nenhuma evidência física tenha sido descoberta para sustentar tais teorias especulativas. Um exemplo é a técnica conhecida como levitação sônica, segundo a qual se considera que os iniciados da irmandade teriam focalizado sua energia mental para erguer blocos de pedras enormes e conduzi-los ao local desejado. Mas não se ofereceram detalhes para explicar como isso pode ter sido possível. Uma técnica semelhante teria sido usada para concentrar e armazenar energia mental num instrumento de cristal, semelhante a um *laser* moderno, que teria sido

usado para cortar pedras.

A Grande Pirâmide

Na década de 90, depois de séculos de especulação, um mestre construtor britânico, Peter Hodges, rejeitou a teoria geralmente aceita de que os construtores das pirâmides de Gizé teriam usado rampas de tijolos de argila para transportar os enormes blocos de pedra a suas posições, com base em que tal método teria se mostrado impraticável. Ele sustentou que, se fosse assim, seria preciso recorrer a centenas de homens ao longo de todo o ano, o que teria sido um transtorno para os trabalhadores que eram colonos locais, e não escravos, como se acreditava. Além disso, as rampas teriam se estendido por vários quilômetros, para além mesmo das pedreiras de onde eram retirados os blocos. Em vez disso, Hodges buscou inspiração num relato registrado por Heródoto no século V a.C, em que o historiador grego afirmava que os blocos haviam sido erguidos de fileira a fileira por meios mecânicos:

“A pirâmide foi construída em degraus, por ameias, conforme se diz, ou, de acordo com outros, como um altar. Depois de assentar as pedras da base, eles levantavam as restantes com máquinas formadas por pranchas curtas de madeira. As primeiras máquinas levantavam-nas do chão para o primeiro degrau. Em cima desse degrau havia outra máquina que recebia a pedra em sua chegada e a transportava para o segundo degrau, onde uma terceira máquina a levantava ainda mais alto”.

Usando o modelo em escala menor da pirâmide e uma sucessão de níveis e material embalado para evitar danos às pedras, Hodges demonstrou com uma equipe reduzida que teria sido viável para os egípcios levantar e posicionar cada bloco sem recorrer a meios mágicos ou ao auxílio extraterrestre, desde que o fizessem antes de encaixar as pedras.

Apesar dessa explicação, muitos ainda duvidam de que seres humanos possam ter manipulado 2,5 milhões de blocos de pedra, sejam quais fossem os meios; um trabalho de alvenaria maior, na verdade, do que contêm todas as capelas, igrejas e catedrais medievais da Europa juntas.

Stonehenge

Quarenta anos antes, Stonehenge apresentara ao professor Tom Lethbridge, da Universidade de Cambridge, um problema diferente, pois as 79 pedras de arenito cinzento, cada uma pesando 5 toneladas, que compreendem o círculo externo e a ferradura, haviam sido cortadas de diorito, uma rocha escura, ígnea, de textura granulosa, chamada de plutônica por ser cristalizada a grandes profundidades, da qual não havia depósitos num raio de 200 quilômetros da planície de Salisbury.

Uma vez mais a solução foi encontrada no passado. O bispo Geoffrey de Monmouth, que morreu em 1155, registrou uma lenda local segundo a qual as pedras de arenito cinzento haviam sido dispostas num círculo conhecido como a Dança do Gigante em Killaraus, na Irlanda. Com essa pista modesta, Lethbridge deduziu que Killaraus devia se referir à povoação próxima a Tipperary, pois Killaraus significa “a igreja no rio Ary”, e Tipperary está situada próxima ao rio Ary, perto de uma pedreira de diorito. De lá as pedras podiam ter sido levadas rio abaixo para o mar, em Waterford, e carregadas pela foz do rio Avon, amarradas entre dois navios no estilo de tipo especial de âncora conhecido como *kedge*. Com a água sustentando o peso, seria relativamente fácil navegar até alguns quilômetros da planície de Salisbury, de onde as pedras poderiam ser colocadas num trenó, arrastadas para o local e erguidas em sua posição. Os dintelés teriam sido erguidos durante os meses de inverno, quando os construtores podiam garantir forte queda de neve sobre a planície de Salisbury com que poderiam fazer rampas provisórias. Uma vez erguidos em suas posições, cada dintel seria preso por uma junta de encaixe e espiga, com o bulbo do lintel se encaixando perfeitamente no entalhe em forma de taça escavado na extremidade superior.

Uma vez mais, contudo, esse tipo de explicação lógica continua a ser descartada por quem busca uma solução mais exótica para o antigo enigma.

Ilha de Páscoa

De acordo com o controvertido escritor Erich von Daniken, o defensor mais ferrenho da teoria dos antigos astronautas, os traços das estátuas que permanecem como sentinelas silenciosas na ilha de Páscoa, no oceano Pacífico, são os de extraterrestres abandonados na Terra em tempos antigos. Os arqueólogos preferem a ideia de que elas representam os ancestrais dos ilhéus e sugerem que foram colocadas em sua posição com o uso de carros

de madeira. O único problema com essa teoria é que a ilha não possui árvores, e algumas das estátuas chegam a medir 10 metros de altura, pesando até 82 toneladas. Sem alguma forma de plataforma rolante é difícil imaginar como puderam ter sido transportadas desde as pedreiras até o centro da ilha.

Apenas na década de 90 uma equipe de botânicos aventou uma resposta. As análises de pólen revelaram que a ilha era cheia de árvores e que quando todas foram cortadas o trabalho na pedreira foi interrompido, deixando algumas esculturas inacabadas. Com seus recursos naturais esgotados e o hábitat animal devastado, os ilhéus abandonaram a terra natal, deixando mais um mistério para confundir os especialistas.

Essas explicações prosaicas podem não ser tão impressionantes quanto as propostas pelos antigos entusiastas astronautas, mas permanecem à espera de investigação e, mais importante ainda, creditam aos nossos ancestrais uma série de habilidades consideráveis e conhecimento técnico que demonstra que a tecnologia evoluiu de acordo com as necessidades de cada cultura.

Nossa relutância a creditar a povos pré-industriais habilidades que nós mesmos não possuímos é compreensível. Fomos condicionados a pensar nos povos antigos como primitivos e supersticiosos, que ergueram monumentos imponentes para abrigar os corpos de seus reis ou para fazer sacrifícios humanos a seus deuses. Mas esses pressupostos são agora considerados como amplamente sem fundamento.

O Espelho do Céu

“O que existe embaixo é como o que existe em cima, e o que existe em cima é como o que existe embaixo.” Esta máxima central do *Corpus Hermeticum*, um dos textos mais sagrados do mundo antigo, resumia uma visão espiritual do Universo que foi compartilhada por civilizações tão distantes e diversas quanto os maias, os egípcios, os celtas, os hindus, os gregos e as tribos semíticas nos séculos que precederam o Cristianismo. A crença de que nosso mundo físico é um reflexo do reino celestial, ao qual retomam nossas almas imortais depois da morte, tomou-se o fundamento da filosofia grega clássica, do misticismo judaico e do culto egípcio dos mortos, assim como das práticas pagãs dos druidas e dos ensinamentos do budismo. E hoje existem profundas evidências arqueológicas de que essa

visão compartilhada da estrutura da existência e da imortalidade da alma pode realmente ter inspirado a construção de muitas das maravilhas do mundo antigo. Além do mais, esses segredos podem ter originalmente vindo de uma fonte única, a civilização mais espiritual e tecnologicamente avançada que antecedeu a época glaciária: o continente perdido de Atlântida.

A Serpente de Sombra

Parece que muitos monumentos antigos foram construídos com precisão e um objetivo definido: a maioria dos locais importantes são astronomicamente alinhados para enfatizar a união entre o céu e a terra. Por exemplo, a cidade maia de Chichen Itza, na península de Yucatán, no México, incorpora medidas correspondendo ao calendário astronômico, demonstrando os adiantados conhecimentos de astronomia de seus construtores.

As janelas e portas estreitas do observatório abobadado oferecem ângulos de visão precisos para o estudo de importantes ocorrências celestiais, tais como a localização de Vénus em seus extremos setentrional e austral e a predição do pôr-do-sol nos equinócios.

O engenheiro americano Hugh Harleston Jr. fez mais de 9.000 medições locais em Chichen Itza para provar que muitas estruturas piramidais incorporam uma unidade de medida padronizada (1,05946 metro), que permite que todas as dimensões fundamentais sejam expressões de múltiplos de 72. A importância desse número deriva da necessidade dos maias de prever a precessão dos equinócios com finalidades rituais. A precessão é um fenômeno astronômico causado por uma mudança no eixo terrestre que resulta em datas observáveis, tais como equinócios, alinhando-se a diversos signos do zodíaco durante um período prolongado. A importância do número 72 em termos precessionais é a seguinte: 72 é o número de anos necessários para um grau de precessão, o movimento da Terra que retarda a chegada do Sol em determinado “endereço” estelar. A partir dessa informação, os maias desenvolveram um calendário de precisão tão infalível, que foram capazes de usá-lo para prever o eclipse solar ocorrido sobre a Cidade do México em 1991.

Além dessas descobertas, Harleston observou que cada pirâmide tem 91 degraus levando à plataforma no alto. Somando o número total de degraus

mais a plataforma, o resultado é 365, o número de dias do ano solar. Ele também observou que o eixo principal que atravessa cada pirâmide no sentido sudeste-noroeste foi deliberadamente compensado em 15 graus e 30 minutos para o leste e oeste do verdadeiro eixo norte-sul. Isso era para ficar de frente para o nascer do sol nos solstícios de inverno e de verão, de modo que nesses dois dias o sol poente produzisse uma sombra com a forma de uma serpente, que parece esgueirar-se pelos degraus em direção ao alto da pirâmide. Esse efeito foi criado pelos maias em homenagem ao deus-serpente Kukulcan (Quetzalcoatl, a “serpente emplumada”, divindade dos incas), a quem dedicaram todos os templos.

Embora o simbolismo celestial de tais locais só agora esteja se tornando conhecido, graças ao trabalho de historiadores “alternativos” como Graham Hancock, John Anthony West e Robert Bauval, na verdade já estava registrado há décadas. De acordo com o catedrático americano Stansbury Hagar, que desenvolveu um estudo extenso do local na década de 20, o eixo principal de Chichen Itza, conhecido em algumas tradições como “o caminho das estrelas”, foi criado para representar a Via Láctea. Como tal, ele serviria como um caminho simbólico para a transmigração das almas da terra para o céu. Mas, sem que Hagar soubesse, esse não foi o único local em que se tentou consumir o casamento entre céu e terra.

Em Cima como Embaixo

Numa noite de novembro de 1983, enquanto participava de uma expedição pelo deserto da Arábia Saudita, o engenheiro civil e egiptólogo amador belga Robert Bauval acordou de um sono agitado. Ele estivera se debatendo com um dos mais inexplicáveis enigmas egípcios: a terceira das três pirâmides em Gizé é consideravelmente menor que as duas outras, embora o faraó Miquerinos, a quem estava destinada, possuísse estatura igual à de seus predecessores. Mas igualmente estranho é o fato de que essa terceira pirâmide está desalinhada em relação às outras duas, embora todas as três estejam alinhadas com os quatro pontos cardeais da bússola, com precisão esmerada. Bauval concluiu que as anomalias deviam ter sido intencionais e, assim sendo, o que poderiam significar?

Enquanto Bauval admirava as estrelas acima, aproximou-se um amigo que observou de passagem que as três estrelas do cinturão de Orion — Zeta, Epsilon e Delta — não estavam em alinhamento perfeito; a terceira e menor

estrela estava deslocada para o leste. Diante disso, Bauval foi tomado por uma compreensão tão profunda quanto uma visão mística. As pirâmides de Gizé evidentemente pretendiam simbolizar essas estrelas, que são conhecidas por terem alcançado uma importância mística para os antigos egípcios. Eles acreditavam que a constelação de Orion era o lar de seu deus Osíris, que esperava para dar as boas-vindas às almas dos faraós que eram, eles mesmos, considerados encarnações do deus. Além do mais, as três pirâmides devem ter sido construídas exatamente naquele lugar, às margens do Nilo, para imitar sua proximidade da Via Láctea, que parece um rio fulgurante no céu noturno.

Numa febre de excitação, Bauval fez comparações com outros locais da região e descobriu que a pirâmide em Zawyat al-Aryan corresponde à estrela no ombro direito de Orion, enquanto a pirâmide de Nebka, em Abu Ruwash, corresponde ao pé da figura celestial. Infelizmente, não havia vestígios das duas pirâmides restantes necessárias para concluir o modelo. Talvez outras necessidades urgentes tenham impedido que fossem construídas, ou talvez elas ainda esperem ser descobertas sob a areia do deserto.

Usando um mapa do céu computadorizado para simular o céu noturno como aparecia nos tempos antigos, Bauval marcou precisamente quando esse espelhamento de terra e céu ocorreu pela última vez, com as estrelas dispostas de maneira idêntica em relação ao meridiano, e obteve a data de 10500 a.C.

Essa, concluiu ele, podia ser a época à qual os textos antigos se referiram como a de Zep Tepi, ou o momento inicial, e que eles descrevem como sendo a Era de Ouro, quando os homens andavam lado a lado com os deuses. Mas em vez de ser meramente um mito, quem sabe essa Era de Ouro poderia comemorar a data em que o Egito foi fundado e, assim sendo, por quem?

Em Busca do "Momento Inicial"

A discussão em torno da Era de Ouro do Egito nos faz pensar na possibilidade de que o próprio Egito e outras culturas avançadas do mundo antigo, como a dos sumérios e a dos maias, possam ter sido estabelecidas pelos sobreviventes de uma civilização anterior, tecnicamente superior, que existiu antes da última época glaciária. No decorrer das pesquisas para seu

livro, *Heaven 's Mirror* (Espelho do Céu), e uma série de televisão, *Quest for the Lost Civilisation* (Em Busca da Civilização Perdida), o autor inglês e pesquisador Graham Hancock comparou as medidas e os projetos de vários locais ao redor do mundo e teve a oportunidade de fazer descobertas impressionantes.

As culturas aparentemente diferentes do Egito, do Camboja e do México compartilharam uma crença comum na imortalidade da alma; todas as três usaram pirâmides em sua arquitetura sagrada e todas demonstraram conhecimento avançado de astronomia. No entanto, o mais importante de tudo é que todas aspiravam ao céu, o qual consideravam o lar da alma, e alinharam seus monumentos com determinadas estrelas, às quais acreditavam que suas almas retomariam depois da morte. O poço do sul na Câmara da Rainha da Grande Pirâmide de Gizé, por exemplo, aponta para Sirio, a estrela que os egípcios identificavam como a deusa Isis, ao passo que o poço do sul da Câmara do Rei aponta para Zeta de Órion, a estrela mais brilhante do cinturão de Orion, que representa o marido de Isis, Osíris. Hoje se considera que a Grande Pirâmide foi construída não para abrigar o corpo do faraó, mas para iniciar os sacerdotes noviços nos mistérios da existência.

Hancock inspirou-se inicialmente no trabalho de uma catedrática, dra. Eleanor Maneka, que descobriu que os construtores antigos do complexo templário em Angkor, no Camboja, usaram uma unidade de medida padronizada, o cúbito, em suas construções, cuja escala obedece aos ciclos de tempo que integram as crenças hindus. Por exemplo, a passarela principal tem 1.728 cúbitos de comprimento, o que corresponde ao primeiro período de 1.728.000 anos de duração da cosmologia hindu. As outras avenidas principais assinalam a duração das épocas subsequentes. Uma vez mais os números precessionais desempenham importante papel nos alinhamentos e dimensões dos templos. Existem 72 templos, e a passarela em Angkor Wat tem três quartos de grau de deslocamento para leste. Em termos precessionais, isso corresponde a 54 anos, um número encontrado em toda a parte nos dois locais (o 54 é considerado um número precessional importante, sendo metade de 108; faz parte de uma sequência de números precessionais: 54, 72, 108, 144, 180, 216... e assim por diante). Hancock afirma que o deslocamento alertava com três dias de antecedência os sacerdotes sobre a ocorrência do equinócio de primavera, o dia em que o sol se alinha com a torre central com um efeito espetacular. Próximo dali, o

complexo templário de Angkor Thom ostenta 54 torres, que estão ligadas por uma ponte com as imagens de 54 personalidades místicas representando as forças da luz e das trevas. Sua luta eterna é considerada como um símbolo do mecanismo da precessão que os hindus consideraram como uma disputa entre gigantes para obter o controle da Terra.

No transcurso de suas pesquisas, Hancock descobriu outro fato empolgante. A planta baixa do complexo templário de Angkor combinava estrelas da constelação do Dragão, conforme esta aparecia na noite de 10500 a.C. Essa data, acredita ele, é altamente significativa, porque esse ano é considerado aquele em que o continente perdido de Atlântida foi para o fundo do mar no terremoto que sucedeu uma catástrofe natural. Ele sustenta que a partir desse fato é razoável especular que os sobreviventes podem ter migrado para centros emergentes de civilização como o Egito e o Camboja, onde usaram o conhecimento superior que tinham para erguer os monumentos que, juntos, compõem um grande projeto. Isso parece ainda mais provável quando se sabe que a figura leonina da esfinge está alinhada com a constelação de Leão naquele ano fatídico, e juntas todas as quatro cruciais constelações correspondiam aos quatro pontos cardeais da bússola no amanhecer do equinócio da primavera em 10500 a.C. Aquário estava se pondo no oeste; Leão estava nascendo no leste; ao sul via-se Orio; e ao norte encontrava-se Dragão.

Hancock sustenta que não é coincidência que Gizé e Angkor estejam separados por exatamente 72 graus de longitude e sugere que é apenas questão de tempo até que se descubra um quarto local sagrado, dedicado à constelação de Aquário, a igual distância dos outros.

Há vários candidatos a esse quarto local, incluindo Tiahuanaco, na Bolívia, cujo eixo central é considerado como tendo sido inundado para refletir a Via Láctea. Esse simbolismo aquático pode ser significativo, pois a água é, claro, o símbolo de Aquário.

Outro está para ser encontrado sob a superfície resplandecente das águas que banham a costa setentrional do Japão. Aqui, os arqueólogos estão estudando as ruínas do que parece ser as de um antigo templo que, se comprovado além de qualquer dúvida ter sido feito pelo homem, será qualificado como a construção mais antiga conhecida no mundo. Considera-se que essa enorme estrutura de pedra tenha afundado sob as ondas pelos efeitos de uma catástrofe natural há mais de 10.000 anos, o que faz dela o primeiro candidato.

Em Busca de Atlântida

A ciência ortodoxa e a comunidade acadêmica oficial sempre manifestaram uma atitude de desprezo pela sugestão de que Atlântida tenha sido algo mais além de um local idílico para a parábola política *Crítion*, de Platão (427-347 a.C.). Os historiadores sérios acreditam que a lenda de Atlântida não é mais que uma fábula moral fantasiosa, reunida por Platão a partir de histórias que teria ouvido durante a infância, e pode ter sido inspirada em parte pela erupção do vulcão de Santorim, que devastou a Creta minóica em 1500 a.C. Mas a nova redatação da esfinge (ver pág. 30) e a recente descoberta de que uma antiga nação marítima possa ter mapeado áreas do mundo milhares de anos antes das mais antigas cartas remanescentes fizeram-nos pensar melhor.

Em 1956, o catedrático Charles Hapgood redescobriu diversos mapas do século XVI que claramente mostram traços considerados não mapeados até 300 anos depois. Hapgood notou imediatamente que um mapa datando de 1513 pertencente ao almirante turco Piri Reis mostrava a costa leste da América do Sul e parte da Antártida que os historiadores pensavam que ainda seriam descobertas. Ele submeteu o mapa ao exame de especialistas da Força Aérea americana, que concluíram que a precisão dele chegava até o limite de meio grau:

“Isso indica que a linha costeira [da Antártida] foi mapeada antes de ser coberta pela calota de gelo. A calota de gelo nessa região tem atualmente uma espessura de 1,6 quilômetro. Não temos ideia de como os dados nesse mapa possam se reconciliar com os conhecimentos geográficos existentes em 1513”.

Hapgood acreditou que isso aconteceu porque Piri Reis baseou sua carta nas que foram desenhadas por aquela antiga nação marítima. Vieram confirmações posteriores quando ele teve a oportunidade de confrontar esse mapa com outro copiado em 1531 por Oronteus Finaeus, um cartógrafo do século XVI que detalhou planícies férteis, rios sem neve e montanhas na Antártida, um continente não “oficialmente” descoberto até 1820. Esses aspectos, alguns dos quais haviam sido descritos por Platão, estavam para ser descobertos numa pesquisa de 1949 — feita por uma expedição

multinacional (Noruega, Suécia e Grã-Bretanha), que fez sondagens por meio de sonares para mapear detalhes topográficos sob o gelo. Além disso, cientistas revelaram recentemente que um exame profundo de amostras do gelo confirmou que houve rios correntes na região detalhada no mapa de Oronteus Finaeus por volta de 4000 a.C.

Essas revelações sobre a Antártida podem sugerir que o continente perdido foi uma realidade. Só podemos ter alguma ideia de como eram as feições das pessoas a partir das cabeças esculpidas encontradas na América Central, que não podem ser ligadas a nenhuma das tribos indígenas da região. Os olmecas, como eram chamados, ostentavam traços diferentes dos da população nativa e também guardam semelhança impressionante com as feições da esfinge no planalto de Gizé...

É claro que ainda não existem provas conclusivas de que essa civilização perdida tenha sido tecnicamente avançada em algo mais além de astronomia, navegação e cartografia ou que as pessoas detinham segredos esotéricos que foram confiando às culturas emergentes do Egito e da Suméria. Mas é seguramente o bastante para estimular uma reavaliação de nossa visão consagrada da história.

Capítulo Três - Revendo a Idade da Esfinge

GRANDE ESFINGE, guardiã das pirâmides de Gizé, é uma das maravilhas do mundo antigo. Não é apenas a maior estátua de pedra já construída, mas também um símbolo do enigma que é o Egito e de seus muitos mistérios que ainda hoje exercem estranha fascinação sobre todos nós. Com a recente descoberta de que a estátua pode ter mais de 12.000 anos de idade — 10.000 anos mais velha do que os historiadores haviam pensado —, tem havido muitas especulações de que a terra dos faraós pode ter sido fundada pelos sobreviventes de uma civilização muito mais antiga.

Pistas Climáticas

Muitas pesquisas sobre a verdadeira origem e idade da esfinge têm sido feitas pelo egiptólogo americano John Anthony West, cujo interesse em antigos mistérios foi despeitado pelos escritos do filósofo e matemático do século XIX Rene Schwaller de Lubicz, o primeiro acadêmico a questionar a idade da esfinge. West é um personagem controvertido, egiptólogo autodidata com a reputação de desafiar os tradicionalistas e questionar o que considera ser acomodação. Eles, por sua vez, desprezam suas teorias como puramente especulativas e sem nenhuma base em fatos. Em consequência disso, West fez esforços extras para assegurar que suas teorias sobre a esfinge tivessem profunda fundamentação científica e persuadiu o dr. Robert Schoch, eminente geólogo e catedrático da Universidade de Boston, a examinar o corpo da estátua em busca de provas de erosão pela água.

Depois da última época glaciária, cerca de 12000 a.C, o Egito tornou-se um exuberante paraíso tropical, com chuvas torrenciais. Foi apenas de certa forma recentemente que seu clima mudou para o de deserto seco e árido, que nos é familiar hoje em dia. Se o dr. Schoch pudesse encontrar evidências de erosão por água, isso significaria que o monumento preexistia ao Egito dinástico que estava estabelecido por volta de 4000 a.C. Isso também demonstraria que teria existido uma raça avançada com conhecimentos de engenharia milhares de anos antes da invenção da roda.

Conforme West suspeitava, Schoch encontrou sinais inequívocos de erosão por água no corpo da esfinge e ao longo dos muros que a cercam.

Mas o desgaste pela ação atmosférica era irregular, sugerindo que podia ter sido provocado durante um período prolongado, começando na época em que o Egito era subtropical e terminando quando se tomara seco. Schoch estava certo de que a esfinge é muito mais velha do que os centros acadêmicos arqueológicos oficiais poderiam aceitar — talvez com 8.500 anos de idade —, mas ele se recusou a arriscar sua reputação especulando sobre quem poderia tê-la construído e por quê.

A Face da Esfinge

Até mesmo os arqueólogos mais conservadores concordam que a esfinge é muito mais velha do que as pirâmides de Gizé, embora a datem não antes do reinado do faraó Quéfren, que governou de 2520 a 2494 a.C. A teoria aceita era a de que Quéfren contratara a construção da estátua à sua imagem, mas uma comparação entre os desgastados traços do monumento e os da face do faraó (obtidos de uma estátua no Museu do Cairo) revelaram discrepâncias significativas que não poderiam ser atribuídas à erosão natural ou ao vandalismo. (O vandalismo não é uma epidemia moderna. Os monumentos aos faraós eréticos foram rotineiramente profanados por seus sucessores, e aqueles que sobreviveram foram às vezes usados como alvo de instrução por exércitos conquistadores. Até a regulamentação das relativamente recentes leis de preservação, novos estragos foram feitos pelos habitantes das vizinhanças que regularmente espoliavam os túmulos e templos de seus ancestrais em busca de material de construção.)

Usando esboços anatomicamente precisos de ambas as faces, o tenente Domingo, experiente artista forense do Departamento de Polícia de Nova Iorque, descobriu que os olhos da esfinge encaixavam-se mais para dentro, e que seu queixo era consideravelmente mais pronunciado que o do faraó. Mesmo admitindo a possibilidade de que a esfinge tivesse sido um retrato idealizado de Quéfren, Domingo não teve dúvidas de que as faces eram de duas pessoas diferentes. O fato é que o queixo saliente da esfinge toma a face tudo menos ideal. Tem aparência quase semelhante à de um macaco, o que nenhum faraó acharia lisonjeiro. A crença em que Quéfren construiu a esfinge baseia-se no fato de que o motivo ornamental do faraó (o relevo indicando seu nome em hieróglifos) pode ser visto na esteia entre as patas. Contudo, agora parece mais provável que essa inscrição comemore a restauração da estátua, que Quéfren ordenou que fosse efetuada em seu

nome. O dr. Schoch concluiu que Quéfren tentou renovar a esfinge e os templos vizinhos, sabendo que eram os monumentos de uma época anterior, acreditando que fazendo isso estaria assumindo o local para sua dinastia e conseguindo o favor dos deuses do Nilo. A renovação promovida por Quéfren foi muito diferente do trabalho original. Ele cobriu a pedra calcária com lajes de granito e também pode ter sido responsável por reesculpir a cabeça com traços mais egípcios, o que a tomou desproporcional ao corpo.

Isso desperta a pergunta: se a face não é a de um faraó egípcio, o que é então? Schoch recorreu a projeções feitas por computador para remodelar a cabeça em proporção com o restante do corpo, completou as linhas interrompidas e restaurou as feições mutiladas. Sua conclusão foi a de que não se trata de uma imagem humana, mas a de um animal, mais provavelmente um leão. Isso se vincula ao fato de que a estátua estava alinhada com a constelação de Leão, conforme esta aparecia no equinócio da primavera de 10500 a.C. (ver pág. 27). O especialista em sismografia dr. Thomas Dobecki foi convidado a analisar a rocha e deu uma estimativa de alto nível para a data de quando esta foi esculpida. Suas descobertas confirmaram que a esfinge tinha sido moldada ao longo de um período prolongado com a face, pré-datando a parte traseira do corpo em mais de 3.000 anos. Durante os profundos testes de mapeamento subsequentes, o dr. Dobecki descobriu a existência de túneis e uma ampla câmara 5 metros abaixo das patas da esfinge, cuja forma e dimensões uniformes o levaram a concluir que devia ter sido feita por mãos humanas.

Câmaras Secretas

Embora a existência de túneis e da câmara secreta fosse confirmada em 1995 por Dobecki, sua descoberta fora prevista 60 anos antes pelo famoso médium Edgar Cayce (ver pág. 153). Cayce, que ficou conhecido como o “profeta adormecido” por causa de sua tendência a entrar em transe ao fazer previsões misteriosamente precisas, afirmou ter recordações de suas vidas regressas no Egito dinástico. Com base nessas “lembranças”, ele sabia que a esfinge tinha sido construída por sobreviventes de Atlântida.

Acredita-se que as provas dessa antiga civilização perdida estejam guardadas na câmara, que permanece a ser explorada. Espera-se que, quando seja obtida finalmente a permissão para uma escavação, os arqueólogos descubram uma biblioteca de conhecimentos arcaicos que irão

esclarecer alguns dos mais antigos mistérios do mundo.

Não é de surpreender que os círculos acadêmicos oficiais egípcios considerem West e a atitude revisionista de sua equipe como um ataque pessoal contra sua autoridade e contra sua herança cultural, tendo respondido de modo enérgico. O dr. Zahi Hawass, diretor-geral das Pirâmides de Gizé, rebate as afirmações controvertidas de West, afirmando que elas “não representam nada além de uma continuação da invasão cultural da civilização egípcia”. West deu uma entrevista dizendo que considera essa resistência e hostilidade como inevitável, uma vez que está desafiando “ideias entranhadas”. E acrescenta: “Isso significa que os círculos oficiais vão lutar até a morte. Na verdade, o que parece é que estamos incomodando, mas essas pessoas ganham a vida à custa disso”.

As evidências geológicas, e o tempo em si, parecem estar contra o dr. Hawass.

Capítulo Quatro - Artefatos Alienígenas

NO CULTO AOS objetos expostos no Museu Arqueológico de Istambul, na Turquia, está o que parece ser uma réplica esculpida em escala de uma espaçonave de um único assento, completa, com um astronauta sem cabeça. Segundo relatos da imprensa local a estatueta pode ter mais de 3.000 anos de idade. Os relatos iniciais afirmavam que ela fora descoberta durante escavações de rotina em Toprakkale (o local da antiga cidade de Tuspa) e incluíram breve descrição do artefato, com uma fotografia que mostrava claramente o “piloto” sentado com os joelhos no peito, vestido com um macacão espacial reforçado, botas e luvas. Caso se confirme, ela representaria uma prova conclusiva de que a Terra foi visitada por extraterrestres milhares de anos atrás. No entanto, o museu insiste em que se trata de uma falsificação moderna e inicialmente se recusou a colocar o objeto em exibição. Curiosamente, quando as notícias do achado vazaram, o curador, dr. Esin Eren, e o diretor, dr. Alpay Pasinli, deram explicações conflitantes sobre como a peça chegara ao poder deles. Em princípio, disseram que a estatueta fora confiscada de um turista que tentava passá-la ilegalmente pela alfândega. Então, em resposta a outra entrevista, afirmaram que em 1973 receberam a peça de um comerciante que a levava para receber autenticação, mas que não retomara depois de saber que era falsa. Nem o dr. Eren nem o dr. Pasinli explicaram por que permitiram que uma peça supostamente falsa fosse catalogada e exposta numa galeria do museu. Também não comentaram sobre por que nenhum dos funcionários se incomodara em tomar nota do comerciante e de seu endereço. Na verdade, a argumentação oficial para justificar que se tratava de um objeto falso era singularmente não científica.

“A estatueta não reflete o estilo da época, a de que ela supostamente é originária”, teria afirmado um porta-voz do museu numa citação. “A peça se parece com uma cápsula espacial, mas é claro que não havia tais coisas naquela época. Portanto alguém deve ter feito uma brincadeira...” No entanto, quando o especialista bíblico Zecharia Sitchin visitou o museu em 1997, examinou o objeto profundamente e concluiu que era improvável que fosse falso. Com certeza era uma peça leve, mas devia ter sido feita com resíduos de rocha vulcânica. O museu insistiu que era de gesso fundido, a partir de um molde feito de um brinquedo de plástico, mas Sitchin observou

que o pescoço do astronauta é da mesma cor que o restante do objeto. Se fosse feito de gesso, devia aparecer a inconfundível alvura do material quando a cabeça foi arrancada. Além disso, Sitchin observa que os brinquedos tendem a ser réplicas de objetos verdadeiros, e nem a NASA nem o programa espacial russo desenvolveram um foguete cuja cabine tivesse apenas um assento e sem asas, ou até mesmo cauda na década de 70, época em que alegavam que o objeto teria sido produzido.

Ainda assim, o dr. Pasinli mostrava-se relutante em chamar a atenção dos visitantes para essa aquisição controversa, pela simples razão de que não tinha conhecimento de nenhuma outra relíquia daquela espécie da Antiguidade. Para seu espanto, Sitchin foi capaz de apresentar-lhe dezenas de ilustrações do que pareciam ser espaçonaves sem asa das Américas e do Oriente próximo, e, como resultado, o astronauta sem cabeça encontra-se até hoje em exibição pública.

Um Catálogo de Curiosidades

O número de artefatos “alienígenas” é na verdade muito grande.

Uma imagem de cerâmica de 3.000 anos de idade encontrada na fronteira boliviana representa o que parece ser um traje espacial com capacete, embora pudesse ser uma roupa de mergulho subaquático de grande profundidade, o que não deixaria de ser igualmente extraordinário.

No outro lado do mundo, uma escultura dogu japonesa de 5.000 anos é vista usando o que parece ser um capacete e óculos de avião. O fato induz à comparação com imagens incrivelmente semelhantes, representadas por pinturas em cavernas, produzidas por aborígenes australianos durante o mesmo período e os antigos habitantes de Tassili, no norte da África, em 6000 a.C. Às mesmas imagens com capacete aparecem em gravações em rocha pré-históricas próximas a Capo di Ponte, na Itália, e em petroglifos peruanos de idade indeterminada.

Escavações no Nepal descobriram um prato cinzelado de 2000 a.C que parece registrar uma visita extraterrestre. No centro do prato encontra-se um emblema do sol, do qual emerge uma forma elíptica de disco voador. Na borda veem-se letras rúnicas, um par de seres com muitos tentáculos e uma imagem humanoide com uma cabeça desproporcional ao corpo na imagem da espécie alienígena comumente conhecida como os Cinzas.

Uma pintura em caverna da época neolítica no sudoeste da França

revelou-se igualmente enigmática por representar uma figura humanóide de pé, com uma cauda que está em comunicação com o que parece ser duvidosamente três UFOs.

Mais “máquinas voadoras” figuram no teto do templo de Abidos, no Egito. Na verdade, essas imagens são tão inequivocamente características de um helicóptero e outros equipamentos militares que automaticamente se considera que fazem parte de uma rematada mistificação, ainda que tenham sido autenticadas por especialistas como tendo sido gravadas em 3000 a.C.

A Bateria de Bagdá

No Iraque, em 1938, o arqueólogo austríaco dr. Wilhelm König descobriu um dos mais enigmáticos artefatos da época pré-cristã guardado no porão do museu de Bagdá, cuja combinação com componentes sugere que possa ter sido um exemplo primitivo de uma célula de bateria. Trata-se de uma panela de barro de 15 centímetros, contendo um cilindro de cobre delgado de 12,5 centímetros, soldado com uma liga de estanho. O cilindro, que está selado com um disco de cobre numa extremidade e isolado com betume na outra, contém uma barra de ferro que evidentemente foi corroído com ácido. König mandou fazer uma réplica e colocou no interior ácido de bateria, não suco de fruta como se esperava que houvesse no original. O resultado foi a produção de energia suficiente para galvanizar artigos de joalheria com prata e ouro, um processo que se considerava ter sido uma invenção moderna. No entanto, a bateria de Bagdá, como a peça ficou conhecida, data de aproximadamente 248 a.C. Em algum lugar entre os objetos expostos, König descobriu vasos de cobre galvanizados com prata que haviam sido escavados de locais no sul do Iraque. Esses ele acreditou terem origem suméria, o que lhes confere no mínimo 4.500 anos de idade.

Eletricidade Egípcia

No Egito, onde se esperaria encontrar as paredes dos túmulos decoradas com encantamentos para ajudar os mortos em sua jornada pelo reino dos mortos, existem murais que frustram até os mais experimentados egiptólogos.

Numa câmara do Templo do último Ptolomeu de Hator, em Denderá, há um painel mostrando diversos sacerdotes segurando tubos oblongos, em

cada um dos quais se pode ver uma serpente. O engenheiro Henry Kjellson, autor de *Disappeared Technology*, revela que os hieróglifos se referem a essas cobras como *seref*, que significa “incandescer”, sugerindo uma fonte de energia elétrica. Caso se confirme, essa fonte podia estar em uma caixa, em que o deus Atom-Rá está sentado, pois o que parece ser um cabo trançado vai da caixa até os tubos. De acordo com o especialista em eletromagnetismo Alfred D. Bielek, o curioso pilar em que os sacerdotes repousam os tubos é um isolador de alta voltagem. Em diversos pontos do templo outras cenas representam homens e mulheres sentados embaixo dos tubos, com as mãos erguidas como se fossem receber algum tipo de tratamento por radiação.

Aeroplanos Egípcios

Em 1898, cinco anos antes de os irmãos Wright fazerem seu primeiro voo a motor, um modelo de madeira de um pássaro esquisito foi encontrado no túmulo de Padilmen, no norte de Saqqara. Nos 70 anos seguintes, o objeto permaneceu entre outros de uma coleção de estatuetas do museu local até que o arqueólogo e entusiasta de aeromodelos dr. Kahlil Messiha o separou para um exame mais detalhado. Imediatamente ele reconheceu determinados elementos, tais como as asas aerodinâmicas e um leme independente encaixado na cauda, como sendo característicos de um planador moderno. Embora seus colegas tenham recebido sua descoberta com incredulidade, o dr. Messiha demonstrou a capacidade de vôo do modelo de 2.000 anos de idade lançando-o à moda antiga. Para seu contentamento, ele planou por uma distância razoável antes de realizar um pouso perfeito.

Messiha ficou intrigado: uma vez que os antigos egípcios costumavam fabricar cópias reduzidas de seus bens para depositar em seus túmulos, ele imaginou se poderia existir uma versão em tamanho natural do planador, considerando que este não fosse meramente um brinquedo de criança. De acordo com seus cálculos, uma versão do planador em tamanho natural poderia ter viajado até 100 quilômetros por hora e transportado cargas consideráveis, embora ele pudesse apenas especular sobre qual teria sido o método de propulsão utilizado.

O Concorde Colombiano

Outro “aeroplano antigo” chegou às mãos do biólogo-zoólogo Ivan T. Sanderson em 1969. Tratava-se de uma réplica oficial, copiada de um artefato colombiano que fora usado como pingente no primeiro século por um representante do povo sinu, uma raça anterior aos incas. Sanderson imediatamente reconheceu que a peça possuía características mecânicas em vez de animais. As asas tinham o formato deltóide, diferentes das de um pássaro, e o leme era como uma cauda em pé, em ângulo reto, como a de um peixe, embora não exista peixe que não tenha uma nadadeira para contrabalançar. Depois de consultar diversos especialistas aeronáuticos, incluindo o dr. Arthur Poyslee, do Instituto Aeronáutico de Nova Iorque,

Sanderson foi forçado a concluir que se tratava de uma cópia de uma aeronave de alta velocidade. Mas talvez o detalhe mais curioso seja a marca inconfundível da letra hebraica *beth*, ou B, que pode ser vista na face esquerda do leme, a mesma parte em que as modernas aeronaves apresentam sua identificação. Isso indica que o objeto possa ter se originado do Oriente Médio, e ainda assim os historiadores negam que tenha havido qualquer tipo de comércio ou viagens entre aquelas terras na época. É claro que cruzar tão longas distâncias teria sido pura rotina numa aeronave.

Capítulo Cinco - Civilizações Perdidas

O PROLÍFICO AUTOR americano, aventureiro e explorador, David Hatcher-Childress, desbravou as selvas mais densas do mundo, cruzou areais escaldantes de desertos e escalou montanhas batidas pelo vento em busca de civilizações perdidas e antigos mistérios, e nesse afã conquistou a reputação de ser o verdadeiro Indiana Jones.

David é o exemplo perfeito daquela espécie rara de homem — um especialista altamente erudito, inteligente e confiável, com a cabeça nas nuvens, mas com os pés plantados firmemente no chão.

“Desde criança sou fascinado por tudo o que esteja relacionado a artefatos alienígenas, ciência antiga e fenômenos paranormais. Sempre fui atraído pelo que não podia ser explicado, mas mantive uma abordagem estritamente científica como compensação em todas as minhas investigações. Na universidade, em meados da década de 70, eu normalmente ganhava os prêmios de ciências, mas também me tornava cada vez mais desconfiado das grandes empresas e do papel que as corporações parecem representar para manter o povo distante de toda a verdade. O momento decisivo foi quando comecei a ler as então consideradas teorias radicais sobre o assassinato de Kennedy. Depois disso, nunca mais poderia concordar com a concepção aceita da História.”

Em seus diversos livros e artigos em revistas, David age como um guia não oficial para chegar a civilizações perdidas no tempo, marginalizadas pela História.

De acordo com inúmeras fontes esotéricas, que David considera confiáveis, a primeira civilização estabeleceu-se 78.000 anos atrás, num continente conhecido como Lemúria ou Um, onde a ciência de governo desenvolveu-se a um nível sofisticado. Acredita-se que seu território tenha sido devastado por um terremoto em aproximadamente 24.000 a.C, causado por um deslocamento dos polos magnéticos da Terra, deixando as ruínas de suas imensas construções megalíticas ainda por ser descobertas no Pacífico.

Diz-se que a destruição da Lemúria drenou os oceanos do mundo com água correndo para a recém-formada Bacia do Pacífico, deixando as ilhas no Atlântico altas e secas. Na época, essas se fundiram com o arquipélago

de Posêidon do oceano Atlântico para formar um pequeno continente que entrou para a mitologia como Atlântida, embora seu verdadeiro nome, de acordo com as exaustivas pesquisas de David, fosse Posêidon. Os atlantes (ou posêidons) eram capazes de ter desenvolvido uma tecnologia muito mais avançada da que existe em nosso planeta atualmente.

“Embora só possamos especular quanto às maravilhas da Lemúria e Atlântida, os textos antigos do Império Rama da Índia foram preservados, dando-nos descrições detalhadas de um dos primeiros impérios da Terra. No século passado foram descobertas no vale do rio Indo, no atual Paquistão, as cidades de Mohenjo Daro (montanha dos Mortos) e Harappa, altamente sofisticadas, forçando os arqueólogos a empurrar as datas para a origem da civilização indiana até milhares de anos atrás. Os arqueólogos acreditam que essas cidades foram concebidas como um todo antes de serem construídas, e foi com espanto que se descobriu que os sistemas de encanamentos e esgotos eram superiores aos encontrados atualmente nas cidades mais modernas da Ásia. “Considera-se que quando Atlântida e Rama prosperavam, o Mediterrâneo era um vale amplo e fértil, habitado por uma civilização conhecida como os osirianos. Quando a Atlântida foi destruída, o Atlântico inundou a bacia do Mediterrâneo, destruindo as grandes cidades dos osirianos e forçando-os a se mudar para terrenos mais altos. Esse cenário explica a existência de 200 cidades submersas identificadas ao longo do Mediterrâneo.

“Acho que é bem possível que as civilizações egípcia, minoica e micênica possam ser remanescentes dessa cultura antiga, que se considera ter criado uma forma primitiva de força elétrica e inventado um sistema sofisticado de transporte, como aquele de Rama e Atlântida. Se alguém acha que isso parece artificial, deve observar os misteriosos trilhos de Malta, que correm sobre paredões de rocha e embaixo da água como se fizessem parte de uma antiga linha ferroviária osiriana, talvez para o transporte de rochas extraídas de pedreiras para as cidades que estão atualmente submersas.

“Outro exemplo da alta tecnologia dos osirianos é a impressionante plataforma de pedra em Ba'albek, no Líbano. A principal plataforma é composta das maiores rochas escavadas do mundo, as famosas pedras lavradas de Ba'albek, algumas das quais têm 25 metros de comprimento, 4,5 metros de espessura e calcula-se que pesem entre 1.200 e 1.500 toneladas cada!”

A “causa perdida” favorita de David é Nan Madol, uma cidade megalítica de 28 quilômetros quadrados que se estende pela costa da ilha micronésia de Pohnpei, numa ilha artificial contendo mais de 250 milhões de toneladas de sal basáltico prismático. A maior parte da cidade encontra-se submersa, mas ainda é possível navegar por sua enorme rede artificial de canais que lhe valeram o título de “Veneza do Pacífico”. Nan Madol foi descoberta pelos europeus nos primeiros anos do século XIX, e suas maravilhas foram registradas pelo arqueólogo alemão Johann Stanislaus Kubary, cujo manuscrito foi acidentalmente queimado por uma de suas quatro esposas nativas! Kubary também saqueou os depósitos secretos de tesouros e relíquias inestimáveis da ilha, mas o navio transportando o espólio afundou ao largo das ilhas Marshall e existe pouca probabilidade de que possa ser recuperado.

Na década de 30, outro arqueólogo alemão, Herbert Rittlinger, publicou um relato de suas pesquisas na região, observando que ela havia sido “um brilhante e esplêndido centro de um reino famoso, que existira ali, ignorado por diversos milênios”. Rittlinger repetiu as lendas de um tesouro fabuloso que mergulhadores e mercadores chineses tinham buscado em segredo no leito do mar, e as lendas com que haviam regressado. Essas histórias contavam como os mergulhadores tinham explorado ruas submersas, onde os restos das casas ostentavam placas inscritas com os nomes dos seus moradores. Os mergulhadores também encontraram monólitos, galerias de pedra e pilares que hoje estão incrustados de mexilhões e corais. Rittlinger também registrou os esforços dos japoneses que, pouco antes da Segunda Guerra Mundial, carregaram todos os “esquifes de platina” da Casa dos Mortos submersa, embora não exista platina na ilha. Os japoneses também recuperaram restos humanos que indicaram que os habitantes tinham mais de 2 metros de altura — gigantes, pelos padrões da região.

Expedições posteriores encontraram cacos de cerâmica que os testes por termoluminescência confirmaram ser de mais de 2.000 anos atrás, ainda que os nativos de Pohnpei nunca tenham usado cerâmica. David visitou o local muitas vezes e ficou impressionado com seus muros de 10 metros de altura construídos com cepos gigantes de basalto, cada um pesando cerca de 20 toneladas, e rochas pesando até 50 toneladas a peça. Mas o que o assombrou mais foi o silêncio fantasmagórico que o levou a referir-se às ruínas e peças descomunais espalhadas por toda a parte como a “cidade de

espíritos”.

Nem os especialistas nem os nativos souberam explicar como os imensos blocos — muitos pesando mais do que a Grande Pirâmide do Egito — foram transportados pelo terreno montanhoso de Pohnpei até a costa. O fato de que os habitantes locais vivem hoje em choças de sapé no interior da ilha sugere que a cultura regrediu, talvez depois de uma catástrofe natural que tomou a cidade insegura para ser habitada. Se for o caso, é possível que o mesmo declínio tenha ocorrido durante outras épocas em várias regiões do mundo, deixando ruínas, mas nenhum registro da tecnologia que as engendrou.

Arqueologia Extraterrestre

Além de expor o que acredita ser a História oculta da humanidade, David também apresenta explicações mais plausíveis para a existência de extraterrestres do que os intervencionistas Erich von Daniken ou Alan F. Alford, porque não tem ideias preconcebidas que esteja ansioso para provar. Seu método é simplesmente apresentar as evidências (invariavelmente na forma de fotografias de agências espaciais oficiais, textos antigos e monumentos) e deixar que o leitor chegue às conclusões óbvias e inevitáveis. Por exemplo, em seu livro *Extraterrestrial Archaeology*, as “evidências” consistem de grande quantidade de fotografias oficiais da NASA e da agência espacial mssa, dentre as quais as que chamam mais a atenção são as que compõem uma série de instantâneos da NASA mostrando claramente dois objetos cruzando a superfície da Lua e deixando um trilho marcado em seus rastros.

“Aquelas são as minhas fotos favoritas. A sequência mostra claramente um dos objetos saindo de uma cratera, em seguida voltando para descer pela borda num percurso que desafia as leis da natureza e da atmosfera lunar. E ainda assim os caras da NASA continuam insistindo em chamar esses objetos de ‘deslizamento de rochas’! Depois de analisarem as fotos, eles admitiram que não podiam explicar como os objetos era capazes de fazer aquilo, mas mesmo com as evidências óbvias eles ainda assim não conseguiram chegar à conclusão de que se tratava de máquinas com propulsão própria. Esse tipo de suposição não poderia aparecer em seus relatórios oficiais.”

Igualmente impressionantes são as fotografias do que ficou conhecido como os Blair Cuspids (ou os Caninos de Blair) — um alinhamento geométrico de obeliscos sobre a superfície lunar —, que até mesmo astrônomos conhecidos como Patrick Moore e Arthur C. Clarke perceberam, mas evitaram comentar. David considera esses obeliscos como a prova mais conclusiva da existência de extraterrestres, mas admite que o fato de cientistas tão famosos como Moore e Clarke não se incomodarem em comentar muito o caso tem que ver com o medo de perderem posição e credibilidade.

Além disso, David tem uma coleção de fotografias do que parecem ser pirâmides e cidades cobertas por cúpulas na Lua, indicações de túneis e crateras sem fundo na superfície lunar e até mesmo bases espaciais em Marte.

“Quando comecei minha pesquisa, não fazia ideia de que houvesse tantas anomalias. Conforme se acredita, algumas podem ter se formado naturalmente, mas muitas delas são perfeitamente simétricas e alinhadas geometricamente, para que não se diga que são artificiais. É incrível. Não vai dar para continuarmos negando os fatos por muito mais tempo.”

Mas ao mesmo tempo que esses “fatos” abalam nossas convicções, conseguir que as instituições científicas aceitem que essas anomalias são provas conclusivas de que os planetas e luas de nosso sistema solar foram habitados no passado, e continuam habitados hoje em dia, é pura perda de tempo.

“O que descobri dentro do nosso próprio sistema solar é exatamente o contrário do que nos é informado oficialmente. Por exemplo, existem fortes indícios de que houve um planeta entre Marte e Júpiter, onde hoje existe apenas um cinturão de asteróides. É muito provável que um dia a ciência venha a descobrir que os detritos daquele cinturão de asteróides sejam os restos de um planeta então fértil e que somos os visitantes alienígenas oriundos daquele planeta perdido a quem os homens primitivos adoravam como deuses. O homem moderno pode ser o ‘elo perdido’ extraterrestre entre o *Homo erectus* e o *Homo sapiens*.

“O fato simples é que, enquanto os jovens poderiam superar a questão de vez, a geração mais velha, especialmente aqueles que escreveram os livros de referência, não conseguiu lidar com a nova realidade. Assim, as

agências do governo deixam vaziar a verdade um pouco de cada vez para o pensamento nacional por meio de canais “não oficiais”, como o conjunto da rede subterrânea de esoterismo/Nova Era. A NASA simplesmente não pode sair admitindo o que descobriu, então faz o mesmo que os políticos. Seu pessoal filtra as informações por brechas controladas aos meios de comunicação de massa e na forma açucarada de filmes ou séries de televisão, como *Arquivo X* e *Stargate*. As ideias que antes eram prerrogativa exclusiva de esotéricos ‘excêntricos’ agora são geralmente aceitas graças à influência dos episódios de *Arquivo X* e dos filmes de orçamento milionário de Hollywood, como *Contatos Imediatos* e *Independence Day*.”

A cultura popular e os meios de entretenimento de massa podem ter plantado sementes de possibilidade, mas as questões fundamentais permanecem: se há tantos UFOs no espaço com interesse em nosso planeta, então como é possível que relativamente tão poucas pessoas os tenham visto? E como os organismos militares e agências do governo são capazes de restringir o acesso público a esses fatos?

“Boas perguntas. Acredito em algo diferente da maioria a respeito de um aspecto importante. Sou da opinião de que para os extraterrestres terem o tipo de tecnologia adiantada que lhes permite cruzar distâncias incríveis eles teriam de ter um nível de consciência correspondente, de conhecimento ou maturidade espiritual para conceber uma missão dessas antes de tudo. Eles entenderiam que não poderiam interferir na vida dos outros seres, intrometer-se com nosso desenvolvimento ou manipular-nos de acordo com seus interesses porque seria carmicamente desastroso para todos os envolvidos. Assim, em vez disso, eles tentam nos orientar no sentido de uma maior compreensão do Universo, plantando a ideia em nossa mente quanto a haver outras formas de vida por meio de ‘aparências’ escolhidas. “Basta observar a quantidade de UFOs em formação, avistada em plena luz do dia sobre a Cidade do México recentemente e registrada em vídeo. Era como se eles estivessem dizendo: ‘Ei, olhem para nós! Tirem uma fotografia!’. Eles querem que nós os vejamos e aceitemos sua existência como visitantes, não como uma ameaça. Infelizmente, um setor importante dentro dos governos do mundo não quer que confraternizemos com nossos novos vizinhos por razões óbvias.”

David acredita que não é uma questão de os alienígenas serem amigos ou inimigos. Ele está convencido de que não se pode tratar de algo tão simples assim.

“Acredito num cenário do tipo da *Jornada nas "Estrelas*, com uma federação de nações do espaço entre as quais existam uma ou duas rebeldes marginais, assim como existem nações beligerantes na Terra. Não posso imaginá-los como sendo salvadores messiânicos ou déspotas malignos, com planos de invasão. De maneira geral, eles são de natureza amigável, exatamente como nós.”

Para os descrentes, todo o assunto dos UFOs tem sido confundido com as admissões recentes da CIA de que alguns avistamentos poderiam ser atribuídos a aparelhos ultra-secretos, como os aviões espiões de observação conhecidos como “Triângulos Negros”, cuja existência as autoridades vinham negando havia décadas. David afirma que essas últimas revelações apenas avivam as chamas da cortina de fumaça que havia sido plantada pelas autoridades. A verdade é mais complexa do que ambos os lados da discussão a respeito dos UFOs querem que acreditemos.

Em um de seus primeiros livros, *Man-made UFOs 1944-1994*, escrito em coautoria com Renato Vesco, David revela que um projeto secreto americano de um aparelho de observação e ataque com a forma de disco teve início quando os aliados capturaram a tecnologia de discos voadores dos nazistas no fim da Segunda Guerra Mundial. Mais surpreendente ainda é a sugestão de que na mesma época eles também descobriram uma base secreta de “discos” na América do Sul, montada por seguidores do inventor excêntrico iugoslavo Nikolas Tesla, cujos técnicos capturados alegavam já ter enviado missões tripuladas para Marte!

“Tesla foi provavelmente o maior inventor que já existiu”, diz David, que conta uma biografia indispensável do homem entre os seus numerosos títulos.

“E ainda assim poucas pessoas ouviram falar dele. Ele inventou motores de três fases para produzir campos magnéticos rotatórios décadas antes de estes serem oficialmente inventados e usados para gerar energia à cidade de Nova Iorque. Mas o aspecto mais impressionante das invenções de Tesla é que elas não foram produzidas em laboratório, mas criadas em sua mente

quando era um adolescente pobre e ignorante na Iugoslávia! Acredito que ele reinventou aparelhos de nosso passado remoto.”

De acordo com as exaustivas pesquisas de David, entre esses aparelhos antigos incluem-se aeronaves. Em *Vunanci Aircraft of Ancient Índia and Atlantis* ele fornece extensas e detalhadas descrições sobre o que afirma serem antigas aeronaves terrestres, obtidas de traduções de textos indianos em sânscrito, como o *Ramayana*, o *Mahabharata* e o *Vimaanika Shastra*, que datam de 4000 a.C. Isso ele considera como evidência de que os antigos tinham a tecnologia para o vôo movido a motor — chamado propulsão por vórtice de mercúrio. Na verdade, ele descreve o *Vimaanika Shastra* como “um manual de vôo completo”, e no *Mahabharata* os deuses indianos geralmente são representados cruzando os céus em *virmanas*, uma palavra que se traduz por “máquina voadora”.

A passagem a seguir costuma ser citada como exemplo de uma antiga arma semelhante ao *laser*, mas poderia igualmente se aplicar a uma erupção vulcânica:

“Um míssil resplandecente possuído do esplendor de fogo sem fumaça foi descarregado. Uma densa escuridão envolveu subitamente as hostes. Todos os pontos cardeais foram tomados pelas trevas. Ventos malignos começaram a soprar. As nuvens rugiram nas alturas, vertendo uma chuva de sangue... O mundo, chamuscado pelo calor daquela arma, parecia arder de febre”.

Se a interpretação de David para esses textos for correta e tenhamos perdido esse conhecimento arcaico com a destruição de civilizações avançadas como a de Atlântida, por que não recuperamos uma parte do que perdemos com a ajuda dos sobreviventes?

“Essa é outra boa pergunta. Meu argumento é que a concepção aceita da evolução humana como progressão constante das trevas para a luz é errada. Se considerar a história europeia e o desenvolvimento do que chamo de ‘ciência moderna’, você verá que houve uma série de altos e baixos de lucidez intelectual e espiritual seguidos por períodos de trevas e superstição. Por exemplo, sabe-se bem que os gregos e romanos tinham conhecimento infinitamente superior da ciência e da Terra do que os europeus tiveram depois, durante a Idade Média, quando a Igreja Católica reprimiu o que

pôde desse conhecimento para manter a grande maioria das pessoas no imobilismo.

“Meus estudos dos textos e monumentos antigos ao redor do mundo e minhas pesquisas esotéricas levaram de maneira inequívoca à revelação de que a história humana, assim como a vida, é cíclica, não linear. Mas o pensamento ocidental é tão rígido que não consegue conceber que raças antigas tivessem a sensibilidade e a vontade de desenvolver tecnologia avançada. Nos foi ensinado que nossos ancestrais foram todos primitivos, vivendo em cavernas, os quais, subitamente e sem explicação, acordaram uma manhã, cerca de 200.000 anos atrás, e decidiram construir monumentos extraordinários como as pirâmides. Isso não faz sentido, e os arqueólogos prontamente admitem que não têm explicações para o fato, mas assim mesmo recusam-se a acreditar em algo que não pertença a esse ponto de vista tradicional e aceito.

“Todo os anos fazemos novas descobertas e somos forçados a recuar à época em que o homem começou a se comportar como um ser inteligente, então talvez um dia a ciência ortodoxa venha a reconhecer que a nossa concepção ultra-simplificada e arrogante da história precise ser reescrita.”

Se a verdade está aí, então, em minha opinião, David é o homem com maior probabilidade de encontrá-la.

Capítulo Seis - A Conexão Sírio

AS PESSOAS da tribo dogon de Mali, África Ocidental, parecem ter conhecimento detalhado e preciso do Universo, o qual alegam ter sido transmitido a seus ancestrais por visitantes das estrelas. A tribo sabe há séculos que a Cão Maior de Sírio, a estrela mais brilhante do céu à noite, é na verdade uma estrela dupla — um fato não conhecido dos astrônomos até 1862. A companheira da estrela, Sírio B, era invisível inclusive aos mais potentes telescópios, até que o astrônomo americano Alvan Graham Clark a descobrisse praticamente por acaso. Mais impressionante é o fato de que os dogons descrevem Sírio B como sendo constituída de matéria mais densa que Sírio e afirmam que tem órbita elíptica de 50 anos. Ambos os fatos apenas foram confirmados nos anos de 1920, quando o movimento irregular de Sírio foi explicado pela descoberta de que Sírio B era uma “anã branca”, cuja superdensidade podia exercer força gravitacional intensa o suficiente para influenciar a órbita da estrela maior. Seria de esperar que pessoas incultas como aquelas representassem Sírio no centro da órbita estelar menor, mas de novo os dogons a posicionam corretamente em seus desenhos na areia e em pinturas em cavernas — na borda da elipse.

A tradição dogon registra que esse conhecimento sobre Sírio B e outros dados astronômicos (como o fato de que os planetas de nosso sistema solar giram ao redor do Sol, que a Lua é seca e sem vida e que os giros da Terra são em torno de seu eixo) foram confiados a seus ancestrais por deuses com forma de peixes, provenientes da terceira estrela do sistema de Sírio, quase 5.000 anos atrás. (A existência dessa terceira estrela não foi confirmada até 1995, acrescentando outro aspecto impressionante ao mistério Sírio-dogons.)

Os dogons chamavam esses deuses de Nommos e incorporaram histórias sobre eles em seus ritos e rituais, assim como em obras entalhadas, em sua arquitetura, pintura e costumes cerimoniais. Eles descrevem os Nommos como “os controladores do Universo”, “guardiões dos seus princípios espirituais” e “mestres da água”, que chegaram à Terra em uma arca. A descrição detalhada da arca e sua descida lembram de maneira impressionante uma espaçonave a propulsão por foguetes, dizendo que espalhou sua “voz” nas quatro direções, provocando pequena tempestade de areia e deixando marcas no local de impacto.

Dizem que o pouso ocorreu numa região a nordeste de sua atual povoação, no planalto de Bandiagara, numa região na fronteira com o Egito, de onde se originaram seus ancestrais.

Contudo, outras culturas da região, e uma região afastada no campo, parecem se espelhar nas lendas dogons, que sugerem que tanto os ancestrais dos dogons assimilaram essas lendas de seus vizinhos como houve realmente pousos de extraterrestres, dos quais diversas civilizações antigas foram testemunhas.

Na mitologia grega considera-se que a ilha de Rodes tenha sido civilizada por alienígenas anfíbios, com cabeça de cachorro, chamados telquinos, a quem o historiador grego Diodoro da Sicília descreveu como “os descobridores de certas artes e outras coisas úteis para a vida da humanidade”. Do mesmo modo, o sacerdote babilônico Berossus escreveu sobre os Annedoti, seres parecidos com peixes que emergiram de um grande ovo para “civilizar a humanidade”, sob o comando de um líder chamado Oannes, um nome surpreendentemente semelhante à palavra maia “oaana”, com o significado de “aquele que reside na água”.

Uma Explicação Racional

É possível que os egípcios, em lugar dos extraterrestres, tenham sido a fonte do conhecimento dos dogons por terem compartilhado a crença na importância de Sírio, cuja ascensão helíaca espelhava os contornos do Nilo. Foi por essa razão e pelo fato de que Sírio é a estrela mais brilhante no céu noturno que os egípcios a identificaram como a deusa Isis. Talvez os egípcios também soubessem da existência de Sírio B, conforme é sugerido, pelo fato de que na mitologia egípcia Isis tem um companheiro imaginário, o deus-cão Anúbis.

Outra possibilidade seria a de que o conhecimento astronômico dos dogons pudesse ter se originado em tempos mais recentes, pelo contato com missionários ocidentais, estudantes da Moslem University nas vizinhanças de Timbuktu ou de escolas francesas da região, mas isso pode ser refutado com base na antiguidade das obras entalhadas e pinturas. Além disso, os sacerdotes tribais mostraram-se evidentemente relutantes em divulgar esses segredos, que consideravam sagrados, e parece pouco provável que os considerassem assim, caso tivessem origem em viajantes ocasionais ou universitários itinerantes. Foi só depois que dois eminentes antropólogos

franceses, Marcei Griaule e Germaine Dieterlen, ganharam a confiança da tribo, vivendo com eles quase continuamente por mais de vinte anos, a partir de 1921, que os sacerdotes mostraram-se dispostos a compartilhar seus segredos.

Griaule e Dieterlen publicaram suas descobertas em um obscuro jornal universitário em 1950, mas só em 1976 foi que a Conexão Sírrio tornou-se conhecida, com a publicação de *The Sirius Mystery*, de Robert Temple.

Temple é um estudioso ortodoxo altamente respeitado e membro da Royal Astronomical Society que prontamente admite que há ainda muitas perguntas sem respostas em relação ao que ele pôde apenas especular, porém está convencido de que houve diversos pousos mais ou menos simultâneos de uma raça tecnicamente avançada de extraterrestres no antigo Egito e na Suméria por volta de 3500 a.C. Ele também acredita que esses visitantes ajudaram nossos distantes ancestrais a constituir as primeiras civilizações.

Mas como ele foi capaz de deduzir que pode ter havido contato com extraterrestres na Antiguidade a partir dos mitos da antiga Suméria, Egito e África Ocidental?

“A grande quantidade de dados numéricos altamente específicos e informações astronômicas que essas culturas preservaram convenceram-me de que eu não estava simplesmente lidando com mitologia pseudo-religiosa. Eu podia provar que uma boa parte dessas informações eram astrofisicamente corretas. Por exemplo, eles tinham registrado períodos orbitais exatos de determinadas estrelas e planetas e eram capazes de descrever a natureza do que hoje chamamos de matéria superdensa.”

Temple apressa-se em esclarecer a popular interpretação errônea de que pode estar sugerindo um contato direto entre os dogons e extraterrestres.

‘Até onde sei os extraterrestres não vieram a Mali. Os dogons não afirmam ter contato com alienígenas, e eu não sugeri nada disso. O que estou sugerindo é que seus muito antigos ancestrais na Babilônia, Suméria e Egito parecem ter tido contato por volta de 3500 AEC. A ligação com os dogons revela-se em estudos diversos de vários antropólogos que traçaram a genealogia dos dogons até essas antigas civilizações. A evidência mais convincente de uma ligação, até onde estou informado, é o uso de um

vocabulário comum, especialmente em palavras sagradas. Por exemplo, os babilônios chamavam sua montanha sagrada, onde o sol nascia toda manhã, de Mashu. Provei que Mashu é uma palavra importada, que deriva da antiga expressão egípcia para 'veja, o sol'. A ligação é tão óbvia que chega a ser constrangedora.”

Resta, no entanto, uma pergunta fundamental: como ideias altamente avançadas com relação à natureza do espaço, da matéria e dos planetas foram transmitidas pelos visitantes a nossos ancestrais relativamente primitivos, considerando que eles não falavam a mesma língua?

“De novo é uma boa pergunta. Não fazemos ideia de como eles transmitiram esses conceitos ou como ensinaram a nossos ancestrais o que achavam que precisavam saber para seu desenvolvimento. O que sabemos é que os seres que alegavam ter vindo de Sírio eram aquáticos ou anfíbios. Não sabemos se respiravam na atmosfera terrestre ou eram equipados com tanques de ar como mergulhadores. Não é possível conhecermos sua verdadeira natureza a esse intervalo tão grande de tempo, mas sabemos sobre sua aparência física porque ela é descrita muito claramente em textos antigos e pelas tradições orais. Não tenho a menor dúvida de que estamos falando de seres materiais em vez de entidades espirituais referidas em visões, por causa das descrições de sua aparência e ações, que foram registradas por nossos ancestrais. Você só precisa examinar a grande quantidade de detalhes relativos à espaçonave para entender isso. A tradição dogon distingue claramente entre a base orbital, ou nave-mãe, e os veículos de pouso, descrevendo-os como muito sofisticados. Os dogons dizem que, quando os Nommos vieram, a primeira coisa que seus ancestrais viram foi uma nova estrela, que acredito ser a base orbital. Eles a descrevem como se contraindo e expandindo. Então dela veio outro aparelho, que eles descrevem como uma arca, que desceu com um poderoso rugido em meio a poeira e fogo — exatamente o efeito que esperaríamos de uma nave com propulsão por foguetes.

“A tradição é que os Nommos ensinaram aos homens princípios de civilização, tais como as leis e o cultivo de grãos, mas para se garantir eles estabeleceram centros tanto no Egito quanto na Suméria, para o caso de um deles falhar. “Acredito que seja significativo que ambos os centros fossem estabelecidos próximos da água, porque tanto os sumérios quanto os

egípcios falavam dos visitantes como tendo extremidades semelhantes às de peixes. Na verdade, os babilônios, descendentes dos sumérios, observam que seus deuses retiravam-se todas as noites para a água.”

Vinte anos após a publicação original de *The Sirius Mystery*, a convicção de Temple de que houve um contato extraterrestre na Antiguidade aprofundou-se, uma vez que ele descobriu descrições misteriosamente semelhantes de divindades com forma de peixe, como os fundadores de civilização nos mitos de outras, como entre os chineses e os gregos. E ele se recusa a ser tentado a especular se os visitantes transmitiram ou não conhecimentos técnicos avançados aos povos antigos, os quais se perderam com o declínio de suas civilizações.

“Por que as pessoas são tão ansiosas em acreditar que os extraterrestres teriam transmitido a posse de um elevado saber tecnológico a nossos ancestrais relativamente primitivos? Por que uma espécie avançada daria computadores a uma sociedade que, embora culta, era praticamente primitiva? A meu ver, eles nos deram muito. Estabeleceram as primeiras civilizações e nos deram as bases da agricultura e das leis, etc., que para mim é um presente maior do que se tivessem jogado um remédio para o câncer no colo de nossos ancestrais. E uma infantilidade e uma estupidez considerar os antigos contatos extraterrestres como uma espécie de missão de ajuda intergaláctica. Os extraterrestres não estão no negócio de impedir que a vida siga seu curso evolucionário natural ou de agir como seres sobrenaturais, com uma missão espiritual para trazer a iluminação aos pagãos. De alguma forma parece que eles perceberam que estávamos no período inicial de nosso desenvolvimento e teríamos a ganhar aprendendo os princípios superiores da civilização. Ou talvez não soubessem em que estágio estávamos até terem chegado aqui. Não há como saber. Mas estou certo em relação a minhas pesquisas. Nunca as comeci com nenhum tipo de preconceito, nem nunca decidi provar uma teoria de meu agrado, escolhendo as provas que interessassem. Nunca insisti que estava certo.”

Especulações sobre a Esfinge

Recentemente, Temple contestou tanto os tradicionalistas quanto os revisionistas na questão da origem e do propósito do mais enigmático dos

monumentos antigos, a esfinge. Ele questiona veementemente as alegações feitas pelo egiptólogo dissidente John West (ver pág. 30) de que a esfinge foi esculpida com a imagem de um leão:

“Fico impressionado que tantas pessoas aceitem cegamente as conclusões de um homem sobre que a esfinge pode ter tido originalmente o corpo e a cabeça de um leão, enquanto seus próprios olhos revelam que ela não tem nenhuma das características desse animal! Mesmo considerando as reformas executadas segundo as ordens do faraó Quéfren em 2500 AEC, não há vestígio nenhum de traços leoninos. Não há nenhuma cauda de leão com tufo de pelos, nem quarto traseiro parecido com o do leão, ou traços de onde pode ter havido uma juba. O mais importante de tudo é que ela tem as costas perfeitamente retas, o que é totalmente incaracterístico de um leão, mas completamente coerente com o corpo de um cachorro. Minha opinião é que a esfinge era originalmente um Anúbis agachado — o Deus dos Mortos com a cabeça de um chacal, o filho de Osíris e companheiro da deusa Isis. Isso se liga com a ideia de que as três pirâmides foram erguidas por extraterrestres para representar exatamente o alinhamento de seu sistema planetário de origem, Sírio.

“E geralmente aceito que as três pirâmides faziam parte de um culto a Anúbis, e assim é mais do que provável que a esfinge tivesse a forma de Anúbis como o guardião do local sagrado.”

Se for verdade que tivemos contato com uma raça extraterrestre avançada na Antiguidade, por que a influência dela é tão fraca hoje em dia? Por que o homem moderno é tão relutante em aceitar a existência de uma realidade maior e por que as outras raças são tão relutantes em fazer contato conosco outra vez?

“Isso levanta uma questão séria sobre a natureza de nossa espécie. Apenas temos de nos lembrar que nesses tempos, assim chamados esclarecidos, tivemos duas guerras mundiais e milhões de mortos por assim chamadas pessoas civilizadas. Talvez não tenham sido feitos importantes contatos extraterrestres porque somos considerados pelas outras raças como uma espécie psicopata, e eles nos colocaram num tipo de quarentena cósmica. Pode ser que sejamos uma aberração, não eles.”

Retorno dos Deuses?

“Tenho muita esperança numa nova visita daqueles que aqui estiveram em tempos antigos. Os extraterrestres devem ter um domínio da animação suspensa como elemento fundamental da viagem interestelar. Também é altamente improvável que eles tenham planejado sua visita à Terra como uma única viagem. Portanto, eu os imagino lá fora orbitando em animação suspensa — exatamente as mesmas pessoas que se apresentaram aos antigos egípcios e sumérios —, esperando serem despertados por algum tipo de supercomputador, que pode ter ficado monitorando nosso progresso e registrando as novas linguagens que nossos visitantes terão de dominar.

“Minha esperança se prende ao que os dogons dizem sobre a nova estrela deixada no céu quando os visitantes partiram e que se tomou o que chamaram de a Estrela da Décima Lua. Todas as culturas que estudei dizem que os visitantes retiraram-se para regiões fora do sistema solar. Se você fizer os cálculos, eles apenas apontarão para Febe, uma das luas de Saturno. Febe é a única das luas de Saturno que parece ser perfeitamente redonda e lisa — como uma estrutura artificial em vez de um corpo planetário. Isso foi confirmado para mim por um cientista da NASA. Febe também tem uma órbita grandemente retrógrada e é a décima maior das luas de Saturno. Algumas das outras não são mais do que rochas ou detrito espacial. Assim Febe poderia ser literalmente a Estrela da Décima Lua.”

Poderia parecer então que a única coisa que temos de temer não são os visitantes em si, mas nossa reação a eles. Além do mais, as pesquisas de Temple sugerem que eles são fundadores de elevada civilização e explica:

“Eles investiram muito em nosso planeta e fizeram infinitos esforços para que seguissemos o caminho certo, portanto é inconcebível que destruíssem seu ‘experimento’. Mas então de novo foram esperançosos em seus termos. O que podemos considerar como progresso eles podem ver como destruição. Sendo anfíbios, não vão gostar de encontrar nossos oceanos e rios poluídos por nós. E, é claro, somos muito mais perigosos agora do que em 3500 a.C. Quem sabe o que vão fazer se nossa primeira reação for disparar mísseis atômicos ou *lasers* terra-ar contra eles?”

Capítulo Sete - Antigos Astronautas e o Enigma de Nazca

ENTRE OS ANDES e a costa do Peru estende-se uma vasta região árida de 1.300 quilômetros quadrados, conhecida como o planalto de Nazca. Em que pese o estranho emaranhado de morros parecer um lugar estéril, sem características especiais, e ainda assim encravado na terra, encontram-se figuras imensas de pássaros, insetos e desenhos abstratos detalhados, datando de cerca de 1.500 anos atrás. A escala e a precisão anatômica dos desenhos, alguns dos quais se estendendo por até 8 quilômetros de distância, impressionam por suas características, mas o aspecto mais impressionante e inexplicável é o fato de que só podem ser observadas como figuras completas quando vistas do ar.

Foram apresentadas diversas teorias complexas para explicar como um povo primitivo poderia ter feito desenhos tão elaborados como aqueles e por que deveriam tê-los desenhado para poderem ser vistos do céu. A mais plausível dessas teorias afirma que os traços indicam uma pista de pouso para aeronaves extraterrestres, cujos ocupantes vieram à Terra em épocas pré-históricas (entre 10.000 e 40.000 anos atrás) para apressar a evolução humana por intermédio da engenharia genética. Os proponentes dessa teoria pedem-nos para acreditar que esses seres superiores, que segundo alegam teriam se unido com os homens primitivos para produzir o *Homo sapiens*, foram os verdadeiros arquitetos das pirâmides e de outros monumentos do mundo antigo e também foram posteriormente adorados e convertidos em mito, como deuses, por nossos ancestrais.

Tais teorias apareceram periodicamente nos anos de 1950 e 1960, à margem do mundo acadêmico, apenas para serem desprezadas pelos meios científicos oficiais e tachadas como ridículas, mas em 1970 um dono de hotel que se tomou escritor chamou-as de volta à atenção do público em geral, numa série de livros que se tomou de imediato um campeão de vendas.

Erich von Daniken tinha o mesmo ponto de vista em relação à intervenção dos extraterrestres que muitos escritores esotéricos com uma teoria própria a ser demonstrada. Em *Carruagens dos Deuses* e suas continuações, *De Volta às Estrelas* e *Ouro dos Deuses*, von Daniken parecia ter conseguido provar uma ideia preconcebida que evidentemente apelava à sua vívida imaginação, moldando os fatos para se acomodarem à teoria e,

segundo se afirma, esquecendo-se de tudo o que não se conformasse ou que ele considerasse inconveniente.

Além de afirmar que os desenhos de Nazca tinham sido feitos por “inteligências desconhecidas”, como um “campo de pouso improvisado para suas espaçonaves”, ele também atribuiu aos alienígenas a construção de maravilhas da engenharia antiga como a Porta do Sol, em Tiahuanaco, na Bolívia, os muros megalíticos, em Ollantaytambo, no Peru, e a esfinge e as pirâmides do Egito antigo. Mas quanto ao que se refere ao “campo de pouso” de Nazca, a respeitada cientista alemã Maria Reiche, que estudou os desenhos no local por mais de 50 anos, negou a conclusão de von Daniken ao indicar que o terreno era macio demais para que um aparelho de qualquer espécie pousasse e decolasse. “Os homens do espaço teriam ficado atolados”, observou ela ironicamente.

Agora parece provável que os desenhos tenham sido feitos originalmente numa escala menor e então ampliados para o tamanho real pelos povos indígenas. O propósito, de acordo com Johan Reinhard, especialista em mitologia andina, era agradar aos deuses que, segundo acreditavam, ficariam maravilhados com seu esplendor vistos do céu e os recompensariam com a chuva indispensável e necessária para a sobrevivência deles.

Depois de erigir ou inspirar todos os grandiosos monumentos do mundo antigo, os deuses, conforme von Daniken queria que acreditássemos, partiram, deixando um rastro de artefatos antigos, como as “baterias de células secas” e lentes de cristal encontradas na Mesopotâmia, a “calculadora” astronômica de Antiquitera e grande quantidade de gravações em rochas e pinturas rupestres representando aeronaves, astronautas, foguetes e até mesmo operações primitivas de transplante de coração.

A concepção geralmente aceita de que os deuses alados representados em pinturas em cavernas e esculpidos em pedra são mais provavelmente os personagens de significado religioso ou místico parece não ter ocorrido a ele. Nem o fato de que os construtores antigos tivessem o conhecimento de hidrodinâmica e outros princípios básicos de engenharia envolvendo roldanas e alavancas, que lhes permitiram transportar e erguer os enormes blocos de pedra com que construíram seus monumentos grandiosos. As especulações espúrias de von Daniken naturalmente enfureceram os arqueólogos, historiadores e teólogos sérios e assemelhados, que o condenaram por tirar conclusões errôneas e preconceituosas de “evidências”

muito duvidosas, por divulgar uma série de erros factuais e por afirmar ter conduzido pesquisas em locais onde, segundo se diz, ele nunca esteve.

O incidente mais conhecido foi aquele em que ele alegou ter descoberto uma arca do tesouro de artefatos pré-históricos, incluindo uma biblioteca de chapas metálicas com inscrições sobre um pouso de alienígenas, num sistema secreto de túneis no Equador. No entanto, seu guia negou mais tarde que tivessem entrado nas cavernas em questão, que foram bloqueadas por uma avalanche, e afirmou que von Daniken resolveu fotografar relíquias no museu local que eram em sua maioria “refugos”. No entanto, von Daniken teimosa e enfaticamente recusa-se a admitir qualquer fraude ou falha de sua parte:

“Não é verdade que eu tenha admitido dizer que não estive em determinados locais sobre os quais escrevi. Isso tudo faz parte de um antigo mal-entendido derivado de uma entrevista para a revista alemã *Der Spiegel* 20 anos atrás, em que falávamos sobre um de meus primeiros livros, *O Ouro dos Deuses*, em que menciono uma caverna subterrânea no Equador. Agora, desde o início, admito claramente que não estive na entrada principal da caverna — na verdade, estive numa entrada lateral —, mas isso foi considerado como uma admissão de que nunca estive lá! Talvez tenha sido culpa minha. Naquela ocasião, não me preocupava muito com o modo como respondia às perguntas ao falar com os jornalistas. E eu estava preocupado com uma promessa que havia feito à pessoa que descobriu a caverna de não revelar o fato de que ela tinha uma entrada principal com medo de atrair a atenção de caçadores de tesouros e turistas”.

Von Daniken também nega categoricamente todas as acusações de inventar intencionalmente detalhes para sustentar suas teorias:

“Sempre fui muito cuidadoso com minhas pesquisas. Nas páginas finais de todos os meus livros, detalho minhas fontes e relaciono com exatidão de onde vieram os fatos e citações em que me baseei, como se faz na literatura científica — muito embora meus livros não sejam científicos, mas populares. Ainda assim, não só é injusto por parte de meus críticos alegar que sou descuidado em minhas pesquisas, mas também é triste ser atacado dessa maneira”.

Apesar da afirmação de von Daniken de que cita conscienciosamente suas fontes nos locais específicos, o escritor Colin Wilson, por exemplo, o acusou de deixar de reconhecer o trabalho de outros autores “intervencionistas”, como Jacques Bergier e Louis Pauwels, de cujo trabalho se considera que von Daniken tenha se inspirado maciçamente. A defesa de von Daniken parece ser a de que era errado que a imprensa mundial criticasse tanto a ele quanto toda a sua concepção de intervenção extraterrestre, meramente porque ele podia ter sido “descuidado” com relação a alguns fatos. É claro que ele ainda se sente maltratado e distorcido pela mídia, especialmente pela imprensa inglesa.

“Apenas no mês passado um jornal inglês apresentou uma grande reportagem sobre a mais recente teoria de dois cientistas britânicos que alegam ter finalmente provado a origem e a finalidade dos desenhos de Nazca. O jornal fez grande alarde quanto ao fato de os desenhos estarem ligados a um culto aquático e apresentou a história com um título em letras garrafais, dizendo: ‘Von Daniken Finalmente Refutado!’. Quase dei risada, porque publiquei um livro na Alemanha cujo título poderia ser traduzido como *Ciência para a Eternidade*, que trata exclusivamente de Nazca. Nele coloquei todas as teorias relacionadas com os desenhos, incluindo a ideia de que eles tenham que ver com um culto aquático, que é, na verdade, uma ideia antiga e ainda não provada conclusivamente para minha alegria. É claro que esse tipo de história foi colhido pela imprensa na Europa, e então tenho de me defender aqui outra vez.

“O problema é que, embora eu tenha escrito 22 livros, os últimos oito não foram publicados no mercado inglês, assim meus argumentos não foram apresentados de maneira coerente. Todos os meus livros foram traduzidos em outras línguas e desse modo pude apresentar minhas ideias e defender a mim e meus argumentos em entrevistas, mas não na Inglaterra, onde apenas as alegações de meus críticos são ouvidas.”

De qualquer maneira, pode ser que a essência de sua teoria, se não os detalhes, um dia seja provada como correta: que devemos um salto de consciência e nossa evolução física à influência de uma civilização mais avançada de outro planeta. Ainda não temos uma explicação plausível para construções fantásticas como as ruínas de Nan Madol no Pacífico Sul, onde mais de 400.000 pilares de basalto acumulam-se entre a floresta, cada um

deles com até 12 metros de comprimento e pesando mais de 10 toneladas, e para os feitos da engenharia antiga no Iraque e no Peru, para citar apenas alguns casos. No entanto, ao atribuir todas as maravilhas do mundo antigo a forças externas, von Daniken e aqueles que defendem a teoria dos antigos astronautas cometem um erro fundamental: debilitam a engenhosidade, as conquistas e as aspirações de nossos ancestrais que lhes capacitaram deixar a segurança de suas cavernas e traçar a trajetória das estrelas.

O Estudioso Cético

Emmet Sweeny, eminente especialista em arqueologia bíblica e autor de *The Genesis of Israel and Egypt*, respondeu à minha entrevista com von Daniken para desmascarar inteiramente a teoria dos antigos astronautas:

“Nada do que ele [von Daniken] diz tem qualquer fundamento em fatos e não pode ser sustentado por nenhum tipo de evidência. A ideia de que as avançadas civilizações do passado não pudessem ter sido criadas por seres humanos e, portanto, devem ter sido criadas por alienígenas é uma suposição completamente indefensável”.

Sweeny reconhece que as mitologias antigas parecem registrar acontecimentos incríveis, mas esses acontecimentos estão sujeitos a numerosas interpretações, que são muito menos fantasiosas que aquelas propostas por von Daniken e seus simpatizantes.

“Os povos antigos acreditavam que os deuses viviam no céu, mas o fato é que a mitologia antiga nos diz claramente que os povos antigos consideravam os próprios planetas como deuses. Marte, por exemplo, era o deus Marte. Ele não o representa... [Nem há] necessidade de pressupor alienígenas do espaço para explicar algo que é, na verdade, um arquétipo comum entre visionários e místicos.”

Sweeny afirma que não descobriu evidências de intervenção extraterrestre nos tempos antigos e alega que nossa evolução e o desenvolvimento da civilização podem ser facilmente acompanhados numa trajetória lógica e coerente, com um despertar gradual da consciência. Ele é inflexível em relação ao fato de que as pirâmides do Egito e outras

maravilhas do mundo antigo foram feitas pelo homem e que foi possível projetar o componente alienígena na equação, simplesmente por causa das incoerências cronológicas perpetuadas pelas instituições acadêmicas oficiais. Ele indica que a concepção da comunidade acadêmica oficial é a de que as pirâmides foram construídas no terceiro milênio a.C, com ferramentas de cobre que von Daniken e seus seguidores têm considerado francamente improváveis e impraticáveis, tendo em vista as dimensões das construções. Sweeny, ao contrário, sugere que elas foram erguidas muito mais tarde e cita os relatos do escritor grego Heródoto, segundo o qual elas foram construídas antes da invasão etíope no século VIII a.C, quando os egípcios teriam acesso a ferramentas de ferro e aço. Sweeny acusa os professores e pesquisadores universitários de ignorar Heródoto e outras fontes antigas, com base em que, por serem antigos, não são confiáveis, e então fechar os olhos à descoberta de artefatos de aço em túmulos da época das pirâmides porque não se encaixam com as teorias aceitas.

Se Sweeny está certo e as pirâmides datam de 800 a.C, isso também explicaria como os construtores antigos foram capazes de incorporar alto grau de precisão em suas obras, enquanto eram capazes de utilizar os princípios da geometria pitagórica.

Não há registros de que essas construções tenham sido erguidas por deuses, mas há registros que afirmam que elas foram construídas em homenagem aos deuses.

“A ideia de que os deuses estavam no céu é a mais primitiva e universal das ideias humanas e para isso há uma explicação clara e simples”, afirma Sweeny.

Ele cita a teoria controversa do dr. Emmanuel Velikovsky, que trabalhou num projeto com Albert Einstein, que sustenta que muitos dos mais controversos mitos do mundo, especialmente as lendas de continentes perdidos e do Dilúvio, derivam de uma série de catástrofes naturais verdadeiras no segundo milênio a.C. Acredita-se que a colisão com um cometa tenha alterado o eixo da Terra, ocasionando a formação de ondas colossais no mar que inundaram os continentes, criando extensa atividade na placa tectônica que produziu novas cadeias de montanhas e atirou ilhas para o fundo do mar. Portanto, era natural para nossos ancestrais olhar para o céu não só como fonte de sobrevivência, conforme é simbolizado pelo Sol, mas também como fonte da indignação e do desprazer dos deuses.

De acordo com Sweeny, muitas culturas antigas usaram meteoritos com

objetivos rituais, porque os consideravam como vindos do céu, e por essa razão os locais de impacto, como Stonehenge, tomaram-se lugares cerimoniais sagrados.

“Por toda a Europa Ocidental foram encontrados círculos de pedra contendo traços de radioatividade e que, de novo, podem ser bem explicados pelo fato de que quase certamente foram erguidos no local de impacto de um meteorito...

Todas as relíquias mais sagradas dos antigos foram meteoritos, e estes eram adorados simplesmente porque tinham vindo do céu, que era a morada dos deuses.”

Sweeny concorda que as ideias de von Daniken causaram impacto porque tinham um fundo de verdade, porém acredita que os mistérios do Universo não serão resolvidos olhando-se para o céu, mas, em vez disso, para as ideias que residem por trás dos sistemas de crenças antigos que animam seu significado.

Capítulo Oito - A Conspiração Stargate

LYNN PICKNETT e Clive Prince, autores de *The Stargate Conspiracy*, alegam ter identificado um erro fundamental na concepção mundial ortodoxa de estudiosos e arqueólogos que afirmam que os antigos egípcios construíram as pirâmides, para que fossem túmulos, usando técnicas de construção que se perderam com o declínio de sua civilização.

PICKNETT: “Uma das coisas que mais me impressionaram quando visitei os túmulos no Vale dos Reis foi a abundância de inscrições que foram as paredes, os sarcófagos, na verdade, cada centímetro do interior. Mas não há nenhuma inscrição nas pirâmides de Gizé. Se as pirâmides de Gizé foram construídas para os faraós mortos, com certeza deviam ter sido ornamentadas da mesma maneira, com os encantamentos com a finalidade de ajudar na jornada da alma após a morte.”

Picknett e Prince sugerem que seus esforços para revelar uma alegada conspiração por historiadores “alternativos” e os serviços de informação do governo para criar o que chamam de “fundamentalismo híbrido” são mais importantes que a questão de a humanidade ter sido ajudada ou não por extraterrestres que tinham interesses específicos.

PICKNETT: “Se nossa teoria estiver certa, então os serviços de informação têm manipulado a população da mesma maneira que a máquina de propaganda nazista ‘reeducou’ a população alemã para apoiar a guerra e seu programa de genocídio. Os serviços de informação sabem que se a população puder ser ‘encorajada’ a focalizar seus medos e inseguranças latentes numa raça alienígena, imaginada ou outra coisa, então será muito mais fácil de controlá-la.

“Mas enquanto a teoria dos antigos astronautas não pode ser desmentida conclusivamente, ela é em última análise negativa, porque fere a nossa auto estima. Pessoalmente, não acho que os mistérios não explicados das pirâmides sejam tão fundamentais à nossa compreensão da história humana como muitos querem que sejam. Tenho a impressão de que foram seres humanos que as construíram e que os outros monumentos grandiosos do mundo antigo também foram feitos pelo homem, mas não me sinto à

vontade em admitir que isso significa que tiveram conhecimento e tecnologia superiores, obtidos de extraterrestres.

“O que sabemos de verdade é que os antigos egípcios tinham grande conhecimento de astronomia e química, que a comunidade acadêmica oficial parece ter muita relutância em reconhecer. É mais conveniente aos estudiosos acreditar que nossos ancestrais eram primitivos supersticiosos, embora as evidências arqueológicas e documentárias contradigam essa presunção, até certo ponto arrogante.

“Os egípcios não conheciam alguns princípios mais básicos, como a construção de arcos e pontes, que teriam feito se tivessem recebido a ajuda de extraterrestres. E realmente muita presunção querer que a civilização tenha ingressado de imediato na estrada do progresso ajudada por alienígenas, cuja linguagem nem ao menos entendíamos — que dirá sua matemática avançada —, simplesmente porque não conseguimos entender como tomaram medidas tão precisas e deslocaram aqueles blocos de pedra imensos.”

Picknett e Prince criticam especialmente a nova onda de historiadores revisionistas, como Graham Hancock e Robert Bauval, que especularam se as maravilhas do mundo antigo são mesmo o trabalho de sobreviventes de um continente perdido ou se foram supervisionadas por uma inteligência superior do espaço.

PRINCE: “Hancock parece apresentar uma argumentação muito convincente para uma herança comum, mas se você examinar as descobertas dele com atenção elas são muito seletivas e deixam de apresentar qualquer coisa que possa ser chamada de concreta ou conclusiva. Em um de seus primeiros livros, *Fingerprints of the Gods*, ele cataloga uma quantidade de artefatos surpreendentes, que desafiam uma explicação tradicional por parte dos arqueólogos ortodoxos, porém não tem nada para sustentar suas próprias teorias quanto à origem desses artefatos. Autores como Hancock geralmente surgem com alguns artefatos incríveis, mas insistem em im por suas próprias ideias a respeito deles ou tentam fazer com que se encaixem com alguma outra coisa encontrada em outro lugar no mundo, com que não têm relação. Essa abordagem ‘pega e mistura’ é fundamentalmente autoderrotista, uma vez que apenas tem como resultado envolver a coisa em mais mistério ainda.

“Um exemplo clássico disso é quando ele data a esfinge como pertencente a um período supostamente tropical no passado pré-histórico do Egito. Porém, quando verificamos melhor as informações, não encontramos evidências de um período de umidade no 11º milênio, na verdade é bem o contrário. A dra. Sarah O’Mara, do Departamento de Pesquisas de Terras Áridas da Sheffield University, autoridade mundial em climas desérticos, declarou que antes de 8000 AEC não há evidência de que seres humanos estivessem vivendo na região, que era árida e fria demais para ser habitada. Não temos nada contra a afirmação do dr. Robert Schoch de que a esfinge poderia ser de 6500 a.C, mas nada além disso parece ser a racionalização de um desejo da parte de Hancock que precisa que ela date de 10500 a.C para que se encaixe em seu cenário da Atlântida.”

Picknett e Prince questionam uma interpretação literal da mitologia, em que os deuses dos povos antigos são interpretados como visitantes do espaço.

PRINCE: “Não fazemos nenhuma objeção lógica contra o contato com extraterrestres ou a migração de sobreviventes de uma civilização perdida. Na verdade, admitimos que haja argumentos convincentes em defesa de ambos, mas o que questionamos é a tendência de autores como Erich von Daniken e Zecharia Sitchin que interpretam todos os mitos literalmente como um fato consumado, sem considerar se podem ser símbolos de uma experiência espiritual ou que tenham sido criados para transmitir valores morais ou verdades eternas, o que com certeza é a finalidade original dessas lendas.

“O problema é que esses mitos da Nova Era criam e perpetuam a si mesmos. Com isso quero dizer que alguém que seja um partidário de Edgar Cayce, por exemplo, e que acredita que por trás da esfinge existe uma biblioteca secreta com a sabedoria da Atlântida, fará o máximo para convencer os outros da sua existência. Mesmo quando acham que ela não existe, continuam a especular sobre sua localização. Por fim, irá se tornar claro que eles levaram a todos a um beco sem saída, assim como os líderes de cultos apocalípticos costumam fazer, mas podem continuar essa pesquisa por muito tempo e disseminar suas próprias crenças no processo.

“No outono de 1999, o dr. Joseph Schor, que comanda uma organização dedicada à busca de evidências da Atlântida, obteve uma licença de busca

de um Salão de Registros sob a esfinge. Agora outros pesquisadores serão capazes de alegar que as autoridades egípcias reconheceram oficialmente a existência de arquivos atlantes, porque concederam a licença, ainda que elas simplesmente tenham declarado o que ele disse que estava procurando. É assim que esses mitos conseguem obter uma aparência de fato. Pessoalmente, não acredito que exista alguma coisa de valor a ser descoberta naquele local. Tudo já foi exaustivamente pesquisado e documentado. Será que alguém realmente acredita que arqueólogos experientes teriam deixado passar uma descoberta importante como essa?”

Por mais que se possa querer acreditar que nossos ancestrais tiveram contato com seres benignos de outro mundo — nem que seja para achar que não estamos sozinhos no Universo —, Picknett e Prince têm motivos para ser racionais e realistas. Basta apenas lembrar da comoção provocada pelo fiasco do Rosto de Marte para sentir que uma dose elevada de ceticismo não seria fora de propósito, até que todos os fatos estivessem expostos.

Uma foto da região de Cidônia em Marte feita pela nave orbital *Viking* da NASA em 1976 mostrava o que parecia ser um rosto esculpido sobre a superfície do planeta. Muitas pessoas acreditaram que se tratasse dos restos de uma esfinge marciana cercada por pirâmides e que os construtores teriam vindo à Terra em épocas antigas para ajudar os egípcios a construir estruturas semelhantes.

Ao longo dos 20 anos seguintes, uma porção de cientistas importantes e especialistas famosos como Arthur C. Clarke foram persuadidos a se juntar a uma campanha orquestrada para pressionar a NASA a cobrir a área com imagens de alta resolução, para afastar a suspeita de que a agência espacial americana estava ocultando suas descobertas da população. Uma verdadeira indústria de produções literárias e documentários de televisão sensacionalistas exerceu grande pressão sobre a teoria conspiratória, estimulada pelo repentino fracasso dos computadores de bordo durante a missão de agosto de 1993, no exato momento em que estavam programados para fazer tomadas da superfície do planeta. Esse fracasso fundamental e dispendioso certamente pareceu suspeito, e o caso em relação ao jogo de interesses em torno da face rendeu muitas interpretações, mas então, em abril de 1998, a Global Explorer obteve imagens de alta precisão da região, e a NASA liberou-as imediatamente. Depois de toda a especulação e dos boatos na mídia, o rosto revelou-se afinal e de maneira conclusiva como

sendo um conjunto de crateras e montanhas. Os traços do rosto ainda eram vistos, mas o efeito curioso produzido pelas sombras haviam desaparecido com a luz. Não inesperadamente, talvez, os defensores mais ardentes e clamorosos do rosto recorreram ao auxílio de computadores para “restaurar” a ilusão e retomar à contenda.

PRINCE: “Essa preocupação com civilizações perdidas e artefatos alienígenas revela que o que realmente perdemos foi o sentido de autoconfiança com que os egípcios construíram as pirâmides. Eles acreditavam em si mesmos porque acreditavam na imortalidade da alma; que eram todos eles centelhas do divino. Os homens e mulheres que fizeram grandes conquistas científicas em nosso tempo, como Einstein, o fizeram porque também acreditavam em si mesmos. Mas nós perdemos a crença em nosso próprio potencial infinito e com ele a visão que inspirava os antigos a construir seus impérios. Se você duvida, basta olhar para a mídia para ver como nos tornamos passivos sob o dilúvio de uma sobrecarga de informações. Recentemente ouvi uma pessoa que ligava para uma estação de rádio dizendo que tudo inventado depois da Segunda Guerra Mundial foi o resultado direto da tecnologia recuperada da nave que teria caído em Roswell!

Acho tudo isso muito triste e perturbador.”

PICKNETT: “A questão importante a enfatizar é o que essas histórias revisionistas nos dizem a respeito da condição humana. Elas revelam que estamos querendo abrir mão de nossa herança cultural e negar as conquistas feitas pela humanidade porque fomos condicionados desde a infância a nos desprestigiar. Por 2.000 anos nos foi ensinado que não temos a centelha divina, que somos pecadores miseráveis que não fazem jus ao amor divino, a menos que façamos por merecê-lo, assim aspiramos à atenção e até mesmo à afeição de certo tipo de lugar ‘lá em cima’ no céu. O que estamos dizendo é, pelo amor de Deus, vamos começar a nos comportar como deuses outra vez.”

Capítulo Nove - O Planeta Vivo

A CIÊNCIA TEM conseguido desmistificar muitos dos enigmas do mundo natural, mas mesmo os maiores cérebros admitem que não são capazes de explicar por que a vida continua a florescer na Terra contrariando as leis da física.

Nossos rios deviam estar saturados de sal por causa de inúmeros anos de erosão e ainda assim alguma coisa parece ter regulado o ecossistema de água natural, de modo que a vida se sustente. E depois de um século sendo agredida com poluentes industriais, combustíveis fósseis e emissões de fumaça, a atmosfera devia conter dióxido de carbono suficiente para matar todas as pessoas do planeta, de acordo com os princípios da termodinâmica. Enquanto a matéria e a energia obedecem às leis da ciência, a Terra em si parece estar exercendo sua própria influência, no sentido de assegurar nossa sobrevivência.

A Deusa Terra

A ideia de que a Terra é uma entidade viva que sustenta toda a vida, como mãe que sustenta seus filhos, era uma crença central entre os homens primitivos. Os povos pré-históricos e os pagãos dos últimos séculos viam a Terra como uma deusa a ser venerada e satisfeita, em troca do que ela abençoaria os fiéis com fertilidade e colheitas abundantes. Os gregos antigos chamavam-na de Gaia, nome adotado pelo cientista britânico James Lovelock em seu livro: *Gaia: The Practical Science of Planetary Medicine*.

Lovelock formulou sua controversa teoria da Terra como uma entidade viva durante os anos de 1960. Embora não defendessem a crença de que a Terra é um ser consciente e sensível, Lovelock e sua assistente, a bióloga Lynn Margulis, apresentaram uma argumentação convincente de que a Terra seria mais do que uma massa de rocha inanimada em que o destino permitiu a manifestação da vida por acaso. Essa fora a concepção científica aceita por mais de um século. Lovelock e Margulis foram criticados por essa teoria otimista quando sugeriram que nosso planeta é um organismo auto-regulado e auto-sustentado, capaz de influenciar a composição química e a temperatura dos quatro reinos físicos — a atmosfera, a biosfera, a litosfera e a hidrosfera. Além do mais, eles afirmaram que a capacidade da Terra de se

regenerar sugere que ela se livra dos poluentes da mesma maneira como nosso corpo enfrenta as infecções, o que, novamente, é contrário à concepção científica ortodoxa.

Padrões de Energia e Locais Sagrados

Se a Terra é um organismo vivo, é razoável considerar que ela irradie alguma forma de energia. Acredita-se que os médiuns sejam capazes de “ver” a aura de energia etérica (vital) que envolve os seres vivos, e os místicos têm comentado sobre a vibração da natureza, mas ninguém ainda mediu ou provou de alguma forma a existência da energia terrestre. No entanto, foram feitas tentativas de registrar as linhas dessas forças invisíveis pelo método não científico, mas infalivelmente preciso, conhecido como rdomancia, realizado tanto com um pêndulo quanto pela varinha mágica, para revelar a relação entre as linhas e os locais sagrados importantes do mundo antigo.

Na década de 40, um advogado e rdomante amador, Guy Underwood, declarou ter confirmado a existência de lençóis de água subterrâneos em diversos locais, que haviam sido identificados oficialmente por membros do Museu Britânico. A varinha mágica de Underwood moveu-se para a esquerda, indicando o curso de água, como ele esperava, deixando-o com um conjunto de linhas paralelas entre 30 e 60 centímetros, que assinalavam a largura do lençol subterrâneo. Mas numa segunda série de leituras Underwood foi levado para a direita, enquanto a varinha traçava uma série de desenhos geométricos complexos que pareciam indicar a existência de linhas de força sob a Terra. Underwood acha que nossos ancestrais eram sensíveis a essas forças e que erigiram seus monumentos sagrados onde adivinhavam a existência de concentrações do que ele batizou de “forças geodésicas”.

Encorajado por suas descobertas, Underwood fez uma pesquisa em Stonehenge e outros locais sagrados, incluindo as famosas figuras gigantescas de giz escavadas nas encostas de Wandlebury, Uffington e Cerne Abbas. Em cada um desses locais ele descobriu que suas bordas e contornos combinavam com as linhas de forças geodésicas que ele traçava com sua varinha mágica. Underwood concluiu que os filósofos e sacerdotes das antigas religiões pareciam acreditar que, especialmente quando manifestada em formas espirais, a força terrestre era envolvida por um

poder regenerador da natureza e mantinha-a toda em equilíbrio.

É claro que é possível que Underwood tenha influenciado inconscientemente o movimento da varinha mágica, mas isso não invalida suas descobertas, uma vez que se acredita que a varinha age como uma antena para a sensibilidade psíquica do rbdomante. O conceituado catedrático e arqueólogo britânico professor Tom Lethbridge, por exemplo, sustentava a tese de que a varinha mágica atua como extensão da intuição do arqueólogo, tendo comprovado seu potencial pessoalmente durante uma expedição arqueológica, quando localizou com sucesso veios de rocha vulcânica em grandes profundidades subterrâneas na ilha Lundy. Existem inúmeros casos semelhantes comprovando a eficácia do pêndulo, mas ainda que as evidências dessa natureza sejam impressionantes, não são consideradas como provas conclusivas. Assim mesmo, quem quer que já tenha testemunhado um rbdomante em ação ou sentido a atração da varinha mágica pessoalmente irá achar difícil negar que há alguma coisa nela.

É possível que a Terra gere força geodésica de maneira semelhante à que o corpo humano irradia sua força vital. Essas ondulações poderiam exercer influência sutil sobre as células nervosas de todas as coisas vivas que compartilham a mesma vibração, embora cada um de nós seja provavelmente sensível a ela em graus diferentes. Isso poderia explicar por que podemos ser animados pela atmosfera de determinados locais e deprimidos pela de outros, mesmo que não tenha ocorrido um incidente violento no local. Esses poderiam ser locais de polaridade negativa ou positiva.

A crença na existência de uma matriz de energia invisível sob a Terra não se restringe a esotéricos modernos ou catedráticos de pensamento independente. Essa era uma base para as crenças e práticas dos antigos chineses, que acreditavam que o fluxo de energia da Terra expressava as forças primordiais negativa e positiva. Eles procuravam canalizar essa energia com a construção de pagodes, onde consideravam que a corrente podia estar bloqueada por aspectos topográficos, um princípio que é básico para a prática da acupuntura, em que agulhas são inseridas em pontos de energia bloqueada. Aqui o corpo humano é considerado como uma expressão do mundo natural.

Pedras Sagradas

Em anos recentes os diversos círculos de pedras sagradas espalhados por toda a Europa têm sido investigados por cientistas e catedráticos que suspeitam que nossos ancestrais pagãos podiam ter erguido esses monumentos antigos para servir como foco mais de forças naturais que de sobrenaturais. Antes de 1930, a concepção aceita era a de que monumentos como Stonehenge tinham sido construídos por povos primitivos, como templos para uma divindade anônima a quem sacrificavam vítimas à força. Contudo, em 1934, o engenheiro escocês Alexander Thom revelou o que acreditava ser a verdadeira finalidade de tais monumentos e ao fazê-lo abalou a imagem convencional da Europa pré-cristã como tendo sido habitada por selvagens ignorantes e supersticiosos.

Thom descobriu que uma linha de pedras, ou menires, que levava até um círculo de pedras megalítico acima do lago Roag, nas Hébridas Exteriores, estava em alinhamento perfeito com a estrela polar. Contudo, na época em que esses monólitos foram erguidos, no século V a.C, o padrão celeste teria sido inteiramente diferente, significando que as pedras não podiam ter sido erguidas usando a estrela polar como referência. Se as estrelas não lhes serviram de guia, os construtores desse e de outros monumentos antigos deviam ter conhecimento rudimentar de geometria e engenharia para colocar as pedras em seu padrão com tanta exatidão.

Thom, evidentemente, considerou a ideia tão inacreditável quanto seus colegas, a quem apresentou inicialmente suas descobertas, e assim, para fundamentar sua teoria, devotou o restante de sua vida a visitar os diversos monumentos pré-históricos da Europa, onde realizou medições detalhadas. Sua dedicação foi recompensada com a impressionante descoberta de que todos os monumentos utilizavam uma mesma unidade de medida padronizada, à qual Thom chamou de jarda megalítica (2,72 pés ou cerca de 83 centímetros). Se os povos da Europa pré-histórica compartilhavam de um conhecimento comum de geometria e engenharia que os capacitava a erguer círculos sagrados com habilidade e precisão admiráveis, os monumentos deviam servir a uma finalidade importante. Mas por que eles se dariam a tanto trabalho se a finalidade de tais monumentos fosse meramente a de agradar aos seus deuses? Com certeza um altar de pedra bruta seria suficiente. Thom comparou seus cálculos em relação a diversos monumentos e ficou impressionado ao descobrir que as posições das pedras em todos eles podiam ser usadas para prever eclipses do Sol e da Lua.

As conclusões de Thom, publicadas como *Megalithic Lunar Observatories*, foram aperfeiçoadas durante a década de 60 pelo professor britânico Gerald Hawkins, que foi capaz de explicar a finalidade de diversas características curiosas em Stonehenge que confundiram arqueólogos durante décadas. Hawkins gerou por computador um mapa do céu da região, como este teria se apresentado no segundo milênio, e descobriu que um eclipse lunar ou solar ocorreu a cada 18,61 anos, quando a lua de inverno era cortada pela Heel Stone, uma das pedras do monumento.

Para prever uma série de eclipses, tudo o que os antigos tinham de fazer seria calcular o intervalo entre cada um deles. Um eclipse da Lua ou do Sol ocorria a cada 19 anos, durante o segundo milênio a.C, quando a lua de inverno apareceria sobre a Heel Stone, ou a cada 18,61 anos para ser exato. Para calcular esse intervalo entre os eclipses os sacerdotes de Stonehenge moviam uma pedra de um buraco para o seguinte a cada ano; 56 buracos são a soma de dois períodos de 19 anos e um de 18, o que corresponde ao número de buracos na vala externa.

Com o que se aprendeu posteriormente com os artefatos e descrições remanescentes de rituais pagãos, sabe-se que a Lua tinha grande importância para os povos da Europa pré-cristã, que a consideravam como a representação de uma deusa. Mas hoje parece que a Lua também pode ter sido a fonte de energia etérica que teria se concentrado em tais locais durante certas épocas do ano e armazenada nas pedras com finalidade mágica. O elevado conteúdo de cristal em algumas das pedras deu margem a especulações sobre se elas serviram a finalidade semelhante à dos pagodes da China antiga, como condutores de energia celestial e terrestre, com o monumento em si atuando como uma forma de amplificador.

Essa teoria controversa foi recentemente creditada a dois eminentes físicos da Universidade de Londres, o professor John Taylor e o dr. Eduardo Balinowski. Eles mediram o campo magnético de um megálito situado próximo a Crickhowell, no sul de Gales, que revelou intensa concentração de energia magnética. Mais incrível foi a descoberta deles de que obtinham leituras diferentes para as diversas partes da mesma pedra, que muda de polaridade de acordo com a configuração das constelações.

Tocando a Força

Aqueles que se consideram médiuns ou sensitivos em relação às

energias terrestres e estiveram num círculo sagrado ao amanhecer ou ao anoitecer comentam sobre terem sentido a força das pedras que vibram ao serem tocadas. Essa sensação confirma que a pessoa está agindo como condutor da força geodésica, como os altos sacerdotes podem ter feito no auge de suas cerimônias, na esperança de atrair energia terrestre revitalizante para então abençoar a Terra com ela e assegurar sua fertilidade.

Em sua autorizada pesquisa sobre cultos pagãos e religiões primitivas intitulada *The White Goddess*, o poeta e romancista inglês Robert Graves refere-se ao calendário druídico que ele acreditava ter sido fundamental entre as sociedades neolíticas (4000-2400 a.C) da Europa e que insinuava que o culto da deusa Lua pode ter sido a religião basilar do Ocidente. A conclusão de Graves foi a de que a deusa Lua foi cultuada como a musa da arte e da intuição, mas acabou sendo suplantada pela adoração do deus Sol, que personificava o conhecimento mundano e o intelecto. Ele sugeriu que a crescente importância do culto ao Sol levou a civilização ocidental a adotar o monoteísmo patriarcal (a crença em um deus) e com ele uma ênfase crescente foi colocada na religião ortodoxa em oposição à magia natural. Na época, a ciência tinha precedência em relação ao sobrenatural, à custa talvez do lado sensitivo da natureza humana.

Tendo analisado detalhadamente algumas das evidências físicas e pesado os argumentos, parece-me que não há prova conclusiva de que a Terra foi visitada por extraterrestres na Antiguidade, mas muitos dos que fortalecem a suspeita que defende a teoria dos antigos astronautas exercitam sua imaginação mais do que seu intelecto, no sentido de fundamentar suas especulações espúrias. Negar a tese dos antigos astronautas não nega, é claro, a existência de formas de vida extraterrestre (como será visto na Segunda Parte), mas é pouco razoável e ilógico presumir que só porque não podemos explicar todas as maravilhas do mundo antigo devemos atribuir sua construção a homens do espaço. Se os extraterrestres tivessem visitado a Terra, provavelmente não teriam sobrevivido à nossa atmosfera, e se nossos ancestrais não tivessem corrido aos gritos ao alto das montanhas ao avistá-los, os alienígenas certamente não teriam sido capazes de conversar com nossos ancestrais, nem transmitir os conceitos por trás dos monumentos que se atribuem a eles.

Contudo, um número cada vez maior de evidências apoiando a crença de que nossos ancestrais possuíam um grau considerável de conhecimentos de astronomia, navegação e construção pode explicar a origem de seus

monumentos maravilhosos e é possível que tenham herdado suas habilidades de uma civilização bem mais antiga. Mais uma vez parece que estamos ansiosos demais em considerar que esse conhecimento significa que eles possuíam tecnologia avançada ou que tinham compreensão maior do mundo e de seu funcionamento do que nós. Ao contrário, as evidências físicas revelam que suas percepções eram perturbadas por superstições e pela necessidade de considerar seus mitos literalmente. Eles se imaginavam à mercê de deuses caprichosos que tinham de ser agradados, ao passo que nós desmistificamos amplamente o Universo e aceitamos a ideia de que somos todos responsáveis por nosso destino e coletivamente responsáveis pelo mundo que habitamos. Nesse sentido, ao menos fizemos alguns progressos.

Segunda Parte - Enigmas Extraterrestres

Sempre que surge a pergunta sobre a existência ou não de formas de vida extraterrestre em algum lugar no Universo, o senso comum, os fatos científicos e a lógica raramente sustentam os argumentos, e a discussão envereda para uma questão de crença pessoal. Na Segunda Parte, sugiro que é a nossa percepção da realidade que precisa ser examinada, e não as fronteiras do espaço, para que as respostas que buscamos possam ser obtidas não só pela descoberta de evidências físicas apenas. Talvez a verdade tenha se mostrado fugidia, porque não estamos lidando com um fenômeno puramente físico, como imaginávamos até então.

Meus próprios avistamentos de UFOs foram suficientes para me convencer de que eu tinha visto algo “alienígena” na minha experiência.

O primeiro ocorreu em 1978. Eu estava numa festa na região norte de Londres. Era uma tarde quente de verão e não havia nuvens no céu. Saí para o jardim e ao olhar para cima vi uma luz branca no céu, à meia distância. Não era uma luz comum. Ela apresentava forma elíptica diferente, e depois de permanecer imóvel por alguns minutos vagou pelo céu velozmente, numa trajetória incerta de linhas entrecruzadas. Depois de cerca de dez minutos ela disparou no céu e desapareceu de vista. Diversas outras testemunhas do fenômeno concordaram que sua luminosidade, forma e manobras não se encaixavam a nenhum aparelho construído pelo homem ou fenômeno natural, como um relâmpago esférico.

O segundo avistamento ocorreu poucos meses depois, enquanto eu caminhava com meu pai, próximo da casa dele, na costa de Kent no início da noite. O céu estava sem nuvens e coalhado de estrelas. Olhando para cima, vimos três luzes coloridas movendo-se, no que parecia ser uma formação bem próxima. Eu as teria ignorado como sendo um avião se não apresentassem o mesmo padrão de vôo incerto que o objeto misterioso que eu vira no norte de Londres. Elas voavam tão alto que não podíamos distinguir seu formato, mas as luzes coloridas que cada uma das formas emitia permaneciam constantes, ao contrário de um avião, que tem um tipo de luz para a cauda e as asas.

Esses dois incidentes ocorreram depois que eu começara a me interessar por UFOs, após o filme *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, de Steven Spielberg. O fato de eu ter vivido dois avistamentos em poucos meses, depois de ter visto o filme e nenhum antes, pode sugerir que o interesse intenso num fenômeno produz uma forma branda de histeria, durante a qual somos inclinados a nos convencer de que vivenciamos algo importante.

Queremos acreditar porque neste momento a sociedade compartilha um interesse comum, e nós naturalmente queremos estar incluídos nela. Quanto mais impressionante for a experiência, mais interessante a pessoa parece se tornar, considerando-se a incidência crescente de abduções por alienígenas nos últimos anos. Já não basta ter visto luzes misteriosas no céu. Se quisermos a atenção, precisamos de um contato físico.

No entanto, minha própria experiência levou-me a acreditar que o interesse público por um fenômeno serve apenas para elevar nossa consciência em relação a algo que já existe. Depois, tendo meu interesse por UFOs estimulado pelo filme, passei a observar o céu por meses na expectativa de avistar algo e fiz um esforço consciente para distinguir objetos incomuns de outras luzes no céu. Meu vizinho podia ser visitado por UFOs à noite, mas não sendo um ávido observador do céu eu não poderia me dar conta disso. A exemplo da maioria das pessoas, nunca tive tempo nem inclinação para fazer isso, a menos que algo estimulasse meu interesse e aumentasse meu nível de consciência além do comum. Creio que essa seja a chave para a solução da maioria dos fenômenos. Simplesmente estamos tão envolvidos em nosso próprio mundo que mal nos damos conta da realidade maior que nos cerca.

Capítulo Dez - Encontro Imediato em Roswell

EM 8 DE JULHO DE 1947 a primeira página do jornal Roswell Daily Record anunciava a captura de um “disco voador” que, segundo se afirmava, caíra numa fazenda vizinha no Novo México. Esse não era outro embuste ou história alarmante do tipo criado na dramatização para o rádio por Orson Welles de Guerra dos Mundos, mas um relato oficial publicado pelo Exército americano. Em consequência, as notícias enviadas para a mídia nacional se multiplicaram, e a febre dos UFOs varreu todos os Estados Unidos. Assim, tão subitamente quanto surgira, a história foi sufocada pela mesma fonte oficial que dera a informação inicial, o tenente Walter Haut. Tudo não passara de um engano embaraçoso, admitiu ele. O que eles pensavam que fossem pedaços de um UFO não passava de restos de um balão meteorológico. No dia seguinte, numa entrevista coletiva à imprensa, foram apresentados pedaços do balão aos jornalistas que, diligentemente, repercutiram a versão oficial. Ainda assim, ninguém indagou como foi possível a oficiais militares experientes ter confundido fragmentos delgados de alumínio e pedaços de madeira com os restos de um UFO, nem se pensou em perguntar como um balão poderia ter produzido a enorme quantidade de detritos que foram encontrados espalhados pelo local.

Cinquenta anos depois, após muita insistência em busca da verdade por parte de ufólogos e uma intensa especulação pela mídia, o Exército foi forçado a retratar sua história e admitir que mentira sobre o desastre. Não se tratava de um balão meteorológico, admitiam os militares, mas de um aparelho ultra-secreto de observação, projetado para espionar os testes nucleares soviéticos. Mas isso não satisfaz os céticos, que citaram o fato de que a história do “disco capturado” fora liberada para divulgação pelo comandante da base, coronel Blanchard, que deveria estar informado sobre quaisquer testes ultra-secretos na região. Os céticos continuaram convencidos de que o governo e os militares tinham conspirado para encobrir a verdade sobre a queda, para evitar o pânico e ganhar tempo para estudar a tecnologia alienígena. Que outra explicação poderia haver, diziam, para justificar os testemunhos obtidos em seguida de testemunhas entre o pessoal militar e civil contradizendo a versão oficial? Ou as mortes misteriosas de testemunhas-chave e o desaparecimento de arquivos relativos ao incidente — arquivos esses que haviam sido identificados numa

investigação oficial por parte do Serviço Geral de Administração do governo americano em 1944? Mesmo concordando com a desconfiança dos ufólogos a respeito das agências oficiais do governo, parece haver mais no incidente Roswell do que foi relatado na ocasião, muito mais a se crer em pesquisas recentes.

O "Encobrimento"

A “verdadeira” história da queda de um disco voador e seu subsequente encobrimento começou em 1978, quando o físico nuclear e pesquisador de UFOs Stanton Friedman entrou em contato com o ex-major do Exército Jesse Marcei. O major Marcei fora responsável pela coleta e entrega dos destroços para a base militar de Wright Field, em Ohio, onde se armazenavam os equipamentos inimigos capturados. Ele fora fotografado com fragmentos do balão na entrevista coletiva à imprensa no dia seguinte, mas, de acordo com Friedman, fizera aquilo contra a vontade, obedecendo a ordens de seus superiores. Roswell era na época a base para a unidade da bomba atômica americana, e Marcei era o oficial de informações. Ele sabia que os destroços com que lidara não eram os de um balão. Na verdade, não se pareciam com nada que tivesse visto antes.

Marcei precisara de dois veículos para recolher a grande quantidade de material, que era consideravelmente maior que a que um balão seria capaz de produzir. O material espalhou-se por uma superfície de mais de 1 quilômetro, de modo que Marcei mais tarde qualificou como sendo característico de um objeto que tivesse explodido acima do chão, enquanto se deslocava em alta velocidade. “Ficou bem óbvio para mim”, explicou ele, “que estava acostumado com atividades aéreas, que não se tratava de um balão meteorológico nem de um avião ou míssil.”

No caminho de volta para a base, o major Marcei parou em casa para mostrar os destroços do aparelho para a esposa e o filho pequeno Jesse, o que provavelmente não teria feito se os restos fossem de um balão ou de uma sonda militar secreta.

O menino lembrou-se de ter visto o pai num estado de alta ansiedade, o que parece pouco provável se os destroços fossem de origem terrestre. Jesse falou de ter visto fragmentos de lâminas de metal, com uma superfície menos reflexiva que o alumínio, e que um colega de seu pai tentou em vão amassá-los com uma marreta. Ele também descreveu ter manuseado

cilindros de liga leve com 30 a 45 centímetros de comprimento, com símbolos geométricos gravados.

Na manhã seguinte o local do acidente foi cercado por um cordão de isolamento e de lá se retiraram os fragmentos remanescentes, enquanto o tenente Haut preparava o informativo à imprensa anunciando a captura de um UFO acidentado. De acordo com Stanton Friedman, foi a ação precipitada de Haut que provocou a reação automática do diretor de Operações do Comando Aéreo Estratégico, general McMullen, em Washington. Quando as notícias do incidente chegaram a McMullen, ele ordenou que o coronel Dubose, chefe do Estado-Maior de Fort Worth, preparasse uma versão sobre o incidente, que Friedman diz ter “lançado o governo americano em uma campanha de desinformação a longo prazo”. Em defesa de sua ação, Dubose é citado como tendo afirmado: “Tínhamos acabado de sair de uma guerra mundial (...) então surgiu esse negócio de disco voador. Teria sido demais para o público enfrentar”.

Depois de o Exército ter abafado todos os rumores sobre a queda de um disco voador com a história do balão meteorológico, o major Marcei teria recebido ordens de não falar sobre o assunto com ninguém e por sua vez pressionou a esposa e o filho a prometerem manter segredo do que haviam visto. Não deviam comentar o assunto nem mesmo com seus amigos mais íntimos, muito menos com estrangeiros.

Corpos de Alienígenas

O tenente Haut também recebeu ordens de não comentar sobre a nova versão do incidente, embora também estivesse convencido de que os destroços do UFO eram verdadeiros. Recentemente ele comentou que não havia “nenhuma chance de que os destroços fossem de um balão”, acrescentando: “Pode ser que tenha caído um balão, mas ele não tinha nada que ver com a queda do disco”.

Se realmente houve a queda de um UFO em Roswell, ela provoca a questão óbvia: “Havia alienígenas a bordo da nave e, em caso afirmativo, o que aconteceu com os corpos?”. Friedman acredita ter encontrado a resposta quando entrevistou Glenn Dennis, funcionário da casa funerária Ballard Funeral Home, que prestava serviços fúnebres para a base militar.

Dennis afirma que em julho de 1947 ele fora consultado pelos militares, que lhe perguntaram como poderiam lidar com “corpos pequenos”.

Esses poderiam, é claro, ter sido macacos que haviam sido usados como pilotos de teste ou que haviam sido mortos durante uma experiência secreta, mas é altamente improvável que os militares tivessem consultado um agente funerário sobre corpos, aos quais poderiam dar um destino facilmente. Dennis afirma ter sido expulso à força da base em sua próxima visita, quando foi ver se podia ajudar com os corpos. Ele também afirma ter feito contato na base com uma enfermeira que vira de relance uma autópsia sendo feita em dois corpos pequenos e sem pêlos, com fendas em lugar de orelhas, nariz e boca. Eles tinham a pele marrom-acinzentada, quatro dedos, mas sem polegar. Quando Dennis tentou novamente entrar em contato com a enfermeira, disseram-lhe que ela emigrara para a Inglaterra, mas, depois de obter o novo endereço dela, ele diz que as cartas que enviou retornaram com a observação “falecida”.

O interesse no incidente Roswell intensificou-se depois da transmissão de um documentário de televisão na série *Unsolved Mysteries*, pela cadeia NBC, em 1989, que atraiu 28 milhões de espectadores nos Estados Unidos, e a subsequente publicação de grande quantidade de livros sobre o assunto. Entre esses incluía-se uma pesquisa impecável de Friedman intitulada *Crash at Corona* (em co-autoria com o especialista em aviação Don Berliner), que confrontava entrevistas de 92 militares e civis que afirmavam ter algum envolvimento com o acidente.

Uma dessas testemunhas era um ex-soldado anônimo e fotógrafo da Força Aérea (que insistiu em ser identificado apenas pelas iniciais F. B.). Ele declarou que voou de sua base, na Estação Aeronaval de Anacostia, em Washington, D.C., para Roswell uns dois dias depois do suposto acidente, quando lhe disseram para fotografar os restos de quatro corpos alienígenas que haviam sido encontrados próximo ao local do acidente. As fotos nunca foram publicadas, mas a descrição dos corpos pelo fotógrafo é incrivelmente semelhante àquela feita pelo agente funerário Glenn Dennis e aos corpos vistos, no que se acredita ser a filmagem da autópsia de um alienígena descoberta em 1992 e posteriormente televisionada para uma audiência de milhões de pessoas em todo o mundo em 1995. Diversos militares envolvidos com o incidente Roswell dizem ter identificado o alienígena na gravação da autópsia como sendo a mesma criatura que viram, mas o proprietário do filme, o produtor de gravação Ray Santilli, afirma que o cameraman lhe disse que fez a gravação em 31 de maio de 1947, próximo a Socorro, no Novo México. A dedução lógica é que houve

dois incidentes fatais na região.

A "Autópsia" de Alienígenas

No clima de intenso interesse que se seguiu à descoberta da gravação da autópsia em 1993, diversas perguntas fundamentais permaneceram sem respostas, e muitas anomalias nunca foram satisfatoriamente explicadas. O filme fora descoberto em Ohio, em 1993, por Ray Santilli durante uma busca por gravações originais e inéditas de Elvis Presley. Santilli afirma ter comprado a gravação de Presley de um cameraman que fora das Forças Armadas chamado Jack Bamett, que então lhe oferecera a gravação da autópsia. Mas investigações feitas por um jornalista de televisão francês revelaram que a verdadeira fonte da gravação de Presley fora um discjôquei de rádio de Ohio, Bill Randle, que admitiu que contratara Bamett para fazer o filme da autópsia, o que implica que este era falso. Bamett morreu em 1967 e portanto não podia ter vendido a gravação para Santilli em 1993. Quando Santilli foi inquirido sobre esses fatos, alterou sua declaração, alegando que "Bamett" era um nome adotado pelo verdadeiro fotógrafo, que evidentemente não queria se identificar como o autor.

A idade do filme em si também fora posta em questão depois que Santilli afirmou que a Kodak verificou que o rolo fora fabricado em 1947. A Kodak negou em seguida ter recebido quaisquer amostras para testes e revelou que as marcas de identificação que Santilli disse estarem à vista na margem do filme também poderiam ser encontradas em filmes fabricados em 1927 e 1967.

Uma investigação independente feita pelo pesquisador alemão de UFOs Michael Hesemann revelou que duas sequências de três quadros haviam sido submetidas ao especialista em fotografia Bob Shell, ex-consultor do FBI, para análise e que ele não foi capaz de localizar o ano exato de fabricação, mas estava convencido de que fora antes de 1958. O único problema era que as amostras não mostravam nenhum alienígena e podiam, portanto, ter saído de outro rolo de filme.

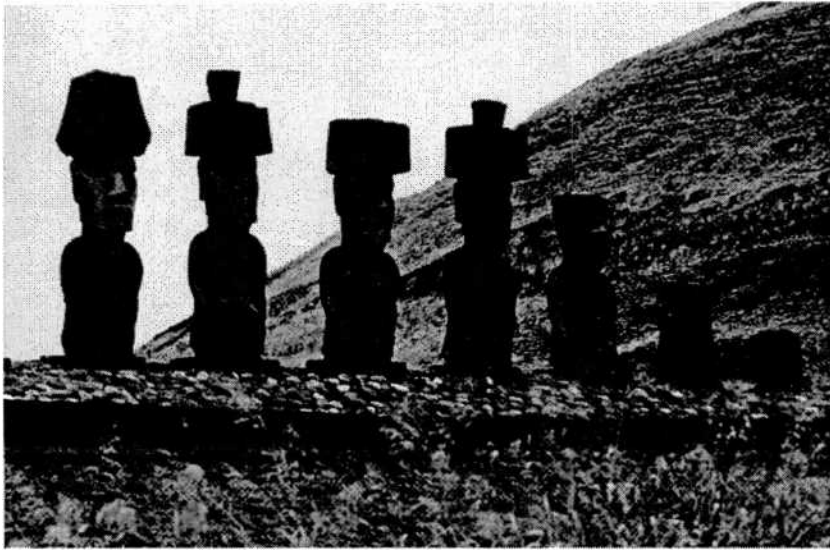
Investigações posteriores produziram mais lacunas na história do fotógrafo anônimo quando uma sucessão de ex-cameramen de combate contribuiu com seus conhecimentos ao debate. Todos concordaram com que não haveria motivo para buscar um fotógrafo de avião em Washington, uma vez que havia diversos deles no Novo México, incluindo um na base militar

de Roswell. Além do mais, observaram que, depois da guerra, as autópsias militares eram gravadas em cores por uma questão de rotina, enquanto a autópsia do alienígena fora filmada em preto e branco, com imagens tremidas, num estilo amadorístico como nenhum cameraman militar poderia fazer. Considerando o filme como urna farsa, o ex-cameraman de combate Joe Longo afirmou: “Se alguém da minha unidade fizesse um filme daquela maneira, seria mandado para a cozinha para lavar panelas”.

Quanto à gravação em si, existem diversas irregularidades no procedimento da autópsia e incoerências com relação à aparência dos corpos, que sugerem que o filme é uma farsa. Especialistas em efeitos especiais observaram o fato de que os detalhes anatômicos são coerentes com um boneco moldado a partir de uma pessoa em pé no momento da confecção do molde e não combinam com o de um cadáver. Um patologista americano, dr. Ed Uthman, referiu-se em ásperas palavras ao desempenho dos médicos que, segundo ele, mais pareciam atores claramente pouco à vontade na frente da câmera. O dr. Uthman observou que as incisões feitas eram incertas demais para patologistas profissionais, que teriam sido mais metódicos, cortando “mais fundo e rápido”.

As sequências cruciais mostrando os segmentos de pele sendo dobrados para trás estão faltando, o que os especialistas em efeitos especiais sugerem que seja porque o corpo provavelmente foi feito de borracha de látex que se enruga ao ser manipulada daquela maneira. Também há uma seqüência faltando entre o momento em que o crânio é serrado e a remoção do cérebro do “alienígena”, o que, de novo, indica que foi necessária uma pausa, neste caso para acomodar o cérebro no crânio vazio.

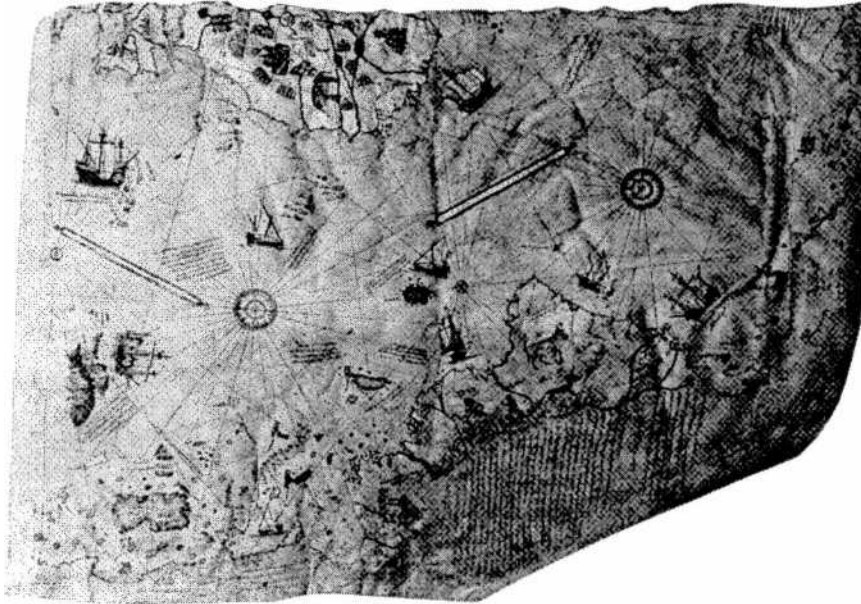
E o mais comprometedor de tudo talvez seja o detalhe pequeno, mas significativo, do tipo que levaria a desmascarar a parte culpada numa investigação ficcional de assassinato. Uma das últimas cenas mostra bem de perto a lata de filme com a data de “julho de 1947” e a legenda “Processamento Interno” claramente assinalada. O que alguém parece ter ignorado é o fato de que o selo oficial do Departamento de Defesa só viria a entrar em uso muitos anos depois!



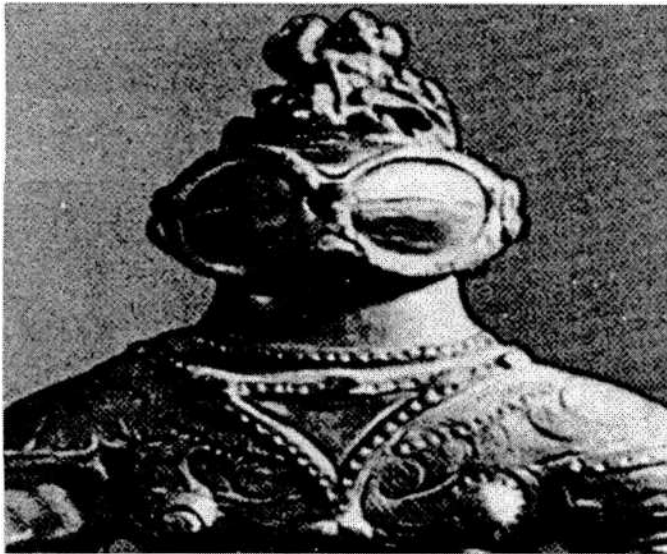
Acima: O controvertido escritor Erich von Daniken, defensor entusiasmado da teoria dos antigos astronautas, acredita que as feições das estátuas de pedra da ilha de Páscoa, no oceano Pacífico, são de extraterrestres que foram abandonados na Terra em tempos antigos.



Acima: A cidade maia de Chichen Itza, na península mexicana de Yucatán, incorpora medidas que demonstram conhecimentos avançados de astronomia por parte de seus construtores.



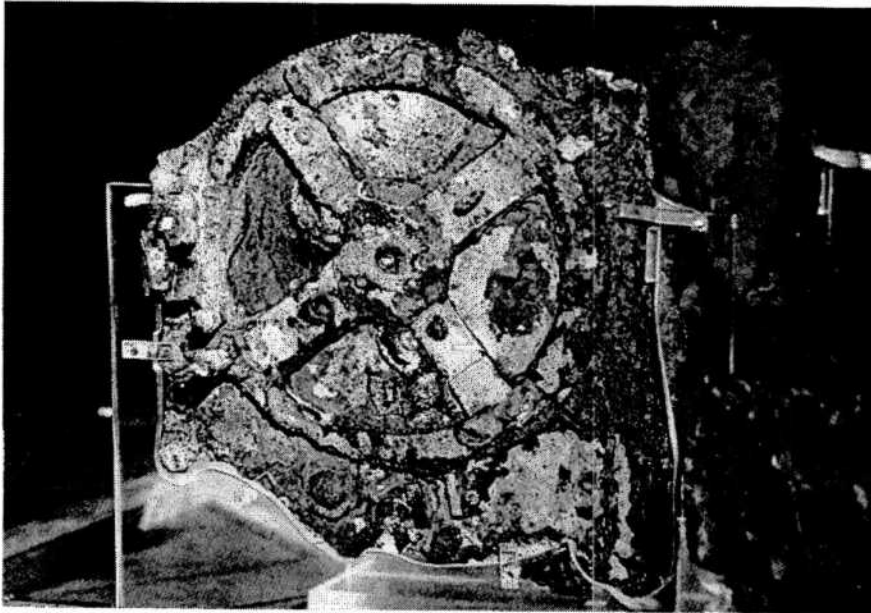
Acima: O catedrático americano Charles Hapgood acreditava que o mapa de Piri Reis (1513), com uma precisão de até meio grau, baseou-se em cartas desenhadas por uma antiga nação marítima, talvez a civilização perdida de Atlântida.



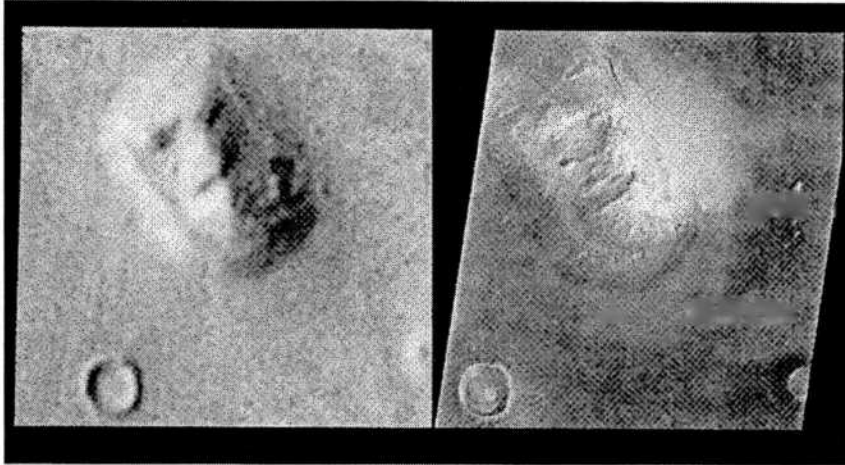
Uma escultura dogu japonesa de 5.000 anos de idade, usando o que parece ser um capacete e óculos.



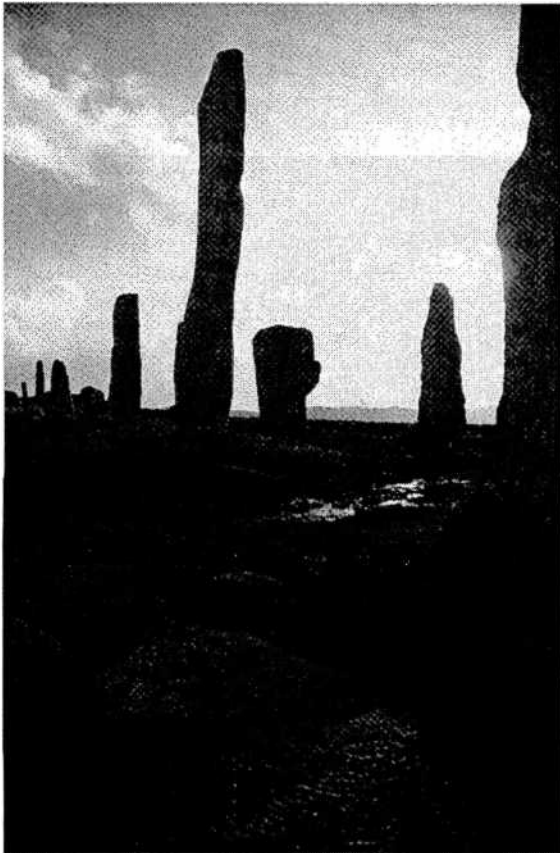
Acima: Vista aérea de uma figura de “astronauta” gravada na superfície do planalto de Nazca, no Peru, datando de 1.500 anos atrás.



Acima: Fragmentos do mecanismo Antiquitera, um sistema complexo de engrenagens e medidores considerado como sendo o primeiro “computador”. Esse mecanismo — usado para determinar posições do Sol, da Lua e das estrelas para a navegação — foi descoberto entre os destroços de um navio datado de 4 a.C.



A foto da região de Cidônia, em Marte, feita pela nave Viking em 1976, que despertou o debate sobre o “rosto de Marte”. dir.: Uma imagem em alta resolução do “rosto” feita em 1998 revela que há um conjunto de crateras e montanhas.



O engenheiro escocês Alexander Thom descobriu que não só os construtores antigos dos círculos de pedra — como este em Callanish na ilha escocesa de Lewis — parecem ter conhecimento impressionante de geometria e rudimentos de engenharia, mas também que todos os monumentos usam a mesma unidade padrão de medida.

Capítulo Onze - Seriam Falsos os Pousos na Lua?

QUANDO O ASTRONAUTA americano Neil Armstrong tornou-se o primeiro homem a pisar na Lua, em 20 de julho de 1969, cerca de 600 milhões de pessoas ao redor do mundo testemunharam o acontecimento histórico pela televisão. Para muitos foi a realização de um sonho, o momento em que a humanidade finalmente libertou-se de ser prisioneira da Terra e posicionou-se para explorar as fronteiras do espaço. Houve uma sensação comum de orgulho pela grande conquista, que encontrou sua expressão nas palavras imortais de Armstrong: “Este é um pequeno passo para o homem, mas um salto gigantesco para a humanidade”.

No entanto, na euforia do momento, poucos notaram algumas anomalias nas fotografias oficiais da NASA, que ainda não foram explicadas satisfatoriamente. Tampouco ninguém pensou em questionar como determinados obstáculos decisivos para um pouso tripulado na Lua foram miraculosa e misteriosamente superados, exatamente a tempo de cumprir o prazo estabelecido pelo presidente Kennedy.

Sabe-se que a NASA realizou um estudo de viabilidade no início dos anos de 1960, que teria revelado menos de 1 por cento de possibilidade de sucesso. Ainda assim, no final da década, fomos levados a acreditar que os homens pousaram na Lua num foguete cujo computador tinha menos capacidade de processamento que uma moderna calculadora de bolso. Apenas depois que o programa Apoio foi desativado, seguindo-se a missão final para a Lua em dezembro de 1972, a evidência foi analisada em detalhes por aqueles que suspeitavam que os pousos na Lua podiam ter sido falsos.

O Fator Raios-X

Para chegar à Lua os astronautas tinham de atravessar o Cinturão de Van Allen, uma barreira de proteção de partículas carregadas, criada por raios cósmicos pelos campos magnéticos da Terra. Esse fenômeno natural protege a Terra da radiação letal do Sol. Uma vez ultrapassada essa barreira, a tripulação estaria exposta a doses intensas e ininterruptas de radiação, tendo apenas um fino revestimento de chumbo no foguete como escudo de proteção. A NASA nunca explicou como superou esse problema

fundamental.

Antes da Apoio 11, todas as missões tripuladas americanas orbitavam a apenas algumas centenas de quilômetros acima da Terra, sob a segurança desse teto. Alguns dos partidários da teoria da conspiração avaliaram esse fato e sugerem que a Apoio 11 não fora além do Cinturão de Van Allen, mas simplesmente circulara ao redor da Terra até o momento programado do retorno. Eles suspeitam que o pouso na Lua foi falseado pela NASA, que se encontrava sob forte pressão para mandar um homem à Lua até o fim dos anos 60, para cumprir o prazo extensivamente divulgado do presidente Kennedy. Para os efeitos da propaganda, os Estados Unidos tinham de ser vistos como vitoriosos em relação aos russos na corrida espacial, enquanto a NASA sabia que seu financiamento no futuro dependia do sucesso. Se os cientistas da NASA superaram esse problema fundamental a tempo para os pousos posteriores ainda é uma questão de intenso debate e especulação entre os céticos.

A Evidência Fotográfica

Acredita-se que evidências mais concretas de um encobrimento possam ser encontradas nas fotografias oficiais da NASA para o pouso da Apoio 11 e também de missões posteriores que, se forem verdadeiras, sugerem uma conspiração continuada para enganar o público.

Se ninguém fosse tolo o suficiente para guardar seus filmes fotográficos na geladeira e depois assá-los no forno após bater as fotografias, não esperaria obter bons resultados. Mas foi efetivamente assim que os astronautas trataram seus filmes quando os tiraram de uma área de sombra densa para a brilhante luz solar na superfície da Lua, onde as temperaturas variam de um extremo a outro. Não é insensato supor que as temperaturas extremas teriam impossibilitado o carregamento do filme, que teria se fundido numa gosma pegajosa. Além disso, o filme fotográfico é altamente sensível aos raios-X, como aprenderam a duras penas os desafortunados que tiveram suas fotos de férias “nubladas” pelos antigos sistemas de segurança dos aeroportos. As fotos dos astronautas deviam ter sido prejudicadas pela radiação solar de maneira semelhante durante a viagem pelo Cinturão, mas saíram todas perfeitas. Talvez perfeitas demais. Na missão Apoio 11, Armstrong e seu colega Buzz Aldrin foram dotados com câmeras Hasselblad profissionais de foco fixo, presas ao peito, que tinham lentes

teleobjetivas de 250 milímetros e visores em cima. O procedimento para carregar o filme numa Hasselblad é semelhante ao usado nos primeiros dias da fotografia, quando se trocavam as chapas fotográficas antigas. Trata-se de uma operação delicada e complicada que requer mãos firmes e dedos ágeis. Os astronautas da Apoio usavam luvas grossas de borracha que tomavam a substituição do filme um grande problema.

Mas talvez o aspecto mais intrigante sejam as sombras deixadas pelos astronautas e seu equipamento que não parecem combinar com as condições nas quais disseram que as fotografias foram feitas. A NASA alega que a única fonte de luz era a do Sol, e ainda assim na famosa foto mostrando Armstrong e Aldrin plantando a bandeira americana na superfície da Lua eles lançavam sombras desiguais, embora estivessem a alguns centímetros de distância um do outro. Outra foto, mostrando Aldrin sozinho com Armstrong e o módulo lunar refletido em seu visor, é suspeita por diversos motivos. O primeiro é que a sombra à direita de Aldrin é leve demais para o maior contraste, que é característico da Lua. O Sol, à esquerda dele, deveria produzir uma sombra escura em seu lado direito e ainda assim podemos ver claramente cada ruga de seu traje espacial. Mais curioso ainda é o terreno atrás de Aldrin que vai escurecendo, mas deveria estar distinto até o horizonte, uma vez que não há atmosfera na Lua para afetar a luz. A NASA explicou esse fenômeno observando que o filme fotográfico pode fazer com que objetos distantes pareçam mais escuros quanto mais longe estão da câmera. No entanto, esse argumento não convenceu os céticos, que alegam ter identificado todo um conjunto de detalhes curiosos, incluindo um objeto misterioso refletido no visor de Aldrin na mesma fotografia. Esse objeto pode ser visto claramente contra a escuridão acima do horizonte, onde se pode esperar ver um pedaço de equipamento de filmagem se fossem feitas imagens falsas em estúdio.

Se as fotos foram feitas em um estúdio, isso também explicaria por que detalhes como as placas de inscrição dos Estados Unidos na lateral do módulo lunar são iluminadas, quando deveriam estar na sombra, uma vez que não há refração da luz na Lua, e o Sol estava correndo no lado oposto. A mesma anomalia pode ser vista em fotos de missões subsequentes que especialistas em fotografia dizem sugerir a presença de mais de uma fonte de luz, como ocorreria num estúdio de filmagem.

Outra singularidade é a ausência de estrelas no céu em muitas das fotografias oficiais da agência espacial. De acordo com Maria Blyzinsky,

curadora de Astronomia no Observatório de Greenwich, em Londres, a falta de atmosfera na Lua deveria tornar as estrelas claramente visíveis, embora a NASA rebata esse argumento alegando que a luz solar era tão forte que obscurecia a luz das estrelas. As fotografias de missões seguintes revelam outras peculiaridades, como a falta de marcas de queimado e uma cratera embaixo do módulo lunar que se esperaria tivesse sido criada pelo foguete no pouso.

Essas irregularidades inexplicadas levam a crer que as fotos tenham sido falseadas, mas há uma evidência concreta para a qual os adeptos da teoria da conspiração não têm uma explicação — a peça de 340 quilos de rocha lunar radioativa que a NASA orgulhosamente apresentou ao exame do público e de especialistas independentes no retorno dos astronautas. Os geólogos encontraram menos silício e alumínio que seriam encontrados em rochas da Terra e consideravelmente mais magnésio, ferro e titânio, o que não lhes deixou nenhuma dúvida de que essas amostras vinham de uma fonte extraterrestre.

Mascarar ou Encobrir?

Uma teoria que ninguém parece ter considerado é a possibilidade de os pousos terem ocorrido, mas a NASA ter ficado embaraçada por seus filmes não terem sobrevivido à viagem pelas razões já apontadas. Em seu desespero para satisfazer à expectativa do público, explorar seu golpe publicitário e segurar seus financiamentos futuros, ela tolamente forjou fotografias num estúdio, talvez onde o pouso tenha sido ensaiado previamente. Ou talvez tenham usado as fotografias feitas durante aqueles ensaios.

Um cenário semelhante foi caracterizado no filme de 1978 *Capricorn One* e no filme de 1971 de James Bond *Os Diamantes são Eternos*. Isso sugere que os rumores sobre fotos forjadas tenham circulado entre os técnicos de cinema e encontrado aplicação na ficção, ou que um informante tenha deixado vazar as informações na forma que pudesse atender à expectativa do público. Se for verdade, eles com certeza atingiram seu objetivo.

Capítulo Doze - Vida Lá Fora

A CRENÇA NA existência de extraterrestres evoluiu, como a maioria das coisas, gradualmente. A maioria das pessoas; que compartilham dessa crença convenceu-se pela enorme quantidade de casos relatados e filmes e fotografias desfocados. Poucas pessoas, se é que existem, teriam suas convicções abaladas pelos céticos, embora provavelmente nunca tenham tido um encontro imediato pessoalmente. Em casos extremos, uma pessoa pode expressar sua crença com a intensidade assustadora, a fé cega e a paranoia correspondente de um fanático religioso. Por esses motivos é difícil encontrar uma dessas pessoas que seja objetiva e mais raro ainda encontrar uma que entenda as bases científicas para a existência de alienígenas e os aspectos práticos de uma viagem interestelar. O escritor de obras científicas Michael White, autor de *The Science of the X-Files* e *Life Out There*, é uma dessas raras exceções. Ele apresenta uma argumentação convincente contra a possibilidade de viagem interestelar e a existência de visitantes alienígenas na Terra.

“Eu não a descarto inteiramente, mas ela é impraticável em dois sentidos. Um é que a viagem interestelar é uma coisa muito difícil de realizar, o que não significa dizer que não tenha sido feita porque deve haver civilizações extraterrestres dezenas de milhares de anos adiantadas em relação a nós, e eu espero que os seres humanos venham a ser capazes de viajar a essas distâncias em cinco ou dez mil anos. Mas um argumento mais forte é que nós simplesmente não somos importantes o suficiente para garantir tal tipo de atenção por parte dos extraterrestres. Até onde sabemos, somos um planeta insignificante — a menos que haja algo de especial com nosso planeta de que não temos consciência no momento. Somos apenas um dentre um bilhão de planetas em nossa galáxia, e eu simplesmente não vejo por que deveríamos ser visitados o tempo todo!

“Existem incontáveis milhões de galáxias lá fora; portanto, a diferença em favor da abundância de vida inteligente no Universo é elevada. Alguns deles devem ter a tecnologia para viajar a outros mundos, mas não aceito a ideia de que venham à Terra regularmente e na proporção tão grande quanto sugerem os relatos de avistamentos. Os astrônomos ainda têm de identificar os planetas habitáveis mais próximos de nossa galáxia para viabilizar a

proposta de uma viagem desse tipo.

“Acredito que tenham vindo uma ou duas vezes em tempos antigos e que essas visitas tenham sido registradas na mitologia das primeiras civilizações e em algumas das visões descritas na Bíblia, mas é muita pretensão nossa e também ilógico supor que eles estejam rondando nosso espaço aéreo por sermos incrivelmente interessantes e importantes. Tampouco acredito em todos os casos de supostas abduções, porque eles são totalmente ilógicos. Para os supostos abduzidos trata-se apenas de um delírio egocêntrico.”

Está bem de um ponto de vista intelectual, mas e se as leis da ciência, que estão sendo constantemente corrigidas à medida que o conhecimento e a compreensão humana aumentam, não se aplicam a outros lugares do Cosmos?

“A ciência tem provado que suas leis se aplicam em todo o Cosmos. Nós chamamos a isso de homogeneidade. Trata-se na realidade da primeira lei da ciência e diz que o que acontece aqui, acontece “lá fora” também. Isso porque todos evoluímos do mesmo Big Bang. O material que se encontra numa estrela a bilhões de anos-luz de distância tem praticamente a mesma composição daquele de que nós e a Terra somos feitos.

Os mesmos 111 elementos básicos encontram-se em toda a parte. Não existe um “elemento X” misterioso que irá invalidar ou contradizer as leis que estabelecemos como sendo aplicáveis em todo o Universo. Os astrônomos conhecem positivamente a composição da matéria de estrelas distantes, sem ter de ir lá, por meio da espectroscopia, que compreende a análise de seu espectro de radiação. Estudando os movimentos das estrelas, também somos capazes de dizer que as mesmas forças que atuam lá também atuam em nosso sistema solar. Assim, não existem leis estranhas que possam ser quebra das por uma raça adiantada. As mesmas leis que tornam a viagem interestelar impossível para nós no momento aplicam-se igualmente a eles.

“A única maneira pela qual eles podem viajar por enormes distâncias na velocidade necessária para tomar a missão viável seria se pudessem encontrar uma brecha nessas leis. E há apenas duas maneiras pelas quais eles seriam capazes de fazer isso. Uma é usando *wormholes* [túneis na geometria do espaço-tempo que, segundo se acredita, ligam diferentes regiões do Universo], e a outra é pela viagem pelo hiperespaço, ou *surfing*,

que basicamente requer que a nave contraia o espaço à sua frente e o expanda atrás de si, como na *Jornada nas Estrelas*, quando a USS *Enterprise* entra em velocidade de dobra. Realmente, não há nada de errado com nenhuma dessas duas ideias; ambas são possibilidades dentro das leis da relatividade geral, mas a nave teria de distorcer o contínuo espaço-tempo como um minúsculo buraco negro.

Nem mesmo os cientistas entendem como isso ocorreria na prática. O principal problema com a viagem pelo hiperespaço é que ela exigiria uma quantidade fenomenal de força de trabalho — o equivalente à energia produzida pelo Sol durante toda a sua existência! É claro que deve haver outras maneiras que não conhecemos ainda, assim como não conhecíamos esses dois métodos alguns anos atrás. Portanto, não estou descartando nada.”

E se a matéria vibra numa frequência diferente em outras dimensões menos densas, permitindo que seres mais evoluídos e as naves que tenham criado superem as limitações de nosso mundo físico?

“Tenho de dizer que para um cientista há apenas quatro dimensões, embora haja um conceito matemático que permita mais 26, mas isso é teórico e não significa na verdade que aceitamos a existência de universos paralelos ou coisa parecida. Quando as pessoas usam expressões como “outras dimensões”, essa ideia é sempre vaga e simbólica. Quando você as pressiona para dizer o que realmente estão querendo dizer com isso, elas nunca sabem.

A ciência não aceita a ideia de que a matéria vibra em frequências diferentes. O argumento de que uma forma superior de vida possa existir fora de nossa dimensão como resultado de alguns princípios que permitem que a matéria mude de forma em nosso mundo físico não resiste ao questionamento.

“Aqui na Terra o gelo pode ser transformado em água e depois em vapor, mas isso não prova que a matéria foi alterada pela frequência de suas vibrações. O que acontece é que se produziu uma mudança nas ligações entre as moléculas de H₂O. O gelo é uma forma muito compacta, com estrutura cristalina, enquanto a água tem menor número dessas ligações, e no vapor há ainda menos, de modo que o H₂O flutua como vapor. Não tem nada que ver com vibração. A única vibração que os cientistas realmente

consideram é a relativa à temperatura. Se você aquecer um bastão de metal, por exemplo, os átomos vibram mais rápido e transportam a energia por ele, de modo que se você o segurar irá se queimar.

Mas isso é condução.”

Será que Michael imagina uma época num futuro não muito distante em que a ciência e a paranormalidade se reconciliem?

“Não, porque elas parecem se distanciar uma da outra cada vez mais, o tempo todo. Quando você observa os diferentes aspectos da mecânica quântica, que está na fronteira da ciência, a linguagem parece ser quase mística, e ainda assim se você conversa com esses cientistas eles negam UFOs e o fenômeno paranormal. Os motivos para isso são, em primeiro lugar, que eles acreditam que há definitivamente um elitismo na “vanguarda” da ciência, mas apenas por ser motivo de ridículo levar a paranormalidade a sério. Em segundo lugar, eles não podem aceitar nada que não possa ser expresso em termos matemáticos. E, por último, odeiam o pensamento de pessoas que não passaram pelas agonias do aprendizado da ciência, mas explicam a existência de UFOs e de fenômenos paranormais em termos pseudocientíficos que invariavelmente são inexatos.”

Será que eles também não se sentem pouco à vontade ante a possibilidade de que pessoas sem formação científica possam adquirir conhecimento superior pelo contato com seres mais evoluídos? “Não me sinto à vontade com o conceito da canalização.”

Pode ser que não, mas a fascinante e muito interessante biografia “alternativa” que Michael publicou sobre Isaac Newton, *The Last Sorcerer*, sugere que apenas pela reconciliação da ciência com o sobrenatural podemos dar o enorme salto de consciência que homens como Einstein e Newton deram para ajudar a criar o nosso mundo moderno. A argumentação de Michael é muito convincente e chega a revelar que Newton muitas vezes recorria à alquimia e à magia em seus estudos. Ele também observa que um terço dos 1.700 livros da biblioteca de Newton refere-se à magia e à alquimia, e que o grande homem na verdade renunciou a todo esforço científico na idade de 53 anos, ao que poderíamos acrescentar a experiência pessoal de Michael com a paranormalidade que ele ainda não consegue explicar.

Essa experiência ocorreu durante um feriado quente e prolongado em 1974, quando Michael tinha 15 anos de idade. Alguns de seus colegas de escola estavam mexendo numa mesa Ouija [mesa com caracteres usada para receber mensagens paranormais] e disseram ter conseguido entrar em contato com uma entidade que se identificara como um alienígena que morava em Saturno. Michael, sempre cético apesar de curioso, acabou se envolvendo, aparentemente a pedido do alienígena, para que fizesse uma sessão especial “a sós”, podendo no entanto contar com a presença de apenas um dos outros membros do grupo — um amigo em que ele confiasse que não o enganaria. Em poucos minutos o copo no centro da mesa começou a deslizar sozinho para os lados, enquanto os rapazes mantinham os dedos acima dele. Depois de responder a algumas perguntas gerais sobre o grupo, o “alienígena” encerrou a sessão deixando os dois rapazes aturdidos, mas exultantes. Ainda assim, nenhum dos dois podia admitir a possibilidade de que tivessem testemunhado um fenômeno verdadeiro.

Depois que saíram da escola, Michael e o colega não se viram durante vinte anos, mas recentemente se encontraram. “E ele ainda sustenta que não moveu o copo sobre a mesa Ouija”, afirma Michael, um tanto aturdido.

“Não acredito que fizemos contato com alienígenas ou espíritos travessos, nem posso admitir que estivemos praticando psicocinese. Mas quero entender esse e outros fenômenos. É por isso que continuo curioso e mantenho a mente aberta.

Ainda não consegui explicar. Tudo que posso dizer é que os seres humanos podem ter alguma capacidade latente de afetar a matéria com a mente. Mas isso levanta outro problema. A energia, ou corrente, necessária para mover um objeto leve como um copo vazio a um metro de distância na mesa é mais do que o quadro de circuitos do cérebro humano pode suportar. Literalmente fritaria nosso cérebro!”

Pode ser que sim, mas os médiuns, agentes de cura e ufólogos com inclinações místicas diriam que as pessoas que atuam com as forças paranormais estão meramente canalizando uma energia muito maior que a deles. E que essa energia não vem deles nem se manifesta no mundo físico.

“Eu poderia aceitar essa possibilidade. Não nego tudo o que tem que ver com UFOs e os fenômenos paranormais. Gostaria que essas coisas fossem

verdadeiras. A vida seria mais interessante. Estou perfeitamente preparado para dizer que essas coisas poderiam acontecer, mas que não sabemos o suficiente no estágio atual de nosso conhecimento para explicar como elas acontecem. Portanto, mantenho a mente aberta.”

Capítulo Treze - Abduções por Alienígenas

A NOITE DE 27 de outubro de 1974, John e Sue Day e os três filhos estavam voltando de carro para casa em Avely, no condado de Essex, no leste da Inglaterra, depois de visitarem os pais de Sue, quando o filho de 10 anos de idade avistou uma luz azul ovalada no céu. Em questão de minutos o carro foi envolto numa neblina esverdeada e tudo tomou-se estranhamente silencioso. Então o rádio do carro começou a soltar fagulhas e fumaça. John abafou freneticamente os fios para impedir um incêndio, e um instante depois o motor do carro parou. Transcorridos aparentemente apenas alguns segundos, após um sacolejo, o automóvel voltou a funcionar. A estrada à frente estava livre, e a luz no céu desaparecera, mas por um instante na escuridão John sentiu que Sue não estava mais a seu lado. “Está todo mundo aí?”, indagou ele. Mas tão logo pronunciou essas palavras percebeu que ela estava sentada ali, como antes.

A família teria se esquecido completamente do incidente não fosse por descobrir que havia “perdido” duas horas, que nenhum de seus integrantes saberia como explicar. A viagem da casa dos pais de Sue devia ter demorado no máximo 40 minutos e, no entanto, em vez de chegarem em casa pouco antes das 11 da noite, chegaram à uma da madrugada, tendo saído por volta das 10h15. Eles não desconfiaram de nenhum tipo de ligação com extraterrestres, uma vez que não se sabia de incidentes de abdução por alienígenas na Inglaterra, na época, e os relativamente poucos casos registrados nos Estados Unidos não haviam chegado ao conhecimento do público. Só depois do sucesso do filme *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, em 1979, foi que os UFOs implantaram-se na mente do público.

Os Day tentaram afastar o incidente do pensamento, mas ao longo das semanas seguintes a família começou a exibir transformações sutis, mas significativas de personalidade. John e Sue tornaram-se mais confiantes, e John começou a escrever poesia como se algo tivesse simplesmente eliminado um bloqueio à sua criatividade. O casal tornou-se mais consciente de sua saúde e mudou da noite para o dia para uma dieta estritamente vegetariana. Eles abandonaram o consumo de álcool, e John desistiu de fumar, um vício de que várias vezes tentara se libertar no passado, mas de que agora era capaz de abrir mão com facilidade. Seu filho de 10 anos, que na escola era considerado como tendo dificuldade de

leitura, conseguiu uma melhora inexplicável; o filho caçula declarou que pretendia construir uma nave espacial que levaria milhares de pessoas embora da violência e da poluição da Terra. O que quer que tivesse ocorrido naquelas duas horas perdidas não importava mais para eles, pois todos pareciam ter se beneficiado de alguma forma. Mas então as coisas mais desconcertantes começaram a acontecer.

A família começou a sofrer uma série de incidentes curiosos e inexplicáveis em casa, algo semelhante à atividade *poltergeist*. Sentiam cheiros estranhos, objetos desapareciam e reapareciam misteriosamente dias depois, portas abriam-se sozinhas. Desesperado, John entrou em contato com um pesquisador de UFOs a quem ouvira numa entrevista de rádio e convidou-o a testemunhar a atividade *poltergeist*. O pesquisador ficou impressionado e recomendou que John procurasse um hipnoterapeuta chamado Leonard Wilder, que numa série de sessões seria capaz de recuperar a lembrança daquelas duas horas esquecidas.

O fato de que a maioria das “lembranças” da abdução são recuperadas por hipnoterapeutas, em vez de serem reconstituídas pelo próprio abduzido, toma-as um tanto suspeitas. Isso não sugere que a pessoa esteja fantasiando de propósito, mas que suas lembranças da experiência são subjetivas. Conforme diz o pesquisador de UFOs Robert Sheaffer no livro *The UFO Verdict*:

“Os psicólogos geralmente concordam que o que uma pessoa diz sob hipnose não precisa necessariamente ser um fato verdadeiro, mas sim que representa o que ela acredita que aconteceu. A hipnose é de pouca valia para separar fatos de fantasia”.

As primeiras recordações de John aparentemente foram suficientes para provocar as “lembranças” de Sue, que mais tarde concordou em submeter-se à terapia de regressão com Wilder. No final dessas sessões, veio à tona a história completa da família Day.

John descreveu que estava envolvido numa intensa luz branca e lembrou-se da sensação de flutuar, enquanto era levado para fora do carro e para cima. A próxima coisa de que ele se lembrou foi de estar numa estrutura enorme, como um hangar de aviões, que parecia ser a área de carga da nave espacial alienígena. Ele estava olhando para baixo, para seu próprio carro, de um balcão e podia ver Sue e a si mesmo aparentemente

dormindo, na frente dos filhos, no banco de trás. Sue também se lembrou do hangar e de estar de pé no balcão ao lado de John e de seu filho de 10 anos, mas quando olhou para o carro lá embaixo estava certa de ter visto John e o filho de pé, fora do carro, não dormindo dentro. Pode ser significativo que tanto a sensação de flutuar e a experiência de bilocação (estar em dois lugares ao mesmo tempo) indicam uma experiência de saída fora do corpo (ver página 159).

John foi então levado para uma sala de exames, onde foi examinado e cutucado com instrumentos pequenos e rombudos por dois seres estranhos e parecidos com anões, enquanto três criaturas altas, usando trajes prateados, observavam, aparentemente interessadas. Depois ele foi levado para um passeio turístico pela nave, durante o qual não foi pronunciada uma palavra, mas as ideias eram comunicadas a ele por telepatia. Na cabine de comando os alienígenas apresentaram-no com uma viagem figurada pelo sistema solar numa grande tela de cinema e mostraram-lhe uma imagem holográfica de um planeta que fora dizimado pela poluição, o que ele considerou como uma advertência do que poderia acontecer à Terra se continuássemos com nosso atual comportamento autodestrutivo. Então ele foi levado ao que poderia ser uma célula de carga ou sala de transporte e de lá voltou a se encontrar consigo mesmo no carro, embora não se recorde de como chegou lá.

Sue afirma ter tido uma experiência semelhante. Ela foi submetida a um exame físico completo; depois disso, ofereceram-lhe um passeio pela nave e mostraram-lhe as imagens da Terra vista do espaço. Curiosamente, depois de ter visto seu planeta natal, ela expressou o desejo de permanecer na nave, e os alienígenas concordaram. Só quando ela viu o marido retornando ao carro foi que mudou de ideia e pediu para voltar. Esse atraso pode explicar por que John recebeu que tivesse regressado sem ela.

Outra consequência curiosa desse contato foi que John Day logo encontrou outro emprego em que ganharia muito mais e onde poderia realizar suas necessidades de expressão, embora tivesse de abrir mão do emprego anterior no processo. Pesadelos recorrentes e a perturbadora atividade *poltergeist* acabaram por levá-lo à beira de um ataque de nervos, mas depois dessa crise ele saiu com uma imagem mais clara do que queria da vida e conseguiu o almejado. Apesar da atividade *poltergeist*, poderia parecer que a experiência de abdução estimulou as energias paranormais inatas da família, muito embora de maneira aleatória e perturbadora.

Experiências em Larga Escala

Essas experiências são mais comuns do que se pode imaginar. Existem vários milhares de registros de casos de supostas abduções por alienígenas, todos datando do final da década de 40, quando o empresário americano Kenneth Arnold relatou o avistamento do primeiro “disco voador” dos tempos modernos em 24 de junho de 1947. Mas o primeiro relato escrito de um encontro com um ser estranho do espaço data do século XIX, quando o arcebispo Agobard de Lyons registrou o caso de quatro pessoas que uma multidão queria linchar por apedrejamento, alegando que elas tinham se encontrado com estranhos vindos de um país das nuvens. O arcebispo alegou com sucesso que uma crença daquele tipo era contrária ao senso comum, e as “testemunhas” penitentes abjuraram perante a multidão, que por sua vez foi persuadida a poupar suas vidas.

Na segunda metade do século XX os avistamentos de UFOs foram maiores do que histórias de perseguições e outros fenômenos paranormais mais tradicionais, levando à teoria de que os extraterrestres podiam ser projeções inconscientes da mente humana, que precisa encontrar expressão para outros estados de consciência, num contexto socialmente aceitável.

Em 1991 a intensidade do interesse público pelo fenômeno estimulou a primeira pesquisa científica séria. Budd Hopkins e David Jacobs da organização Roper perguntaram a uma amostra aleatória de aproximadamente 6.000 adultos americanos se eles se lembravam de ter visto luzes estranhas no quarto de dormir a qualquer hora, se tinham perdido pequenos períodos da vida que não pudessem explicar ou se teriam acordado à noite e encontrado seres misteriosos movendo-se em volta da cama. Os pesquisadores descobriram que 119 pessoas, ou 2% delas, lembravam-se de um ou mais incidentes dessa natureza, as quais, se consideradas como representativas da população, equivaleriam a 5 milhões de americanos. Mesmo que seja errôneo extrapolar os números dessa forma, ainda assim permanece um número enorme de pessoas convencidas de que tiveram algum tipo de encontro imediato com extraterrestres. Ou a raça humana está sendo sistematicamente assediada em massa por alienígenas à noite, numa imensa armada de naves espaciais, ou nossa preocupação com os mistérios do Universo vem produzindo uma histeria em massa em nossa consciência coletiva.

Os Alienígenas entre Nós

O ufólogo Gregory van Dyk, autor de *The Alien Files*, está convencido de que essas histórias de abduções são verdadeiras e que os extraterrestres já estão entre nós, sem ser vistos por causa de nossa percepção limitada e mente convencional e racional.

“A principal diferença é que minha hipótese está relacionada ao modo deficiente com que vemos a natureza da realidade. Acredito que os visitantes extraterrestres estão num nível de vibração acima do nosso e por isso geralmente não podemos vê-los, embora os avistamentos e contatos sejam verdadeiros. Desconfio que a maioria dos contatos, na verdade, ocorrem nesse nível mental ou sensitivo, deixando uma impressão nos contatados ou abduzidos, de modo que eles têm certeza de que só pode ter acontecido o fenômeno no nível físico. Um bom exemplo disso é o caso de uma mulher australiana que disse ter sido abduzida no momento em que foi vista por duas testemunhas no meio de um terreno falando sozinha. As testemunhas observaram que ela parecia estar tratando com um objeto e seus ocupantes numa espécie de transe, mas não puderam ver nada, só ouvi-la falar.”

Van Dyk também cita as conclusões do dr. Kenneth Ring, professor de psicologia da Universidade de Columbia, que sugere que as abduções são basicamente experiências de saída do corpo ocorridas numa dimensão mais sutil. Van Dyk parece concordar com a conclusão de Ring de que entramos nessa dimensão naturalmente, todas as noites, durante o sono, quando nosso espírito, ou corpo etéreo, se separa de sua concha física para receber instruções de seres superiores, alguns dos quais poderiam ser extraterrestres.

“Estou questionando o engano que cometemos ao tentar aplicar princípios físicos e leis científicas a algo que a experiência sugere ser amplamente espiritual. Os extraterrestres poderiam ser feitos de matéria mais sutil e existir numa dimensão diferente, onde suas moléculas vibram numa frequência diferente, assim como o som e a luz. Infelizmente, os cientistas são como aquelas pessoas que têm mania de colecionar o número dos trens

que veem passar, como um passatempo: têm uma concepção materialista da realidade, baseada num critério falso. Se adotássemos uma visão baseada num critério espiritualista, muitos desses avistamentos e abduções seriam facilmente explicados e de maneira satisfatória.

“Na verdade, comecei minhas pesquisas com a mente completamente aberta, mas no fim estava sobrecarregado pelas evidências e convencido da realidade da vida extraterrestre e das abduções por alienígenas.”

Assim, o que diria van Dyk aos descrentes que adoram observar que os astrônomos gastam anos olhando através dos telescópios sem ver um UFO nem de relance, enquanto muitos entusiastas no assunto afirmam vê-los regularmente?

“Quem disse que os astrônomos não os veem? Talvez os vejam e não os reconheçam como tais porque não querem que essas coisas existam. Isso não aumentaria sua credibilidade nem suas chances de obter financiamentos para pesquisas, não é? A maioria deles tem uma visão limitada. Ou talvez os funcionários dos governos chegam a eles primeiro.

“Dos contatos puramente físicos, parece que o único motivo pelo qual não temos provas concretas é que os governos pressionam as testemunhas para as silenciarem e confiscam as provas materiais encontradas. E ainda assim, apesar de seus esforços, essas histórias ainda acabam aparecendo.

“Acho que é possível que os aparelhos alienígenas só apareçam dentro de nossa faixa de percepção quando estes alteram a frequência ao entrar em nosso espaço aéreo, num ponto em que determinados entusiastas de UFOs possam ser mais sensíveis a vê-los, sem ter consciência de que estão praticando uma forma de visão sensitiva. Isso explicaria por que algumas pessoas os veem, enquanto permanecem invisíveis a outras.”

Mas se começarmos a considerar os UFOs no conjunto de fenômenos metafísicos não haverá o perigo de que a ufologia se torne tão irracional quanto alguns cultos religiosos que se baseiam na fé cega?

“Não é tão preto no branco assim. Durante minhas pesquisas encontrei e conversei com a transceptora, ou médium, americana Lyssa Royale, que afirma ter contato com três extraterrestres na forma física e outro que se classifica como uma consciência de grupo. Fiquei impressionado com a

sinceridade dela e com a qualidade de informações que recebe.”

Será que van Dyk considerou a possibilidade de que, sendo paranormais, esses canalizadores podem simplesmente permitir fantasias de seu próprio subconsciente ou talvez mesmo estabelecer ligação com seres desencarnados no plano astral que se divertem em enganá-los?

“Sim, eu sabia que parte do que Lyssa canalizava era influenciado pela sua própria formação cultural e por seu subconsciente, mas o essencial do que recebia parecia válido. Na minha opinião, não há uma diferença fundamental entre entidades extraterrestres e seres desencarnados no astral ou níveis inferiores da existência, e mesmo os canalizadores não parecem ser capazes de distinguir a diferença entre os dois. Eles não têm certeza sobre a fonte, de modo que você tem de julgar quem são pelo que dizem. Os seres que se manifestam por esses transceptores costumam ser muito específicos sobre quem são, de onde vêm e qual o objetivo do contato, de modo que parece verdadeiro. Você tem de aceitar a canalização como uma fonte igualmente válida, como a testemunha de abdução. Os canalizadores talvez sejam o grupo que venha a solucionar todo o enigma.”

Van Dyk acredita que a espécie alienígena mais conhecida como os Cinzas adotou um projeto global de abdução na Terra porque está sofrendo de um defeito genético que ameaça a existência da espécie. Ele diz que basta observarmos seu tamanho encolhido e sua pele acinzentada como prova disso. Van Dyk também insinua que suas ações provam que são menos evoluídos, ou espiritualmente avançados, do que nós e ainda assim, se for esse o caso, como puderam desenvolver a tecnologia necessária para viagens interestelares?

“Não gosto muito da expressão ‘avançado espiritualmente’ porque em nossa cultura ela equivale a um fetiche. Prefiro pensar que, no que se refere ao avanço espiritual deles, os Cinzas têm uma capacidade que ainda não descobrimos. A matéria de que eles são feitos simplesmente vibra numa frequência diferente da nossa — em outros aspectos, no entanto, eles parecem ser uma classe inferior de seres humanos.

“Parece que acreditam que somos puros por essa deficiência, porque não interagimos com extraterrestres e por isso somos uma raça excelente para

reprodução. Mas logicamente trata-se de uma experiência condenada ao fracasso, uma vez que equivale a tentar o cruzamento de mulas com purosangue.”

Se os Cinzas estão abduzindo seres humanos na escala que van Dyk sugere, como é que os abduzidos nunca são capazes de descrever a tecnologia envolvida nos exames ou nas experiências? Mesmo concordando com o fato de que uma sala de operação estéril provavelmente seria tão vazia quanto uma semelhante num hospital humano, não é razoável esperar que um abduzido lembre-se de alguns detalhes que possa contar?

“Não concordo. Se você é levado numa maca para a sala de operação e sedado, não vai se lembrar mais do que uma luz sobre sua cabeça e mais tarde estará tão atordoado e com a visão turva para perceber muitos detalhes. Ainda assim, algumas pessoas descreveram o ambiente em alguns detalhes. A abduzida Betty Andreasson foi capaz de descrever a unidade de propulsão alienígena com suas três bolas rotativas de cristal e o vácuo que produziam, logo é engano dizer que não existem detalhes. Porém são muito raros.”

O caso de Betty Andreasson, que afirmou ter sido abduzida de sua casa em Massachusetts em janeiro de 1967, é um dos mais significativos. Assim como muitos outros, o caso tem paralelos com os de experiências com embriões no útero e como tal costuma ser mencionado como exemplo de fantasia de abdução provocada por lembranças inconscientes da época anterior ao nascimento. Betty recordou-se de estar sentada numa cadeira transparente, cheia de um líquido acinzentado, e que a alimentavam com um líquido adocicado, que entrava por um tubo em sua boca. Ela também disse que flutuou por uma série de salas parecidas com um útero e através de túneis que lembravam sugestivamente o canal de nascimento.

Se ela realmente foi aprisionada num disco voador, será que seus raptos teriam permitido que vagasse livremente e desacompanhada pela nave?

Estados Alterados

A autora e pesquisadora de UFOs Jenny Randles tem uma perspectiva

mais ampla sobre o fenômeno das abduções.

“Não acredito que exista grande número de extraterrestres ocupados em abduzir fisicamente seres humanos. De acordo com minhas pesquisas e diversas entrevistas que fiz com pessoas que afirmam ter passado por experiências dessa natureza, cheguei à conclusão de que as supostas abduções parecem envolver uma comunicação com outra inteligência durante um estado alterado de consciência. Identifiquei diversas explicações possíveis para essas experiências e nenhuma delas está relacionada ao transporte físico de seres humanos a bordo de uma espaçonave. Disso tenho certeza.”

De acordo com Randles, todos os avistamentos de UFOs e abduções encaixam-se em quatro categorias principais: eventos externos com causas comuns, eventos externos com causas exóticas, eventos internos com causas comuns e eventos internos com causas exóticas.

Na primeira categoria, temos avistamentos de fenômenos naturais, como o de Vénus, a estrela mais brilhante do céu noturno, que costuma ser confundida com um UFO por pessoas que não a identificam ou não sabem das confusões visuais que ela pode causar em determinadas condições atmosféricas.

Na segunda categoria, temos o que é conhecido como Fenômenos Atmosféricos Não-Identificados (FANIs), que podem ser responsáveis pelo fato curioso de que tantos supostos avistamentos ocorrem próximos de linhas de transmissão com defeito. Os FANIs também podem ser responsáveis por todos os tipos de sensações de formigamento, atmosfera pesada e fenômenos elétricos que as testemunhas descreveram. Mas também é possível que uma forma ainda desconhecida de energia atmosférica provoque um modo de contato alienígena que algumas pessoas percebem como sendo uma realidade física. E depois há os cenários parecidos com aqueles de ficção científica, que também devem ser considerados, nem que seja para completar o quadro. Entre esses inclui-se a possibilidade remota de que os “visitantes” pudessem ser viajantes do tempo de nosso próprio futuro ou resultado de experiências de controle da mente produzidas por agências secretas do governo. É sabido que as agências de defesa americanas têm feito experiências com “modificação de comportamento” há mais de 30 anos, e se diz que as armas psicotrópicas

(drogas que atuam sobre a mente) usadas nesse tipo de testes nos Estados Unidos e na Inglaterra poderiam induzir imagens de naves espaciais e alienígenas como efeito colateral. Além disso, é claro, temos a possibilidade real de que certo número de contatos com inteligências extraterrestres sejam verdadeiros, no mínimo porque é uma certeza estatística que alguns dos trilhões de estrelas em nosso Universo, sempre em expansão, podem manter alguma forma de vida. No entanto, considerando as enormes distâncias envolvidas, é mais provável que o contato seja telepático em vez de físico, pelas razões apresentadas em outras passagens deste livro.

A terceira categoria, eventos internos com causas comuns, abrangem as falsificações, síndromes de lembranças falsas, diversos estados de consciência alterada, paralisia do sono, sonhos de “falso despertar”, sonhos lúcidos e alucinações (que mais de três quartos da população devem ter experimentado ao menos uma vez na vida, de acordo com o dr. Ronald Siegel, da Faculdade de Medicina da UCLA).

A quarta categoria, eventos internos com causas exóticas, inclui a possibilidade de que determinados contatos imediatos sejam meramente projeções, a que Carl Jung, o psicanalista suíço, chamou de “inconsciente coletivo”. Trata-se de um campo mental plasmático habitado por criaturas mitológicas, arquétipos humanos e representações simbólicas de nossos pensamentos e sentimentos, que são uma experiência comum de nossa espécie.

Outra possibilidade é que os contatos com alienígenas sejam uma realidade subjetiva que os supostos abduzidos interpretam nesses termos, porque, em certo grau, é socialmente aceitável fazê-lo. Antigamente, a testemunha teria expressado a experiência de acordo com uma simbologia religiosa, como uma visão da Virgem Maria ou de seres angelicais, mas essas visões tendem a ser consideradas pela sociedade como um sintoma de natureza histérica ou neurótica.

Evidentemente, um pesquisador sério examinaria uma porção de explicações racionais antes de até mesmo considerar a possibilidade de uma abdução física por alienígenas.

Então, como Randles explica as cicatrizes deixadas no corpo que certos abduzidos apresentam como evidência das supostas experiências dos alienígenas? Será que essas também poderiam ser manifestações do inconsciente?

“Em absolutamente todos os 50 casos que investiguei pessoalmente na Inglaterra nunca vi cicatrizes que pudessem ter ligação direta com extraterrestres. Na minha opinião, nos casos em que um suposto abduzido encontrou ferimentos no corpo, todos eram de marcas que haviam passado despercebidas. Tenho certeza de que se você fizer uma comparação cruzada com o restante da população irá descobrir muitas pessoas que encontrariam cortes e ferimentos que não tinham notado antes. A menos que alguém ponha em sua cabeça a ideia de que possam ter sido abduzidas e então lhes peça que procurem evidências físicas, elas não as encontrarão. Algumas dessas experiências parecem ocorrer quando a pessoa encontra-se num estado semelhante ao transe catatônico. É um processo semelhante ao do sonambulismo, e nesse estado a pessoa pode se ferir e depois não se lembrar do que ocorreu quando acordar.”

Randle acredita que os abduzidos compartilham determinados traços de personalidade que poderiam ser considerados uma forma de sensibilidade psíquica que os predispõe a esse tipo de experiência.

“Existem aquelas pessoas que têm o que chamo de personalidade propensa à abdução, as quais são nada menos que neuróticas ou excessivamente imaginativas, conforme poderiam ser classificadas pelos mais céticos. Na verdade, essas pessoas são superdotadas, e é essa capacidade para a criatividade visual e uma memória acima da média que acredito que seja a explicação de todo o fenômeno. A pessoa comum não consegue se lembrar de todos os fatos de sua vida antes dos três anos de idade, mas esses “abduzidos” tendem a demonstrar memória considerável até mesmo da hora do nascimento. Isso nos deixa com duas opções. Ou a imaginação delas é tão ativa e as imagens são tão vívidas que não conseguem distinguir realidade de fantasia, ou a facilidade de ver além da realidade cotidiana tomou possível para elas perceber periodicamente outras dimensões e seus habitantes. É um erro considerar esse intercâmbio em termos tridimensionais. Não estamos sendo examinados por alienígenas “do espaço”, mas de mundos que interpenetram o nosso.

“Existem enormes evidências de que essas experiências não são de natureza física, mas uma forma de comunicação por meios paranormais entre as pessoas e outras inteligências, que não são necessariamente alienígenas. O motivo pelo qual esses contatos tenham sido interpretados como sendo

‘imediatos’ com formas de vida extraterrestres é que nossa mente e cultura só conseguem interpretá-los em termos de nossa experiência. Basta você comparar o modo como os povos tecnologicamente primitivos das ilhas do Pacífico descreveram seu primeiro avistamento de um aeroplano como sendo ‘pássaro gigante’ para entender como todo o fenômeno das abduções é uma criação de nossa cultura. A esta altura de nossa evolução, não temos como nos referir com precisão às características dessas comunicações, a não ser usando estereótipos e imagens de fantasia.

“Depois de mais de vinte e cinco anos de pesquisa sobre o assunto, sou da opinião de que esses supostos encontros com alienígenas deviam ser considerados como experiências semelhantes ao sonho, em que as imagens são simbólicas. É altamente significativo que as descrições dos alienígenas caíam em duas categorias distintas. Na primeira, são descritos como sendo baixinhos, repulsivos e atarracados, exatamente como os duendes de nossos contos de fadas; na segunda, são descritos como sendo altos, extremamente dotados e avançados espiritualmente, como os magos e anjos. Ou se trata de arquétipos do inconsciente coletivo, ou de entidades interdimensionais que as pessoas veem dessa forma, porque nossa cultura nos condicionou a vê-las como tal. As pessoas que não têm tanta consciência de sua capacidade paranormal latente e não têm experiência com fenômenos paranormais tendem a imaginar que o que sentiram ou viram com o olho interior são extraterrestres. Elas não entendem as implicações do que viram e assim se iludem pensando que deve ser algo sobrenatural, porque é diferente demais da realidade física com que estão familiarizadas.”

Se for esse mesmo o caso, então podemos considerar que a Área 51, os onipresentes Homens de Preto e todas as outras obsessões dos entusiastas por alienígenas são também projeções inconscientes de determinada paranoia e do medo do desconhecido?

“A Área 51 existe. Isso é um fato. Estive lá, mas não há nenhum UFO capturado nem corpos de alienígenas. Os serviços de informações do governo adoram que os entusiastas de UFOs tenham lhe dado essa aura de mistério, porque ela camufla o que eles realmente pretendem: testar naves supersecretas. O público está tão confuso em relação ao que está realmente acontecendo e tão temeroso de uma possível invasão alienígena que parou de questionar os militares sobre as máquinas destrutivas que eles fazem e

sobre o dinheiro gasto nesses projetos ultra-secretos. Os militares nem mesmo precisam gastar tempo criando desinformação, uma vez que os entusiastas por UFOs fazem isso por eles! Se temos alguma coisa a aprender com todas essas supostas abduções por alienígenas seria que precisamos aplicar mais tempo estudando o espaço interior e menos tempo olhando para o espaço exterior, em busca de todas as respostas.”

A Nova Mitologia

Parece que a maioria dos abduzidos interpretou uma experiência inexplicável, como uma viagem astral, em termos de uma abdução por alienígenas porque eram incapazes de avaliar os fenômenos paranormais de outra maneira e porque as imagens de alienígenas tomaram-se uma linguagem simbólica de nossa época. No mundo antigo, as primeiras civilizações da Babilônia, Suméria e Egito expressavam sua compreensão limitada dessas forças invisíveis em termos de um Universo dominado por deuses e demônios. No mundo clássico, essas forças eram personificadas num panteão de deuses, cujos triunfos e lutas foram imortalizados na mitologia. Nos tempos bíblicos, as visões místicas de uma realidade maior e os encontros com seres desencarnados que habitavam as dimensões não físicas foram descritos em termos de carruagens incandescentes e anjos, numa forma humana idealizada, ao passo que na Idade Média muitas pessoas acreditavam em dragões, gigantes e demônios, porque suspeitavam, e temiam, que existisse mais coisas além da realidade mundana.

Desde os primórdios, os seres humanos tiveram a necessidade de acreditar numa realidade maior que a sua própria; algo que provocasse imaginação e aliviasse o tédio da natureza rotineira da vida diária. É nosso constante medo do desconhecido, e a fascinação por ele, o fator significativo, e não a forma que ele assume.

Mundos Dentro de Mundos

O aspecto espiritual do fenômeno alienígena foi esclarecido pelo escritor e místico Paul Roberts. Num artigo para a revista *Why* em 1997, ele relata o encontro que teve com o guru indiano Sai Baba, que Roberts acredita tenha revelado a natureza das inteligências interdimensionais com que um número cada vez maior de pessoas parece estar se comunicando.

Baba é conhecido como o “homem dos milagres” por causa de sua famosa capacidade de curar os doentes e por materializar as cinzas sagradas conhecidas como *vibhuti* em suas fotografias, que são guardadas por seus 50 milhões de devotos ao redor do mundo.

Roberts perguntou a Baba sobre a vida em outros planetas e recebeu uma visão dos mundos interpenetrados em que existimos, mas de que nosso consciente não tem conhecimento. Baba pediu a Roberts para fechar os olhos e então pousou o polegar no “terceiro olho” dele, no centro de sua testa. Como uma pessoa altamente desenvolvida espiritualmente, considera-se que Baba seja capaz de despertar a consciência de quem lhe pede um esclarecimento, simplesmente pela estimulação do terceiro olho da pessoa. “Eu vi mundo após mundo engastados num Cosmos ilimitado de esferas dentro de esferas iluminadas em espiral”, recordou Roberts. “Eu me encontrava em cada um daqueles mundos ao mesmo tempo (...) existia em todos eles, e em cada um era como se não fosse eu.”

Roberts considerou a experiência como um sonho, em que tudo o que viu era uma projeção de si mesmo; uma criação de sua mente que, ao mesmo tempo, era parte da mente universal. Nesse momento de eternidade, ele vivenciou a unidade da existência sem, no entanto, deixar de viver sua individualidade. O Universo era infinito, um oceano de mundos sem fim, cada um deles povoado de uma variedade ilimitada de vida. Baba trouxe-o de volta com as palavras: “Espaço exterior, espaço interior. O espaço interior é o único espaço real (...) todas as coisas são na realidade feitas por você, mas por enquanto você está pensando que Deus é quem faz a grandeza deste Universo”.

Apesar da extensa investigação científica das agências espaciais do mundo ter concluído que não existem formas de vida adiantadas em nosso sistema solar em razão das condições inóspitas em nossos planetas vizinhos, é inconcebível que não pudesse haver nenhuma outra forma de vida em outro lugar no Universo, considerando-se o número incontável de estrelas. Se essas formas de vida são seres sensíveis, conscientes, inteligentes e com a capacidade de se transportar fisicamente ou de outra maneira pelo espaço, é impossível dizer com certeza. Contudo, o número de contatos relatados por testemunhas fidedignas e a quantidade de evidências fotográficas que temos indicam que alguma forma de comunicação está sendo tentada, embora com certeza seja ilusório imaginar que eles nos achem interessantes o suficiente para viajar anos-luz para nos examinar tantas vezes, noite após

noite. Infelizmente, nossa necessidade de acreditar que não estamos sozinhos no Universo, nossa crescente desconfiança nos governos e nossa capacidade de nos iludir contribuem todas juntas para confundir a questão, a ponto de tomar quase impossível distinguir as experiências verdadeiras das ilusórias.

A despeito de suas conquistas tecnológicas, a natureza humana mudou pouco desde a invenção da roda. As pessoas ainda têm medo do escuro e observam maravilhadas as estrelas no céu, embora tenhamos a tecnologia necessária para dissipar a escuridão e estejamos mais bem informados sobre nosso sistema solar. Acumulamos considerável quantidade de conhecimento, mas temos relativamente pouca compreensão da natureza e do sentido de nossa existência e não parecemos mais sábios que nossos ancestrais nesse aspecto, a julgar pelos acontecimentos violentos que caracterizaram o século XX.

Entre aqueles que buscam algo que dê significado e sentido à nossa vida, uma crença na vida extraterrestre oferece certo estímulo, encorajando aspirações e justificando medos irracionais.

Minha opinião é que o mistério dos UFOs revela mais sobre nossa necessidade de sermos valorizados e considerados como pessoas interessantes e sobre nossa esperança de uma iluminação instantânea que revele o significado da vida em relação às formas de vida extraterrestre.

Parece que, a despeito de nossos avanços tecnológicos, não crescemos ainda o suficiente para deixar de acreditar nos deuses.

Terceira Parte - Experiências Estranhas

As invenções extraordinárias de Nikola Tesla não serão encontradas em livros de pesquisa universitária, nem você encontrará em publicações convencionais detalhes das supostas experiências de viagem no tempo da Marinha americana durante a década de 40. No entanto, todos esses projetos secretos foram bem documentados pela imprensa especializada “marginal” e foram o assunto de diversos livros famosos e documentários de televisão. Por quê? Será porque existe uma conspiração mundial para ocultar a verdade da população, ou seria porque simplesmente não há nada de fundamental ou conclusivo a ser registrado?

Capítulo Catorze - Nikola Tesla

PARA OS MORADORES perplexos de Colorado Springs, próximo a Denver, deve ter sido parecido como uma cena de um filme de Frankenstein. Seu vizinho, o dr. Nikola Tesla, o excêntrico, mas inspirado inventor croata, estava criando uma violenta tempestade elétrica em seu laboratório, numa noite nublada de 1899, com a crepitação das faíscas espiraladas ecoando pelas ruas lugubrememente desertas. O dr. Tesla já havia demonstrado a força de seu transmissor-receptor elétrico sem fio iluminando 200 lâmpadas à distância de 40 quilômetros, mas essa última demonstração era muito mais ambiciosa. Ele esperava enviar uma corrente de pulsos elétricos cada vez mais forte ao redor do mundo, que seu mastro de 60 metros de altura receberia de volta, antes de enviar outro, de força ainda maior, até ter criado um ciclo de ondas elétricas. A teoria baseava-se em sua própria crença de que a Terra era um condutor natural, e que uma rede desses mastros estrategicamente colocados por determinado número de usinas hidrelétricas poderia ser usada para fornecer energia elétrica de graça para as pessoas de todo o mundo. Tudo o que essas pessoas precisariam seria de um pequeno transformador que captaria a corrente de um bastão de metal fincado em seu quintal e a retransmitiria para antenas fixadas em seus aparelhos elétricos.

Conforme os assustados moradores de Colorado Springs observaram por trás de suas cortinas naquela noite auspiciosa, um impulso de corrente elétrica cruzou o céu, aumentando de intensidade até atingir a altura de 50 metros acima. O impulso produziu uma descarga estática que iluminou a Terra, cobrindo a grama tetricamente iluminada de insetos com as patas em brasa e fagulhas crepitando por baixo dos sapatos daqueles que se aventuraram a sair de casa. Apenas o dr. Tesla estava isolado dos efeitos que provocava. Ele evitara chamoscar os sapatos usando solas de borracha. As luzes assustadoras finalmente cessaram quando a voltagem tomou-se tão grande que fundiu o gerador da cidade. Os experimentos do dr. Tesla poderiam se parecer com as pesquisas de outro inventor maluco, mas existem pessoas que acreditam que temos bons motivos para levar muito a sério tanto ele quanto suas ideias radicais.

Primeiras Invenções

Tesla nasceu na Croácia em 1856, mas rapidamente superou sua origem humilde aprendendo sozinho, de maneira assustadora, a falar seis idiomas e demonstrando um conhecimento intuitivo de ciência que estava além do de seus professores. Diz-se que ele possuía memória fotográfica e era prodígio em matemática, mas seu talento mais destacado era a capacidade de visualizar suas invenções nos mínimos detalhes, na forma de um esquema mental, de modo que quando as estivesse executando — às vezes muitos anos depois — nada era deixado ao acaso. Uma de suas primeiras ideias foi a de um motor à “indução” movido pela rotação de campos magnéticos, que desde então se tomou um componente básico de toda geladeira e máquina de lavar que saíam das linhas de montagem, mas Tesla não recebeu o crédito da invenção. Seus planos foram descartados na época como sendo muito fantasiosos.

Aos 28 anos de idade, tendo poucas perspectivas de obter financiamento ou ser bem-sucedido comercialmente na Europa Oriental, Tesla emigrou para os Estados Unidos, onde encontrou emprego com Thomas Edison. Embora Edison tenha recebido o crédito por mais de mil inventos, mais destacadamente pelo fonógrafo e a lâmpada elétrica incandescente, hoje parece que era um astucioso homem de negócios que se aproveitava da inteligência de seus aprendizes mais criativos e se apossava de suas inovações. Os defensores de Tesla, que fazem forte campanha para que sua genialidade seja oficialmente reconhecida, sustentam que Edison recusou-se a dar o crédito às invenções do croata ou pagar-lhe os direitos autorais devidos por um “acordo de cavalheiros”. Outros insistem que Tesla ficou tão desgostoso com os métodos utilizados pelo empresário americano que rasgou os contratos de direito autoral que o teriam tomado multimilionário e recusou-se a dividir o Prêmio Nobel de Física que tinham ganhado em conjunto em 1912.

Acredita-se também que Edison diminuiu a esperança de Tesla de que a corrente alternada (uma corrente elétrica contínua que tem a direção invertida periodicamente) pudesse oferecer eletricidade suficiente para todos e fez esforços extraordinários para promover um sistema mais caro e menos confiável usando a corrente contínua (uma corrente elétrica contínua que flui em uma única direção apenas, sem uma variação grande o suficiente em magnitude). Diz-se que Edison tomou esse caminho anormal tanto porque defendia intensamente sua própria reputação, e tendo afirmado

uma opinião da qual descobriu ser impossível recuar, quanto porque tinha interesse particular no uso comercial da corrente contínua.

Em público, Edison afirmou que a corrente alternada não só era pouco confiável, mas também letal, e para provar usou-a para eletrocutar cachorrinhos diante de uma audiência convidada. Demonstrações posteriores exibiram a morte de mais animais indefesos, incluindo um elefante, até que as autoridades policiais de Nova Iorque se declararam convencidas de seu potencial letal e contrataram a construção da primeira cadeira elétrica para a execução de criminosos condenados.

Transmissão de TV de Tesla

Dez anos antes de Marconi fazer sua histórica transmissão de rádio, em dezembro de 1900, Tesla anunciou seus planos para uma rede global de torres de transmissão e receptores que poderiam transmitir tanto imagens quanto sons através de suas ondas na atmosfera. Os discípulos de Tesla chegaram a afirmar que uma rede complexa semelhante de pirâmides e obeliscos tinha sido usada para transmitir energia tanto no Egito antigo quanto no continente perdido de Atlântida, e que Tesla estava, na verdade, reinventando aparelhos usando tecnologia que fora conhecida dos povos antigos.

No entanto, por menos provável que pareça, ele pode ter obtido esse e outros conhecimentos em pesquisas paranormais, no que se conhece como Registros Akáshicos ou “memória do mundo”, as impressões que os pensamentos de inúmeras gerações deixaram no éter. Diversos sensitivos famosos têm usado esse método para fazer uma série de previsões incrivelmente precisas, tais como o profeta e agente de cura americano Edgar Cayce que regularmente acessava esse arquivo vivo para promover curas de males dos quais não tinha conhecimento consciente. Se Tesla conheceu o passado ou não dessa maneira é impossível afirmar, mas ele ficou conhecido por ter praticado regularmente uma forma de visualização que parece semelhante à visão remota.

“Vi cenas novas. No início, elas pareciam turvas e indistintas e fugiram quando tentei me concentrar nelas. Ficaram mais fortes e distintas e finalmente ganharam o contorno de coisas reais (...). Toda noite, e às vezes durante o dia (...), saio em viagens, vejo novos lugares, cidades e países...”

Com 150.000 dólares de financiamento patrocinado pelo financista J. R

Morgan, Tesla construiu sua primeira torre de transmissão em Long Island, no Estado de Nova Iorque, mas assim como esse monumento a seu gênio, que se projetou no céu como uma moderna Torre de Babel, as visões de Tesla tomaram-se cada vez mais fantasiosas. Ele afirmava que o transmissor seria capaz de gerar 100 bilhões de watts, que poderiam ser focalizados na forma de um raio mortal para direcionar uma força destrutiva equivalente a 10 megatons de TNT em qualquer parte do mundo. Morgan recusou-se a financiar seus novos projetos, e não surgiram outros patrocinadores. Com as dívidas aumentando, Tesla sofreu um colapso nervoso e foi forçado a vender o laboratório em Colorado Springs, para grande alívio dos vizinhos. Também fechou o transmissor de Long Island, embora este continuasse funcionando. O fato não passou despercebido pela imprensa popular que, em 1907, especulou que o raio da morte de Tesla podia ter sido responsável pelo naufrágio misterioso do navio francês *Iena*, que segundo relatos “explodiu em circunstâncias misteriosas”, recordando os leitores do exibicionismo do inventor de que o aparelho poderia queimar um paiol de navio e mandá-lo ao fundo em questão de minutos. Quando questionado, Tesla mostrou-se estranhamente silencioso sobre o assunto, embora um ano depois admitisse a um repórter que as usinas sem fio daquele tipo poderiam tomar toda uma região inabitável com o apertar de um botão.

Recentemente também foram feitas especulações de que o raio da morte de Tesla tenha causado enorme explosão em Tunguska, na região central da Sibéria, na manhã de 30 de junho de 1908, que incinerou 200.000 hectares de florestas sem deixar uma cratera de nenhuma espécie e que nunca foi explicada satisfatoriamente. Mas se ele quisesse provar o poder de destruição de seu aparelho não teria sido mais convincente se destruísse uma fábrica fechada ou derretesse um monumento no Central Park? Embora se pareça mais com coisas de ficção científica, o raio da morte e os planos detalhados de Tesla para armas de feixes de partículas tornaram-se a base do início das armas espaciais do projeto Guerra nas Estrelas na década de 80.

Em reconhecimento a seu trabalho pioneiro, Tesla posteriormente obteve a patente básica do rádio da Corte Suprema americana, mas morreu antes de poder reivindicar sua participação nos lucros. Desde sua morte, em 1943, a verdadeira extensão de sua imaginação prodigiosa permanece desconhecida, embora seja pouco provável que mais do que algumas poucas de suas 1.200 patentes tenham se mostrado aproveitáveis. Havia poucas

chances de que suas naves antigravitacionais ganhassem os céus, nem aplicação prática para sua lendária máquina de terremotos, e os interesses comerciais nunca permitiram o desenvolvimento dos aparelhos de energia grátis. Na verdade, pode haver algum fundamento na suspeita de que as agências oficiais americanas abafaram as notícias de suas invenções. Depois de sua morte, seus planos e documentos foram confiscados, e pouco depois seu laboratório foi arrasado por um incêndio. Quando os documentos finalmente retomaram depois de várias petições oficiais por parte de sua família, todas as menções a seus projetos de armas secretas tinham sido eliminadas.

Capítulo Quinze - O Experimento Filadélfia

NO FILME de ficção científica *O Experimento Filadélfia*, de 1984, um marinheiro americano que servia num destróier do tempo da guerra é projetado 40 anos no futuro, e diversos integrantes da tripulação recebem ferimentos ou enlouquecem quando um teste de invisibilidade ao radar dá errado. Os autores do livro em que o filme se espelhou, William Moore e Charles Berlitz, afirmaram que a história se baseava em um incidente verdadeiro, ocorrido na Base Naval de Filadélfia em 1943, mas nem eles nem uma sucessão de investigadores independentes puderam oferecer evidências concretas.

Embora o episódio como um todo pareça extremamente implausível, há certo número de elementos curiosos que sugerem que algo estranho e altamente secreto estava sendo testado na região, na época, e que as testemunhas podem ter se silenciado para evitar que a verdade fosse conhecida.

Os detalhes do incidente vieram à tona pela primeira vez na primavera de 1956, quando o americano dr. Morris K. Jessup, reconhecido cientista e professor de astronomia e matemática da Universidade de Michigan, recebeu diversas cartas de uma fonte que assinava como Carl M. Allen. Allen, que depois revelou que seu nome verdadeiro era Carlos Allende, afirma ter sido tripulante do cargueiro *SS Furuseth*, atracado na base de Portsmouth, em Norfolk, e ter visto os primeiros experimentos semelhantes que ocorreram no mar. Com base no que viu em Norfolk, ele alegava que a Marinha havia desenvolvido um aparelho para tornar os navios invisíveis ao radar do inimigo, usando a teoria de campo unificado de Einstein. Aparentemente, Jessup havia impressionado Allende com sua discussão sobre as aplicações práticas das teorias de Einstein em seu livro *The Case for the UFO* — um dos primeiros estudos sérios do fenômeno —, juntamente com o caso sobre a existência de aparelhos antigravitacionais que poderiam facilitar as viagens espaciais.

A teoria do campo unificado teria descrito as propriedades dos campos gravitacional e eletromagnético, além de interações nucleares, em uma equação, assim como a fórmula $E = MC^2$ resumia o conceito da relatividade. Mas Einstein não publicou os resultados de seus cálculos e considerou-se que não conseguira formular sua teoria. No entanto, Allende

afirma que o grande cientista conseguira, mas logo depois compreendeu os usos destrutivos e manipuladores que ela poderia ter e destruiu suas anotações. Antes que fizesse isso, teria confiado sua descoberta ao dr. B. Russell, que supostamente a teria passado ao dr. Franklin Reno, da ultra-secreta Unidade Naval de Pesquisa de Desenvolvimento.

Durante os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, acredita-se que o dr. Reno tenha trabalhado nos experimentos iniciais para o que fora oficialmente designado como Projeto Invisibilidade, um projeto de armas ultra-secretas supervisionado pelo vice-almirante Rawson Bennett. Bennett era na época chefe de Pesquisas da Marinha e presumivelmente um dos poucos oficiais que poderiam verificar o que realmente acontecera na base em 1943, mas ao que tudo indica manteve silêncio absoluto sobre o assunto. O que sabemos de fato em relação às investigações feitas pelo dr. Jessup, William Moore e Charles Berlitz é que para aqueles primeiros testes diversos geradores magnéticos poderosos, conhecidos como “desmagnetizadores”, foram usados para criar um campo de ressonância magnética ao redor de objetos que seriam efetivamente isolados numa quinta dimensão. O objetivo era desenvolver um aparelho portátil com que todos os navios, aviões e tanques militares pudessem ser equipados, para torná-los invisíveis ao radar inimigo, mas a equipe deixou de prever os efeitos colaterais do campo de força. Quando o *USS Eldridge* foi equipado com os geradores modificados em outubro de 1943, realizou-se uma série de testes num píer isolado da base naval e também no mar. Durante um desses testes, o intenso campo magnético parece ter feito com que o navio desaparecesse não só das telas de radar como também fisicamente e reaparecesse 200 milhas além da base naval de Portsmouth, em Norfolk, onde costumava ficar fundeado, embora talvez como uma imagem holográfica, e não em forma física. Alguns instantes depois ele reapareceu no píer de Filadélfia, não dando mostras de danos estruturais, mas a tripulação exibia graves transtornos psicológicos.

Em razão da natureza ultra-secreta dos testes e das restrições em tempo de guerra que proibiam ao pessoal militar comentar abertamente sobre tais assuntos, há uma grave deficiência de testemunhas confiáveis. Allende foi um dos poucos a se apresentar. Outra testemunha foi Al Bielek, que afirma ter sido um oficial a bordo do *Eldridge* durante os testes que ele alega terem projetado ele e seu irmão Duncan 40 anos adiante no futuro. Bielek registrou suas experiências num livro intitulado *O Experimento Filadélfia* e

numa série de vídeos em que também comenta sobre os experimentos de viagem no tempo do governo americano na Base Militar de Montauk Point, próxima a Nova Iorque, e o desenvolvimento ali realizado do raio da morte do dr. Tesla. Mas quanto mais extraordinárias se tomam as afirmações, menos confiável parece a testemunha.

O testemunho de Allende também era suspeito. Incoerências em suas cartas ao dr. Jessup sugeriam que ele também era uma testemunha duvidosa. Allende afirmava ter lido uma reportagem-relatório sobre o incidente num jornal de Filadélfia, como se para confirmar sua história, mas nada fora publicado sobre o assunto na época. Além disso, em suas cartas, Allende descreve inicialmente o experimento como tendo ocorrido em Filadélfia (presumivelmente querendo se referir ao rio Delaware), mas as cartas posteriores o situam no mar. As descrições de suas experiências de viagem no tempo e do papel desempenhado pela tecnologia alienígena parecem cada vez mais despropositadas. No entanto, depois que o dr. Jessup começou a fazer discretas perguntas sobre o incidente, ele foi convidado a comparecer ao Serviço de Pesquisas Navais e questionado sobre seu relacionamento com Allende. Durante a entrevista, mostraram-lhe um exemplar extensamente comentado à mão de *The Case for the UFO* e pediram-lhe para comparar a caligrafia nas margens com a das cartas de Allende que Jessup levava consigo. Praticamente não houve dúvida de que as anotações no livro e as cartas tinham sido redigidas pela mesma pessoa. Em consequência, o dr. Jessup foi persuadido a desfazer-se das cartas, uma vez que elas poderiam constituir evidências de alta traição e de que seu erro em guardá-las poderia ser considerado como cumplicidade na revelação de segredos militares. Logo em seguida, Allende desapareceu misteriosamente de sua casa em New Kensington, Pensilvânia, e nunca mais foi visto.

Pouco tempo depois, o dr. Jessup foi convidado para um cargo elevado no Serviço de Pesquisas Navais, aparentemente para trabalhar em projetos semelhantes ao Experimento Filadélfia, mas declinou da oferta, temendo que os aparelhos projetados fossem potencialmente mais perigosos que a bomba atômica. Na ocasião, ele teria afirmado:

“Esse uso da ressonância magnética é o mesmo que a obliteração temporária de nossas dimensões, mas tende a fugir ao controle. Na verdade, é o equivalente à transferência de matéria a outro nível, ou dimensão, e poderia representar um avanço em outra dimensão se fosse possível controlá-lo”.

Conforme qualquer matemático idôneo poderia confirmar, a matemática abstrata permite supor a existência de 26 dimensões além das quatro do mundo físico, embora, hipoteticamente, possa haver um número infinito. E se essas dimensões são possíveis por hipótese, então as leis matemáticas afirmam que deviam existir de verdade.

Esse conceito foi desenvolvido pelo dr. Manson Valentine, colega e amigo íntimo do dr. Jessup, que fez uma explanação durante uma entrevista com Charles Berlitz. Na época, Berlitz trabalhava num livro a respeito do desaparecimento misterioso de diversos navios e aviões no Triângulo das Bermudas, uma região do oceano Atlântico que se situa entre as Bermudas, Porto Rico e Flórida. A inferência era de que os aparelhos usados no Experimento Filadélfia podiam ter reproduzido um fenômeno atmosférico natural, que se acreditava ser a causa do desaparecimento dos navios e aviões no Atlântico.

O dr. Valentine procurou explicar como eram possíveis essas desmaterializações, observando que muitos cientistas acreditam hoje que a estrutura atômica elementar é essencialmente constituída de energia elétrica em vez de partículas físicas. Segundo ele, o Universo é composto de “múltiplas fases de matéria” unidas pela ação de energias poderosíssimas, o que significa que o espaço e o tempo não são absolutos, mas flexíveis, dependendo mais da perspectiva de cada um. O dr. Valentine explicou: “A transição de uma fase a outra equivaleria à passagem de um nível de existência a outro — um tipo de metamorfose interdimensional. Em outras palavras, poderiam existir mundos dentro de mundos”.

Curiosamente, essa é a visão de místicos em todas as épocas, os quais alegam ter vislumbrado uma “realidade maior” além de nosso mundo tridimensional de matéria (ver pág. 105). Ele acrescentou:

“Sempre que nos deparamos com uma materialização e uma desmaterialização incríveis [para nós], como um fenômeno UFO, elas parecem estar acompanhadas por perturbações magnéticas. Portanto, é razoável supor que uma fonte intencional de condições magnéticas incomuns pode efetuar uma mudança de fase na matéria, tanto física quanto vital. Nesse caso, essa fonte também distorceria o elemento tempo, que é sem dúvida uma entidade independente, mas parte de uma dimensão especial de matéria-energia-tempo como esta em que vivemos”.

Infelizmente, nem Berlitz nem seu co-autor William Moore conseguiram entrevistar o dr. Jessup, pois em 20 de abril de 1959 o cientista foi encontrado morto em seu carro, depois de inalar o monóxido de carbono exalado pelo escapamento. O veredicto oficial das investigações criminais realizadas foi o de suicídio, mas os adeptos da teoria da conspiração sustentam que ele assinou a própria condenação à morte quando revelou sobre as cartas de Allende.

A Versão Russa

Um pós-escrito interessante foi acrescentado pelo escritor Robert Charroux, que obteve a seguinte informação do cientista romeno Doru Todericiu. De acordo com Todericiu, os russos consideravam seriamente os rumores de que a Marinha americana havia feito experimentos com invisibilidade ao radar durante a guerra, usando um submarino, não um destróier, e que conseguira transportar o submarino do píer de Filadélfia até Norfolk, conforme afirmara Allende.

O princípio envolvido era outra vez um campo magnético, mas na forma de uma tira de *moebius*, que é uma figura geométrica unilateral que se pode fazer torcendo uma tira de papel e unindo suas duas extremidades. Uma linha traçada em seu centro forma um círculo contínuo sem ter de mudar de lado e, ainda assim, quando o círculo é cortado ao longo da linha, forma um grande anel, e não dois círculos menores como sugere a lógica. No experimento, o submarino americano parece ter criado uma tira de *moebius* ao capotar uma vez durante cada volta e depois dividido o campo magnético criado com os meios eletrônicos a bordo. Infelizmente, Todericiu não conseguiu descobrir se os russos tinham engendrado uma série de experimentos semelhantes e, caso isso tenha ocorrido, se tinham conseguido ou não penetrar na quinta dimensão.

O famoso magista Aleister Crowley uma vez admitiu que tinha colocado bastante “chocolate” em suas fórmulas mágicas para que elas tivessem o sabor de bolos de chocolate, querendo dizer com isso que divulgara informações suficientes em seus livros para torná-los convincentes, mas não tanto que revelassem todos os seus segredos. O Experimento Filadélfia, assim como o caso curioso de Nikola Tesla, contém fatos verificáveis suficientes para parecerem convincentes e ao mesmo tempo ambos deixam questões fundamentais sem resposta.

Alguns pesquisadores têm expressado dúvidas de que o Experimento Filadélfia tenha chegado a ocorrer e afirmam que a morte do dr. Jessup foi mesmo suicídio. Era sabido que ele andava deprimido por não ter feito sucesso como escritor, e seus planos para novas pesquisas sobre o fenômeno UFO tinham fracassado. As incoerências nas cartas de Allende e o absurdo das alegações de Al Bielek como “sobrevivente” lançam mais dúvidas sobre o assunto como um todo e, além disso, o serviço de informações da Marinha americana parece ter interesse em acobertar o fato.

O caso de Nikola Tesla é outra curiosa mistura de fatos e especulação. Nos é pedido que acreditemos que o governo americano tenha conspirado com “interesses comerciais” para abafar os planos de Tesla quanto à eletricidade grátis, planos que nunca foram testados na prática. Na verdade, as alegações extraordinárias de Tesla sobre seu raio da morte e subsequente comportamento excêntrico sugerem que ele não devia ser levado a sério para começar, embora sem dúvida possuísse talento matemático e imaginação fora do comum. Não é mais provável que seus documentos fossem confiscados depois de sua morte em 1943, porque os Estados Unidos estavam em guerra, e o governo não queria arriscar que projetos como o do raio da morte, por mais improváveis que fossem, caíssem em mãos erradas?

A verdade pode ser mais estranha que a ficção, mas parece que preferimos o mito à realidade, porque o mito é infinitamente mais interessante.

Capítulo Dezesseis - Visão Remota e Espiões Sensitivos Americanos

DE TODAS AS minhas experiências psíquicas, a mais inexplicável continua sendo meu primeiro contato com o fenômeno conhecido como visão remota.

Muitos anos atrás, compareci a uma reunião de um grupo de conscientização paranormal perto de casa, em Kent, na Inglaterra, levado por uma mulher a quem eu disse que não tinha a capacidade de ter visões que os outros participantes descreviam, quando então ela se ofereceu para me dar “uma mãozinha”. Com um sorriso compreensivo, ela se aproximou de onde eu estava sentado e pousou a mão na base de minha espinha. Então me pediu para fechar os olhos e dizer o que via. Depois de alguns instantes eu via a imagem da sala de estar da minha casa, mas com diversos detalhes significativos sobrepostos à imagem principal. Quando comecei a falar em voz alta o que estava vendo, minha casa desapareceu e em seu lugar apareceram móveis e utensílios estranhos. Eu conseguia descrever em minúcias essa outra casa e estender minha visão ao jardim, onde vi um objeto curioso, uma estátua de Eros que não parecia pertencer àquele lugar. Embora eu a pudesse ver com clareza, ela estava num ângulo esquisito. Quando terminei a descrição, fui informado friamente de que estava me referindo a um apartamento pertencente à mãe da mulher em Nova Iorque! A explicação para a estátua de Eros foi que ambas haviam conversado recentemente sobre se encontrar em Piccadilly Circus na próxima visita da mãe à Inglaterra.

Não sei explicar como visualizei um lugar que não significava nada para mim, nem como os pensamentos da mulher se projetaram em minha mente, a não ser que tenha ocorrido algum tipo de telepatia ou visão remota assistida. Tampouco acredito que ela tenha mencionado o apartamento de Nova Iorque simplesmente para me impressionar, uma vez que não ganhava nada com isso. Ela nem mesmo estava sendo paga por me fazer ficar na reunião.

Testando os Limites

A visão remota compreende a projeção da consciência a um local

distante e costuma ser confundida com a experiência de saída do corpo, mas é especial, e não tão rara como se pode imaginar. Desde a década de 70, vários médiuns famosos submeteram-se a testes para avaliar a eficácia dessa técnica em rigorosas condições de laboratório, o que levou tanto a CIA quanto a KGB a treinar espiões sensitivos em técnicas de visão remota para seus programas de espionagem paranormal.

Dentre os últimos, o analisado mais convincente foi um sensitivo de Nova Iorque, Ingo Swann, que na década de 70 submeteu-se a uma série exaustiva de testes, sob a supervisão do físico e parapsicólogo dr. H. Puthoff e do físico Russell Targ, para a American Society for Psychical Research no Stanford Research Institute (SRI) na Califórnia.

Inicialmente, pediram a Swann que visualizasse por meios supra-normais o conteúdo de envelopes lacrados, mas logo ele se entediou com a experiência e desafiou os cientistas a procurar um teste mais à altura de seu talento. Foi ideia dele fazer uma experiência com a técnica que chamou de “visão remota”, que em princípio compreendia projetar sua mente para uma plataforma suspensa do teto do laboratório, em que se colocavam figuras geométricas. Mas depois de identificar e desenhar corretamente essas figuras várias vezes, por clarividência, telepatia ou visão fora do corpo, Swann aborreceu-se de novo e sugeriu que lhe dessem coordenadas de latitude e longitude, escolhidas ao acaso, para a localização de um alvo em qualquer lugar do mundo que ele pudesse testar por meios psíquicos.

Dentre 100 testes diferentes, ele foi capaz de fornecer descrições precisas e detalhadas de 43 dos locais, que foram depois verificados, e 32 descrições estavam corretas por muitos aspectos. Numa ocasião memorável ele deu aos cientistas um desenho detalhado de uma ilha no oceano Índico, mostrando aspectos característicos, entre os quais um campo de pouso, um desembarcadouro, barcos e um farol. Embora na época a equipe de pesquisa insistisse que não havia nada naquela localização, pesquisas posteriores confirmaram o que Swann vira.

O sucesso da experiência logo atraiu a atenção da CIA, que supostamente ofereceu uma verba de 50.000 dólares à equipe do SRI para encontrar um “fenômeno repetível” que pudesse ter aplicações na obtenção de informações. Como um teste de autenticidade, um representante da CIA deu a Swann e a seu novo parceiro, o policial aposentado Pat Price, as coordenadas de uma casa de veraneio de um amigo próximo a Washington, do outro lado dos Estados Unidos, da qual ninguém em Stanford tinha

conhecimento. Mas estas estavam ligeiramente imprecisas, e os dois médiuns chegaram a uma instalação militar secreta na vizinhança. Entre os detalhes que ambos foram capazes de fornecer ao incrédulo agente do governo incluíam-se os nomes do pessoal que estava trabalhando na base e as palavras em código para os arquivos secretos que estavam guardados em armários fechados. Esses detalhes foram suficientes para convencer o Pentágono a financiar o programa de espionagem por meios paranormais que acabou sendo conhecido como Stargate.

Confissões de um Espião Sensitivo

Um dos primeiros recrutas da unidade foi um major do Exército americano chamado David Morehouse, que diz ter revelado a história confidencial das missões da unidade em seu *best-seller* internacional *Psychic Warrior*.

Tudo começou quando esse soldado de carreira assumido, oficial do Exército americano altamente condecorado e graduado com distinções militares, sem nenhum interesse por fenômenos paranormais, foi acidentalmente atingido por um disparo na cabeça durante um exercício de treinamento na primavera de 1987. A bala alojou-se no capacete de David, tomando-o inconsciente com o impacto e mandando-o para o “limbo”. Nos meses que se seguiram à sua recuperação, ele começou a ter experiências perturbadoras de saída do corpo e passou a duvidar da própria sanidade. Então, no momento em que estava pensando em pedir baixa para tratamento de saúde, foi convencido a se transferir para o Departamento de Defesa para fazer um treinamento como espião sensitivo do Stargate. Lá, numa base secreta no Forte Meade, ele descobriu que suas capacidades extra-sensoriais estavam longe de ser exclusivas. Ele era apenas mais um dentre os diversos ex-militares que haviam sido recrutados.

Cada viagem de avistamento remoto seguia um sistema padronizado. Num aposento indicado no QG do Stargate, David se acomodava numa cama especialmente projetada chamada de plataforma de avistamento e com as luzes diminuídas para criar a atmosfera adequada. De frente para ele se sentava um “monitor”, outro membro da equipe que acionava câmeras de vídeo e gravadores que registravam cada detalhe da missão. Era o monitor quem avisava sobre as coordenadas do alvo escolhido — a natureza deste era sempre desconhecida dos videntes até serem informados. Com as

coordenadas em mente, o vidente entrava em um estado de consciência altera da, semelhante ao adotado em meditação profunda, antes de projetar seu “corpo fantasma”, como o chama David, no éter.

A separação do corpo físico sempre começava com um som parecido com o de uma fita de velcro sendo puxada, e então os videntes encontravam-se suspensos na escuridão do espaço, olhando para baixo, para o planeta Terra. Instantes depois, desciam através de um túnel, numa velocidade crescente, com as estrelas vizinhas se convertendo em rastros de luz até que seu corpo fantasma atingia uma substância membranosa, o que indicava que haviam atingido a área do alvo. David admite que ainda não entende exatamente como a coisa funciona, preocupando-se apenas em “concentrar-se na viagem” e descrever o mais exatamente possível o que viu quando chegou lá.

Surpreendentemente, ele não admite que o que vivenciou foi uma forma de projeção astral.

“Uma experiência de saída do corpo é um fenômeno completamente diferente. A visão remota não requer que a pessoa deixe o corpo. É uma projeção da mente envolvendo a abertura de condutos no contínuo espaço-tempo. As experiências de saída do corpo tendem a ser excursões espontâneas raras pelo corpo astral ou a determinado plano da existência em sintonia com sua frequência vibracional. A visão remota projeta a mente quando se quer no éter e apenas depois de um período prolongado de intenso treinamento.

“É claro que tudo o que você capta durante a visão remota é filtrado pelo consciente, que interpreta as imagens, cheiros, gostos e impressões emocionais de acordo com as experiências anteriores do vidente. Portanto, fomos treinados para ser capazes de diferenciar entre o que realmente estava lá e o que era estimulado por nossa imaginação. Eles nos alertavam contra o que chamavam de ‘sobreposição analítica’, isto é, a intrusão do consciente para captar e analisar automaticamente algo que não reconhece. Muito do que está no éter não se encaixa com a experiência cotidiana, portanto nosso consciente não pode computá-lo, digamos assim. Assim ele acrescenta uma porção de outros dados de sua própria memória, de modo que possamos aceitar aquilo como ‘real’. Mesmo no nosso caso, ele se insinuava e coloria a informação como ela se apresentava. Por esse motivo a visão remota nunca é 100% precisa. Quem quer que lhe diga que é, está

mentindo!”

David explica em seu livro que às vezes o alvo podia ser uma instalação militar secreta e inacessível dentro do território do inimigo, um submarino nuclear no meio do oceano ou até mesmo um piloto de testes em vôo. Ocasionalmente, os videntes eram enviados inadvertidamente a lugares como o campo de concentração de Auschwitz para adaptar seus sentidos recém-adquiridos a “energias negativas”.

Ao fazer viagens perturbadoras como essas, David acredita realmente que na época estivesse em perigo ou será que apenas era sensível demais a energias negativas?

“Boa pergunta. Provavelmente eu era apenas sensível demais. Não tinha consciência de alguma força francamente negativa no éter que estivesse exercendo influência sobre mim ou sobre algum dos outros videntes, mas existe um efeito cumulativo por se expor demais a energias ou emoções negativas, como acontece com alguns de nós. Você precisa se lembrar de que os alvos não eram escolhidos para serem uma experiência iluminadora. Estávamos sistematicamente expostos a incidentes violentos ou negativos e a locais como os fornos de Auschwitz e a destruição do *Airbus* 103 sobre Lockerbie, com a finalidade de nos sensibilizarmos a essas vibrações, de modo que pudéssemos reconhecê-las quando fôssemos enviados para sentir as reações de um piloto de testes soviético, por exemplo. Depois de ter sido expostos a grandes ondas de angústia e medo em Auschwitz, por exemplo, seríamos capazes de reconhecer as sensações presentes num quartel-general de polícia secreta ou campo de trabalhos forçados, ou captar vibrações mais sutis, como a irritação de um piloto de testes nos informando o quanto se sentia impotente durante uma queda, ou seja lá o que for. É a mesma coisa que acontece ao corpo físico depois de sofrer uma ulceração produzida por congelamento. Da próxima vez que o corpo sentir frio abaixo do que considera normal, ele manifestará sintomas psicossomáticos de enregelamento. E é isso também que acontece com as energias emocionais extremamente intensas.

“Mas devo confessar que sempre que ‘retornávamos’ de uma missão, nossos dados eram agregados às informações colhidas por muitas outras fontes, incluindo varreções de satélite, reconhecimentos fotográfico e humano, e enviados para análise. O fato que permanece é que a visão

remota não é 100% precisa e nunca será. Nunca se pode confiar exclusivamente num único operador, a despeito do que os sujeitos que hoje oferecem cursos caros possam lhe dizer. A visão remota não é um empreendimento solitário. Nenhuma missão jamais foi aprovada com base apenas nas informações obtidas por visão remota. Essa era apenas uma peça do quebra-cabeça. No início, a direção dizia que se a visão remota mostrasse uma precisão de apenas 5%, então já valeria a pena, mas sei que ela sempre teve normalmente em torno de 80% de precisão e às vezes até mais.”

Na época em que entrou para a unidade, ele sabia que os soviéticos tinham um programa semelhante em funcionamento?

“Sabia. O conhecimento das atividades soviéticas foi o que na verdade levou os Estados Unidos a desenvolverem seu próprio programa de visão remota. E então logo depois descobrimos que os tchecos, os chineses, os ingleses e os israelenses também tinham programas semelhantes. E todos eles continuam em atividade atualmente. Eles eram todos muito parecidos no que se refere a seus resultados e potenciais, com exceção dos soviéticos, que estavam bem à frente dos outros pelo simples fato de que podiam convocar ‘talentos’ de toda a população. Se os russos ouvissem falar de algum operário que tivesse sido atropelado por um caminhão e desenvolvido PES como efeito colateral, por exemplo, o pessoal dos serviços de informações poderia simplesmente ir à casa dessa pessoa e recrutá-la à força para o trabalho. Nós tínhamos de esperar até que alguém nas Forças Armadas apresentasse um sinal e então tínhamos de persuadir a pessoa a se submeter ao treinamento.

“Mas os soviéticos logo descobriram que seu pessoal começara a se dispersar à medida que o Estado reduzia o controle sobre os indivíduos. Sei com certeza que o mais conhecido espião sensível deles, Ivan Sokalov, ofereceu seus serviços no mercado corporativo global e comenta-se que tenha sido contratado por uma empresa multinacional de produtos eletrônicos de consumo. Alguns de meus colegas contestaram a informação, mas então lhes pedi para me dizerem onde ele está e quem está pagando seu salário!”

A partir das descrições de seu treinamento e experiências, David parece

ter ficado entusiasmado em vez de apreensivo ante a perspectiva de explorar o desconhecido. Então, segundo sua experiência, não há nada a temer lá fora?

“Quando se afasta o véu e se revelam outras dimensões, são muitas coisas a se temer, embora a maior delas seja a incapacidade de digerir a enormidade dessa realidade maior. Certamente há outros mundos, outras pessoas, outras dimensões — muitos dos quais benignos e grande quantidade de malignos —, mas, até onde chegaram o meu conhecimento e experiência, não existe uma força das trevas lá fora.

“Encontrei o que poderia chamar de seres inferiores ou demônios em diversas ocasiões. Eles são parecidos conosco e parecem amigáveis até que você percebe o que são. Então usam seus próprios medos contra você. Podem sentir o que o amedronta porque existem no plano das emoções, que é um nível que os videntes remotos sempre exploram. O que realmente me dava medo era sentir a vontade que eles tinham de me dominar e possuir meu corpo. Mas também encontrei seres benignos e iluminados, como o meu próprio anjo da guarda e outros que tinham a consciência de Cristo. Infelizmente, eles pareciam nos considerar como intrusos inócuos e se recusavam a se relacionar conosco.”

Alguma vez David teve a percepção de formas de vida extraterrestres durante suas viagens pelo éter?

“Sim. Com certeza existe vida no espaço. Não estamos sozinhos, sei disso. Uma porção de bobagens têm sido escritas sobre UFOs, mas com relação a todas essas coisas há certa dose de verdade por trás do que se diz.

“Eu não poderia lhe dizer com certeza se a Área 51 é uma base secreta para UFOs caídos, portanto não vou especular como outros fizeram. Não quero comprometer minha credibilidade especulando. Só tenho falado e escrito sobre o que vi por experiência própria.

“Dou risada quando ouço falar dos pretensos especialistas em UFOs que comparam fotos de aeronaves militares secretas com as de supostos UFOs, dizendo que a semelhança de seus perfis é prova categórica de que o governo americano está se apossando de tecnologia extraterrestre! Quando você pergunta a essas pessoas onde conseguiram as informações, elas invariavelmente alegam conhecer alguém que trabalha na Área 51, mas

aqueles lá são caras que recebem do governo para distribuir a desinformação! Eles estão rindo desses idiotas simplórios pelas costas. Não se deve acreditar em nada da Área 51 ou dessas supostas bases secretas, a menos que se seja levado pessoalmente pela mão para uma visita e veja por si mesmo.

“Vou lhe dizer três coisas a respeito dos UFOs. Uma, é que eles existem. Duas, é que os governos do mundo sabem que eles existem. E três, é que eles não querem que você saiba que eles sabem que os UFOs existem. Tem muita tapeação e manipulação por aí para garantir que o que vazou seja distorcido e camuflado com uma série de absurdos que possam ser questionados e recusados.”

A grande pergunta então é a seguinte: existe mesmo uma verdade lá fora ou tudo é muito mais complexo do que parece? Existem nuances diferentes do cinza?

“Essas são perguntas muito interessantes. Ninguém nunca me perguntou isso antes. Quando penso sobre isso, digo que parece haver muitas nuances da verdade. O que digo em meu livro é a ‘melhor’ versão dela, se você puder admitir essa classificação.

Não parece haver uma marca indelével que lhe diga para virar à direita aqui, e então, à esquerda ali. Seja qual for o grande plano, sempre haverá a liberdade de atuação ou o livre-arbítrio em operação. Nosso futuro é determinado pelo livre-arbítrio, não pela ação divina.

“A capacidade de discernir a verdade reside naquela vizinha dentro de nós que chamamos de instinto ou intuição. Embora a visão remota pareça com algo saído de um episódio de *Arquivo X*, na verdade ela vem desenvolver ou aprimorar a intuição que todos nós temos. É aprendendo a abrir os condutos de nossos sentidos ocultos que mergulhamos na superconsciência de que todos fazemos parte. Se praticar, você vai começar a saber de coisas que não pode ver com a mente consciente e não vai entender como sabia dessas coisas.”

As afirmações feitas por David Morehouse foram corroboradas em particular por diversos militares superiores, e minha experiência com a visão remota convenceu-me de que uma projeção da consciência como a que ele descreve é possível, mas a experiência em si é altamente subjetiva, e

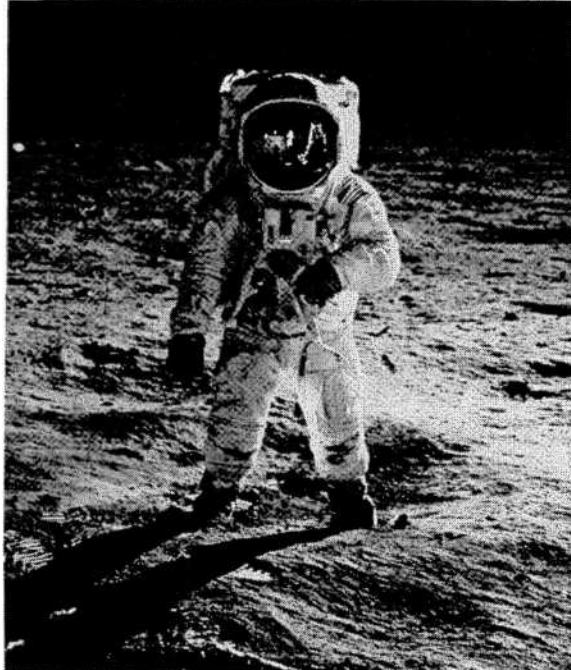
os resultados são imprevisíveis. Morehouse admitiu que os militares nunca confiaram exclusivamente nas informações obtidas pela unidade de visão remota e ele mesmo expressou dúvidas sobre as afirmações feitas pelas pessoas que oferecem hoje em dia cursos sobre o assunto.



Acima: A primeira página do Roswell Daily Record (8/7/1947) anunciando a captura de um “disco voador” (flying saucer, em inglês). A história baseava-se num relatório do Exército americano.

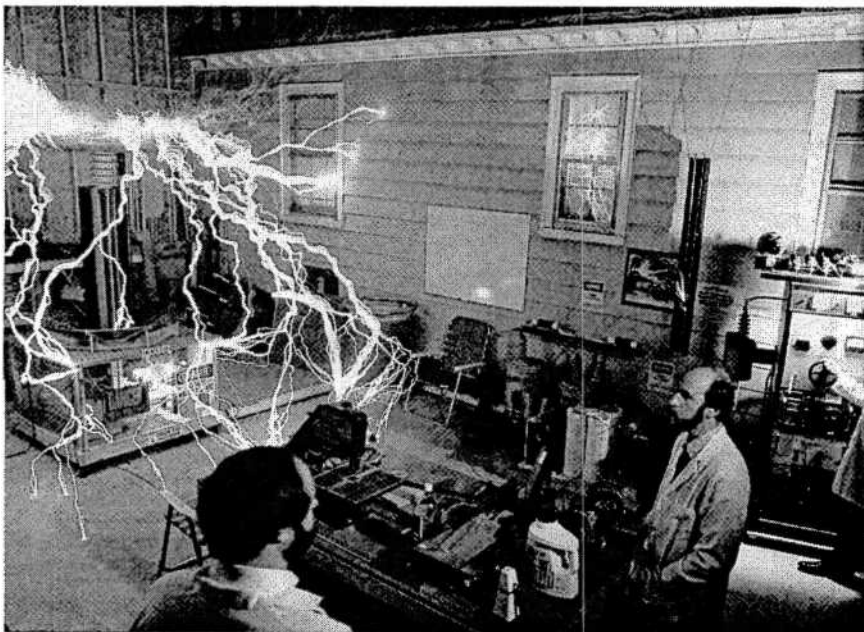


Acima: James Basil, abduzido por alienígenas, com o suposto implante feito por eles.

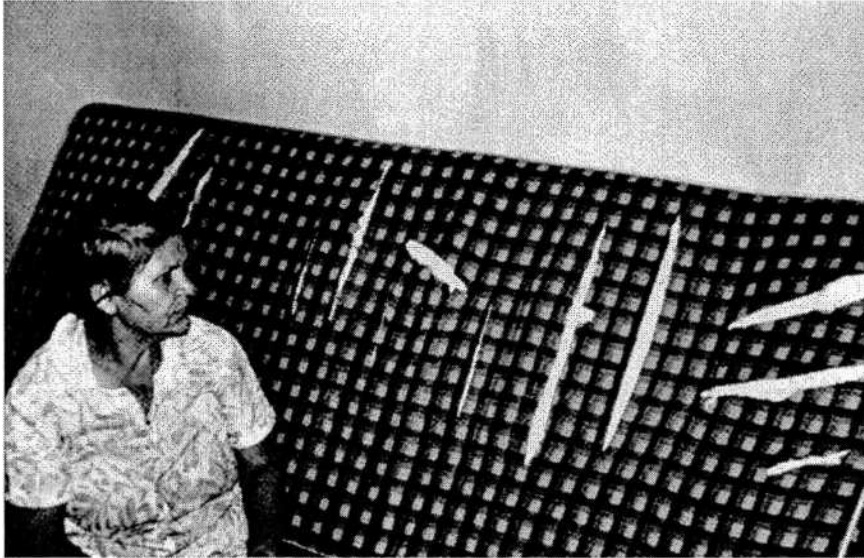


Acima: Uma das fotografias da missão Apoio 11 à Lua em 1969. Algumas pessoas crêm que ela prova serem falsos os pousos no satélite da Terra. Esta foto de Buzz Aldrin é tida como suspeita por diversos motivos.

Abaixo.: O físico croata dr. Nikola Tesla construiu sua primeira torre de transmissão em Long Island, Nova Iorque. Ele dizia que o transmissor podia gerar 100 bilhões de watts de eletricidade, os quais podiam ser concentrados na forma de um raio da morte que poderia ser dirigido a qualquer lugar do mundo.



Acima: Cientistas demonstrando a maior bobina de Tesla apelidada de “Nemesis”. A bobina de Tesla produz eletricidade de alta voltagem (acima de 1 milhão de volts) e freqüência, usando meios elétricos para criar uma centelha sessenta vezes por segundo.



Acima: Uma das diversas peças de mobília danificadas pelo entalhador invisível, no caso de *poltergeist* de Guarulhos, Brasil, em 1973.

Abaixo: O curandeiro brasileiro Edivaldo Silva realiza uma cirurgia psíquica num garoto. Não é usado nenhum anestésico. O cirurgião enfia as mãos no corpo do garoto sem fazer nenhuma incisão.





Acima: O número considerável de avistamentos documentados por testemunhas respeitáveis e confiáveis dificulta até ao cético mais ferrenho negar a existência de fantasmas. Por exemplo, quando o sr. Bootman, gerente de banco, tirou esta fotografia da Eastry Church, em Kent, Inglaterra (1956), ela estava vazia.

Quarta Parte - Enigmas Paranormais

Durante minha infância, tinha periodicamente experiências de saída do corpo, nas quais tinha plena consciência e sabia que o que estava vivenciando era bem diferente de um sonho. Tinha a sensação de flutuar livre de meu corpo, de explorar meu ambiente sob uma perspectiva nova, como se fosse um pássaro. Antes de voltar para meu corpo adormecido com uma sensação familiar de queda, eu cruzava oceanos e paisagens desconhecidas para visitar parentes que não tomavam conhecimento de minha presença. Na fase adulta, minhas viagens astrais tornaram-se menos frequentes, embora ocasionalmente ainda acorde de um sonho encontrando-me em outra parte da casa antes de ser atirado de volta ao meu corpo, ou vagando para dentro e para fora dele, pensando se devo partir ou não em outra “viagem” ou voltar a dormir.

Não existe nada de excepcional nessa capacidade. Todos a temos; apenas tendemos a menosprezá-la, considerando-a como um sonho, seja porque simplesmente não acreditamos que tais coisas sejam possíveis, seja porque outros sonhos em seguida obscureçam a realidade do que vivenciamos em nossas lembranças quando acordamos. O resultado dessas excursões astrais foi que me convenci de que o que imagino ser poderes sobrenaturais são simplesmente uma percepção aguçada dessa realidade maior que é normalmente limitada por nossos sentidos físicos. Nas páginas seguintes espero demonstrar que as faculdades supra-normais são algo que todos podemos cultivar e que depois de alimentar essas habilidades possamos perder nossa obsessão pelas coisas transitórias do mundo material e nosso medo do desconhecido.

Capítulo Dezessete - Fenômenos Psíquicos - O Dom da Segunda Visão?

A MÍDIA sensacionalista é grandemente culpada por criar o mito de que o poder psíquico é um dom excepcional conferido aleatoriamente a pessoas desconhecidas que acabam descobrindo que “saber demais” pode ser uma maldição em vez de uma bênção. No mundo real, as pessoas sensíveis a forças psíquicas ou supranormais tendem a ser gente bastante comum, que vêm a aceitar suas percepções como uma sensibilidade elevada a impressões no éter e auras que todas as pessoas projetam. Por essa razão, elas muitas vezes preferem ser conhecidas como sensitivas, ou intuitivas, em vez de supranormais ou médiuns. Os médiuns são tradicionalmente aquelas pessoas que se especializam em fazer contato com os espíritos desencarnados, mas toda atividade sensitiva, as vibrações sutis — ainda que às vezes excessivas — que os sensitivos sentem, cria impressões na mente que devem ser distinguidas das criações do inconsciente dessa mesma pessoa.

Numa pesquisa recente do instituto Gallup conduzida na Grã-Bretanha, 50% das pessoas consultadas acreditavam que tinham experimentado alguma forma de percepção psíquica. Considera-se que todos temos esse talento latente, mas a maioria de nós ignora a vozinha interior, que é nosso “ser superior”, e nega suas percepções, porque fomos condicionados a desconfiar de nossa intuição. Em vez disso, andamos como sonâmbulos em um mundo de infinito interesse, que percebemos como se estivéssemos cegos, simplesmente porque nos ensinaram que a intuição é um instinto primitivo supérfluo, e que os produtos de nossa imaginação são irreais. A experiência psíquica sugere o contrário: que a imaginação é o instrumento pelo qual podemos divisar uma realidade maior — o mundo do espírito.

Pesquisa Psíquica

Usando um conjunto de cartas criadas especialmente para essa finalidade, cada uma delas com um desenho ou forma simples, ele demonstrou que alguns dos alunos eram capazes de adivinhar corretamente qual carta estava segurando, com maior frequência do que poderia ser atribuído ao mero acaso. Ele denominou essa capacidade de percepção

extra-sensorial ou PES.

O dr. Rhine também investigou um jogador que afirmava ser capaz de influenciar o resultado num jogo de dados e ficou tão impressionado que iniciou uma série de experimentos sobre psicocinese, ou influência da mente sobre a matéria, de novo usando os alunos da Universidade de Duke como cobaias. Rhine descobriu que eles também eram capazes de influenciar o resultado dos dados jogados, mas apenas quando seu nível de interesse era elevado. Os resultados positivos diminuía rapidamente quando os testes começavam, independentemente de quanto estivessem interessados na tarefa, sugerindo que a capacidade sensitiva é aguçada por determinado estado mental não especificado. Talvez a mais convincente demonstração de poder paranormal tenha sido dada pelo sensitivo Ingo Swann durante uma série de testes conduzidos pelo físico e parapsicólogo Harold Puthoff, do Instituto de Pesquisas de Stanford, na Califórnia, na década de 70 (ver pág. 120). Puthoff via com reservas os resultados obtidos por Rhine, os quais desconfiava que podiam ainda conter um elemento de acaso, e assim criou um teste que poderia eliminar esse aspecto completamente.

Puthoff acreditava que a energia psíquica é essencialmente magnética, e que um sensitivo de verdade seria capaz de influenciar um campo magnético, cujas variações poderiam ser registradas. Com essa finalidade, solicitou a assistência de um físico pesquisador, Arthur Hebard, que tinha acesso a um magnetômetro altamente sensível usado na medição de campos magnéticos. Swann foi então desafiado a alterar o campo magnético do núcleo. Este era protegido por quatro camadas de material, incluindo uma bobina elétrica super-resfriada e situada numa galeria subterrânea de oito toneladas de aço, revestida de concreto, embaixo do piso do laboratório, para isolá-lo de influências externas. Em questão de minutos as ondas traçadas pelo registrador do instrumento dobraram de frequência enquanto Swann testava o núcleo, então a atividade magnética cessou inteiramente. Depois de 45 segundos, Swann anunciou que não conseguia mantê-la por mais tempo, e o registrador ganhou vida outra vez, quando a atividade magnética foi retomada.

Enquanto o meio científico oficial permanece teimosamente cético em relação a todos os aspectos dos fenômenos paranormais, as evidências em favor da existência desses fenômenos são muito grandes. Na década de 30, o dr. J. B. Rhine, geralmente considerado o pai da parapsicologia

experimental, conduziu uma série abrangente de testes durante um período de oito anos, usando como cobaias os alunos da Universidade de Duke, na Carolina do Norte.

Como que para dirimir todas as dúvidas, Swann desenhou então o interior do magnetômetro, mostrando aspectos que não tinha como saber onde se encontravam, o que fez com que os físicos declarassem que estavam mais do que satisfeitos, pois agora tinham provas conclusivas da existência da capacidade psíquica.

A Experiência do Agente de Cura

Karin Page, fundadora do centro de cura espiritual Star of the East, em Kent, na Inglaterra, ela mesma, uma sensitiva com experiência prática dos fenômenos paranormais, define a capacidade psíquica como uma sensibilidade a energias sutis, em vez de um dom recebido arbitrariamente por pessoas escolhidas por um Criador benévolo.

“Acredito que todos nascemos com faculdades psíquicas. Só que esquecemos como canalizar essa energia. Ela normalmente é despertada por experiências que nos forçam a questionar o sentido da vida ou pode ser estimulada pelo encontro com pessoas espiritualmente conscientes no momento certo de nossas vidas. Elas podem nos fazer ver o mundo de maneira menos materialista e talvez nos encorajem a confiar mais em nossa intuição, que é o primeiro passo para o desenvolvimento psíquico.

“Minha primeira experiência ocorreu espontaneamente quando tinha 6 anos de idade, embora não entendesse o que era aquilo, pois era muito jovem. Eu estava olhando à-toa pela janela do meu quarto quando vi um casal andando de braços dados pela rua, desaparecendo de repente como fumaça. Hoje pode parecer estranho, mas sendo tão jovem não achei estranho e não fiquei com medo. Não pensei neles como espíritos ou fantasmas, porque pareciam tão concretos, tão reais. Só pensei que estavam tão apaixonados que se transformaram em árvores ou coisa assim, como personagens de contos de fadas.”

Ter a mente aberta ou receptiva parece ser a condição necessária para esses vislumbres de outra dimensão. Será que a capacidade de relaxar num estrado meditativo é tudo o que distingue o sensitivo ou o supranormal do

cético?

“Minhas próprias experiências e as dos outros médiuns que conheci e com quem trabalhei sugerem que o contato com os espíritos não é um processo de duas vias. Alguns médiuns nasceram com um dom natural da ‘terceira’ visão, como costumam dizer, mas às vezes os espíritos querem se comunicar com os vivos e se a pessoa não está aberta para receber a mensagem então o espírito pode levá-la ao que parece ser um encontro acidental com um médium, de modo que a mensagem possa ser transmitida. “O conhecimento intuitivo que esses médiuns possuem vem de seu próprio ser superior e é por isso que não têm nada a temer quanto a se abrir para o conhecimento superior. Parece haver uma proporção maior de mulheres como médiuns e isso acontece simplesmente porque elas tendem a confiar mais em sua intuição. Mas quando os homens aprendem a fazer o mesmo, geralmente se tornam agentes de cura poderosos.”

Inicialmente, a consciência de Karin sobre outros níveis de ser expressava-se de maneiras sutis. Durante a adolescência e início de seus 20 anos, ela leu sobre algo que achou que já sabia ou que tinha um conhecimento maior do que podia obter pelos cursos existentes. Então, quando estava com 28 anos, teve uma experiência que a convenceu da existência da vida após a morte e demonstrou-lhe inequivocamente que nosso mundo físico é apenas uma forma de realidade.

“Contraí pneumonia e fui levada ao hospital, onde tive uma experiência do limiar da morte da qual nunca vou me esquecer. Foi uma situação mais viva e real do que chamamos de vida real. Minha mente ficou alerta e clara como cristal, não como num sonho em que você se acha numa paisagem imaginária. Lembro-me que eram 6 horas da manhã, a hora em que as enfermeiras levavam chá e café para a enfermaria. Eu simplesmente saí do corpo para o teto e quando olhei para trás vi meu corpo deitado na cama. Naquele momento a enfermeira entrou e pôs uma xícara de chá ao lado de minha cama. Então ela percebeu que eu estava com problemas e chamou o médico. Eu via o que estava acontecendo, mas não podia ouvir o que eles diziam. Era como se eu estivesse embalada numa calma doce e quente. Era uma paz extrema, uma bênção, uma alegria, uma liberação. Eu não estava preocupada nem um pouco com o ser deitado na cama, não tinha nada que ver com o que eu era na realidade.

“Então me voltei para a luz acima de mim, que sentia que estava me acenando. Ao contrário da luz do sol, podia olhar direto para ela, sem nenhum problema. Era intensa, mas não era desagradável olhar para ela. Eu não conseguia ver nada além da luz.

Mas continuava querendo olhar para trás, para aquela forma deitada na cama, e lembro-me de ter pensado: ‘Por que toda essa confusão? Por que estão preocupados comigo? Estou bem’.

Eu queria seguir para a luz, mas algo me puxava de volta. Então de repente eu estava de volta ao meu corpo.

“Nas três horas seguintes oscilei entre o estado de consciência e a inconsciência. Quando o médico veio me ver às 9 da manhã, tudo o que disse foi: ‘Você nos deu um trabalhão esta manhã, não foi?’ Eu apenas sorri. Daquele momento em diante perdi o medo da morte e entendi que tudo estaria bem, embora levasse ainda três meses para ter alta do hospital.”

Depois disso, Karin teve experiências de saída do corpo periodicamente enquanto dormia, durante as quais ela “acordava” para se encontrar em outra parte da casa antes de voltar para o corpo. E depois aconteceram incidentes estranhos, que se seguiram à morte de sua sogra.

“O nome dela era Mary, e ela vivia com a gente na época. Eu era sua enfermeira, porque, embora estivesse lúcida, fisicamente estava muito frágil. Um dia ela me disse que se fosse possível voltaria depois da morte para que eu tivesse uma prova da sobrevivência de sua alma. Eu não a levei a sério na época, mas dois meses depois de sua morte ela retornou.

“Um dia, todos os relógios da casa começaram a agir de maneira estranha. Todos mostravam um horário diferente. De repente, um deles começou a fazer um barulho estranho, outro parou completamente, e um rádio-relógio portátil de viagem caiu da estante e se espatifou no chão, bem a meus pés, exatamente no momento em que estava comentando com minha filha sobre como eles estavam estranhos. Ela disse apenas ‘fantasma’ e saiu correndo da casa.

“Outro dia, eu estava sozinha em casa quando o fone caiu do aparelho na parede e começou a tocar sem parar. Então um cobertor elétrico ligou-se sozinho, e a torradeira começou a funcionar sem que ninguém tivesse colocado uma fatia de pão dentro dela. Queixei-me com meu marido que sentia frio e ficava toda arrepiada, mas ele me disse para procurar um

médico ou esquecer o assunto. Mas a essa altura eu sabia que não estava doente. Era Mary tentando me dizer que estava comigo.

“A prova final surgiu quando fui a uma reunião espírita, e a médium, a quem nunca tinha visto antes, me disse que a mãe de meu marido estava tentando se comunicar, que o nome dela era Mary e que morrera de câncer, o que era verdade. Ela só queria agradecer por todo o tempo que eu cuidara dela, que eu fora boa com ela e que não voltaria a me procurar. Ela na realidade costumava dizer que eu era boa com ela, o que era verdade. Então a médium disse que Mary mandava lembranças a meu marido, meu filho e sua namorada, mencionando cada um pelo nome, o que me deixou boquiaberta. A única coisa que não entendi foi quando ela disse: ‘Agora estou com Emma’, porque não sabia de nenhuma Emma na família. Depois vim a saber que Emma era a irmã de Mary que morrera onze anos antes. Mary nunca mencionara Emma porque a família era muito grande, e eu não perguntava muito sobre seu passado. Desde esse dia sinto o cheiro do talco de Mary em muitas ocasiões e que ela está cuidando de mim.”

As pessoas que têm pouco conhecimento ou experiência no campo espiritual geralmente tendem a rejeitar todos os fenômenos paranormais como sendo um produto do inconsciente, porque temem a possibilidade de contato com uma força malévola difusa. Mas os médiuns raramente têm esses receios. Karin diz:

“Pessoalmente, não acredito no Diabo, mas acredito no mal como uma força criada pelas energias humanas. Portanto, não me refiro ao mal como uma realidade, acredito na lei universal, segundo a qual os semelhantes se atraem, o que significa que criamos nossas próprias experiências com nossos pensamentos e ações.

“No entanto, tenho tido experiências com pessoas que ficaram perturbadas depois de ter usado a mesa Ouija, pela qual atraíram espíritos errantes, mas esses são espíritos perturbados de seres humanos, não entidades malignas. Você tem de lidar com eles da mesma maneira que lida com um bêbado violento ou um viciado em drogas com quem não pode argumentar.

“Em um de meus casos, uma garota de 17 anos me procurou muito angustiada porque a mesa Ouija lhe havia dito que não viveria para completar 18 anos de idade. Ela realmente acreditava que fora escolhida para a morte, porque as primeiras mensagens que se manifestaram

revelaram detalhes de que nenhuma outra pessoa do grupo reunido para a sessão poderia ter conhecimento. Eu a acalmei dizendo que se ela parasse de dar atenção àquela entidade, alimentando-a com seu medo, e em vez disso se visse vestida de luz e com o amor dos anjos afastaria as energias negativas que atraía para si mesma. Também lhe disse que à meia-noite iria me sintonizar com ela e enviar-lhe energias de cura que iriam acalmá-la e restaurar-lhe a confiança. Na manhã seguinte, a primeira coisa que ela fez foi telefonar para me dizer que à meia-noite sentira ser retirado como que um fardo de suas costas e sentira-se envolvida como que pelas asas dos anjos. Intuitivamente, ela concluiu que daquele momento em diante nada poderia prejudicá-la. Mas me disse que naquela manhã sua mãe saíra no jardim para alimentar o coelho de estimação que estava perfeitamente são no dia anterior e o encontrou morto. Evidentemente, seja qual for a forma que a energia negativa tenha assumido, ela teria de se ‘aterrar’ de alguma forma.”

Um Milagre Moderno?

Mais recentemente, Karin e eu fomos testemunhas de uma cura milagrosa que ocorreu com um amigo nosso, que vou chamar de John para efeitos desta história. John era um homem idoso e saudável, que fizera o curso para se tornar agente de cura no centro Star of the East. Ele estava para concluir o curso de dois anos quando recebeu o diagnóstico de câncer no pâncreas, uma forma incurável da doença. Os médicos admitiram que não podiam fazer nada por ele e o liberaram para voltar para casa e esperar a morte.

John confidenciou-me depois que sua reação inicial ao receber a notícia foi uma sensação de intensa alegria, não porque finalmente iria se ver livre da dor, mas porque estava dominado por uma sensação de que sua vida tomara um rumo diferente do planejado e que ele logo iria para “casa”. Ele não contou a ninguém sobre isso na ocasião, preocupado com os sentimentos da família, que ficou em estado de choque.

Em vista do diagnóstico, Karin e os outros agentes de cura do centro começaram um processo normal de cura espiritual que envolvia a imposição das mãos e a canalização da energia vital universal para a região do corpo afetada, visando matar as células cancerosas e estimular o sistema imunológico do paciente. Eles também lhe deram um pouco de *vibhuti*, ou

cinzas sagradas, para colocar sobre a língua e o “terceiro olho” no centro da testa, como forma de bênção, exatamente como um padre católico faz o sinal-da-cruz na testa de um devoto com a água benta. Acredita-se que o *vibhuti* seja criado pelo avatar indiano Sai Baba e, portanto, tenha propriedades milagrosas (ver pág. 105).

Na época, John não era um seguidor de Baba e não sabia nada sobre ele. Ele vira fotos do homem sagrado nas paredes do centro, mas não se interessara em conhecer mais a esse respeito. Mais tarde ele me disse que durante uma noite especialmente desagradável chegou a ver Sai Baba aparecer no pé de sua cama, parecendo tão real, como se estivesse ali em carne e osso. John foi dominado por um sentimento de compaixão e amor incondicional que emanava daquela figura, que simplesmente lhe deu um largo sorriso e moveu um dedo de maneira engraçada. Numa voz clara que pareceu vir de dentro da cabeça de John ele ouviu Baba dizer: “Seu maroto!” John me disse que foi como se Baba o estivesse repreendendo por desistir muito depressa e não confiar em seus poderes de cura inatos.

Cirurgia Psíquica

Depois disso, John decidiu depositar sua fé nas mãos de um dos mais conhecidos cirurgiões psíquicos da Grã-Bretanha, Stephen Turoff, que acredita que seu trabalho seja abençoado por Baba. Turoff é um dos muitos agentes de cura semelhantes aos que executam operações indolores, sem anestésicos, em cirurgias improvisadas na América do Sul e nos subúrbios do sul de Londres. Muitos, como Stephen, não têm formação médica nenhuma, mas são orientados por seus guias espirituais, alguns dos quais foram cirurgiões durante uma vida anterior. A cirurgia psíquica cura por seus efeitos sobre o corpo etérico, onde se acredita que se originem todas as doenças, em vez de no corpo físico, no qual apenas se manifestam os sintomas. Não são necessários anestésicos porque o cirurgião manipula a matéria elevando seu nível de vibração, de modo a poder mergulhar as mãos dentro do corpo sem ter de fazer uma incisão. Os pacientes de Stephen sentem apenas a pressão de seus dedos e uma massagem na pele. Durante toda a operação, ele mergulha num leve transe, no qual é controlado pelo guia espiritual, um cirurgião vienense de nome dr. Kahn, cuja identidade e história foram identificadas por fontes independentes.

É permitido que um amigo ou parente do paciente assista ou até mesmo

filme a operação, que às vezes é acompanhada por um ruído característico quando as mãos de Stephen desaparecem no interior do corpo e ocasionalmente por um estalido ou dois quando o tecido doente é atirado num cesto! O sangue derramado, contudo, é invisível a olhos nus, e a matéria doente se desmaterializa instantaneamente. Stephen diz que alguns pacientes precisam ver sangue antes de acreditar que ele lhes tenha feito realmente alguma coisa, mas tantos desmaiam ante essa visão que ele pediu ao espírito para deixá-lo num estado vibracional superior, até que tenha sido removido do corpo.

Parece incrível, mas inúmeros pacientes testemunharam a eficácia de seu tratamento, e estudos científicos também verificaram os resultados impressionantes. Um estudo de cinco anos realizado por uma médica americana, dra. Linda Chard, concluiu:

“Sabemos que Stephen não está fingindo. Eu vi [o dr. Kahn] morto, no plano terrestre, realizar operações [por meio de Stephen] que desafiam a interpretação científica normal. A meu ver, o que o dr. Kahn faz quando desmaterializa o tecido doente é que alterando a energia subatômica dentro da estrutura celular do tecido ele é capaz de dispersá-la em matéria reciclável”.

Eu mesmo me submeti à cirurgia psíquica em janeiro de 1999 para curar uma moléstia sem muita importância, visando este livro, e embora não tenha me curado, pelo menos me senti limpo, quase purificado, depois da experiência. O melhor que posso dizer para descrever a sensação é que é como ter o próprio ser sacudido e depois deixado em repouso. Não notei nada no comportamento de Stephen que me convencesse de que estivesse possuído pelo dr. Kahn, mas fui afetado pela energia que ele me transmitiu e fiquei com uma cicatriz fina de uns sete centímetros que fiz questão que fosse testemunhada por várias pessoas antes de desaparecer no dia seguinte.

Outros pacientes de minha turma durante aquela viagem apresentaram resultados diferentes. Um homem mostrou-se desapontado por sentir apenas um pequeno alívio na dor em uma perna (embora continuasse a melhorar nas semanas seguintes), mas outro saiu da sala de tratamento exultante por ter se livrado de uma dor crônica nas costas que já durava vinte anos e que fora curada em menos de cinco minutos.

Karin admite que no início era muito cética em relação aos diversos

relatos de cura milagrosa por parte de Stephen e decidiu testar o “dr. Kahn”. Em sua primeira visita à clínica de Chelmsford, levou uma carta recente de sua mãe, que fora escrita em alemão, na qual ela contava sobre uma visita que fizera a seu médico. Karin sabia que Stephen, londrino e com pouquíssima educação formal, não falava nenhum outro idioma, mas se ele fosse verdadeiro então o “dr. Kahn” falaria. Quando ela foi chamada para a sala de tratamento, apresentou a carta sem dar nenhuma explicação e ficou surpresa ao ouvir o “dr. Kahn” lê-la de uma só vez, com forte sotaque austríaco, e concluir: “Sim, o diagnóstico está correto”.

É claro que, dadas as circunstâncias, Stephen poderia supor que se tratasse de um assunto médico. Ele não disse nada específico sobre a doença. Também viajou bastante realizando cirurgias em muitos países ao redor do mundo e podia facilmente ter aprendido algo de alemão no processo. No entanto, os fatos subsequentes convenceram Karin da sinceridade de Stephen e de seus dons.

Os médicos haviam dado a nosso amigo John apenas seis semanas de vida e lhe ofereceram duas opções de tratamento. Ele poderia receber uma série de sessões de quimioterapia ou submeter-se a uma cirurgia. Uma vez que ninguém jamais sobreviveu ao câncer pancreático, os cirurgiões só realizavam duas dessas operações por ano. John escolheu a cirurgia, porque sabia que o dr. Kahn lhe prestaria assistência no plano psíquico e estava determinado a voltar ao centro andando sozinho para completar o tratamento. No início ele se sentiu muito mal e fraco demais para ir até lá, mas a cada tratamento sentia-se cada vez mais forte, e seu ânimo melhorou. Na quarta e última visita, oito semanas depois, ele impressionou os médicos por ser a primeira pessoa a sobreviver à cirurgia pancreática e a não apresentar nenhum traço de células cancerosas depois disso. Na verdade, a equipe médica continuou a visitá-lo em casa durante várias semanas depois para lhe perguntar como ele conseguira. Logo depois da cirurgia, ele retomou ao centro conforme prometera a si mesmo, concluiu o curso e começou a curar outras pessoas.

A última vez que o vi ele estava animado, parecia extremamente saudável e podendo retomar suas longas caminhadas outra vez. Mas seis meses depois o câncer voltou, dessa vez no fígado, e ele morreu em seguida. Karin acha que ele recebeu a ajuda que precisava, mas que seu tempo havia se esgotado.

É difícil entender por que alguém sofrendo de uma doença terminal seja

curado apenas para que ela volte algum tempo depois, mas nos círculos espiritualistas há uma explicação clara para isso. “Não podemos ir contra o que pode ser chamado de vontade de Deus nem contra nosso próprio eu superior”, diz Karin.

“Todos temos um tempo de vida definido, acertado com nosso eu superior, no qual aprendemos e vivemos de tudo o que precisamos para nos desenvolvermos espiritualmente.

No caso de doenças recorrentes poderíamos dizer que não só o paciente, mas toda a família, aprende com a experiência. Eles ganham um conhecimento que permanece depois da perda. Temos de aceitar que, não importa o quanto amamos uma pessoa e queremos que permaneça conosco, se chegar seu momento de prosseguir, então ela irá. A meu ver, o sofrimento é mais para o crescimento daqueles que ficam.

Em certo sentido, a pessoa sacrifica o que resta de seu tempo para despertar as pessoas próximas e talvez também aliviar uma carga de carma que de outra forma consumiria outra vida ou mais para ser liberada. É claro que se você for insensível o bastante para dizer a alguém que seu ente querido escolheu sofrer daquela maneira vão pensar que você ficou louco. As pessoas não entendem que é o corpo que sofre temporariamente, não o espírito imortal, que está usando o corpo como veículo de evolução espiritual.”

Minhas Experiências como Agente de Cura

Comecei aos poucos a testar meus dons psíquicos logo após os 30 anos de idade, depois de entrar para um grupo de meditação que se especializara em cura espiritual. Achei que seria a maneira ideal de testar o desconhecido, enquanto me abria para uma finalidade positiva e sempre com o apoio de agentes de cura experientes.

A primeira vez que pratiquei a cura num voluntário, no caso uma mulher, ela comentou que o calor de minhas mãos era tão intenso quanto um aquecedor elétrico, mas que fora um calor confortador e “curara” a dor que sentia nos ombros. A dor nunca mais voltou. Tudo o que fiz foi entrar em estado meditativo, em que estava consciente do ambiente, mas ao mesmo tempo distante do mundo físico. Então, silenciosamente convidei a força criativa universal a me usar como canal para a energia de cura,

conforme fora instruído a fazer, e aproximei minhas mãos dos ombros da minha paciente, para poder direcionar o que quer que passasse através de mim para a região do corpo onde fosse necessário. Ao fazer a cura, não senti mais que uma sensação de formigamento nas mãos ou o calor que estava transmitindo.

Embora os pacientes que tratei nesse grupo de cura e nos seguintes tenham experimentado diversos graus de calor e uma serenidade próxima do transe, surpreendi-me com a sutileza das sensações que experimentei. No entanto, quando me esquecia de me preparar visualizando raízes fibrosas de energia etérica ancorando-me na Terra, tomava-me desequilibrado pelo ímpeto do fluxo de energia e balançava para trás e para a frente durante o tratamento, como um arbusto numa tempestade!

Os agentes de cura sabem que não são a fonte dessa energia, mas apenas os canais, e que nosso objetivo é estar abertos a essa força divina. Se tentamos controlá-la para trabalhar para nós, ou forçá-la a passar por nosso corpo, só o que conseguimos é drenar a energia vital dele. Todos os agentes de cura com quem trabalhei parecem ter tido experiências semelhantes, mas desenvolvendo graus diferentes de sensibilidade para atender às necessidades dos seus pacientes.

Alguns me contaram ser capazes de identificar as regiões do corpo que precisavam de cura ao sentir “pontos frios”, nos quais aplicavam o calor das mãos. É como se a circulação da energia vital no corpo etérico do paciente tivesse ficado bloqueada, debilitando os chacras, os centros de energia espiritual, de poder, assim como a má circulação do sangue pode debilitar os órgãos vitais de oxigênio em sua duplicata física. Outros descreveram imagens de cores que viam com os olhos da mente enquanto atendiam o paciente. As cores podiam ser interpretadas como correspondendo a determinado chakra, que o agente de cura tentaria estimular colocando as mãos sobre ou acima daquele ponto ou visualizando a força vital universal revitalizando aquele centro de energia no corpo etérico.

Mais tarde aprendi a invocar meus guias espirituais e os do paciente para me auxiliarem na cura, e, embora nunca tenha visto esses seres desencarnados, outros os viram e os descreveram em detalhes. Eles normalmente apareciam na forma de chineses ou nativos americanos, presumivelmente porque a medicina natural era a base dessas culturas e muitos teriam resolvido continuar seu trabalho nos planos interiores depois da morte.

Mesmo antes de me contarem sobre os guias senti a presença deles. Durante uma das primeiras sessões de cura que fiz, senti um par de mãos sob as minhas, com uma forma diferente, mas maleável. Era como sentir a superfície de um balão. Em outras circunstâncias, imagino que teria ficado perturbado com a experiência, mas durante a cura pareceu inteiramente natural. Só depois surpreendi-me com a calma com que aceitei a presença dos espíritos.

A Perspectiva do Paciente

Sempre que recebia a cura, seja para aprender como era estar do lado do paciente, seja para uma “reciclagem” quando estava cansado, sentia o intenso calor das mãos do agente de cura e tinha a agradável sensação de serenidade, que penetrava no mais íntimo do meu ser. Eu sempre saía calmo, purificado e de bom humor.

Não precisava mais ser convencido da eficácia da realidade da cura espiritual; tinha experimentado seus benefícios pessoalmente. Era apenas o grau de cura que variava com a pessoa que me tratava.

Uma sutil troca de energia não prova em si que somos capazes de efetuar uma mudança verdadeira e duradoura no corpo físico ao reparar tecido danificado ou tratar células cancerosas, por exemplo. Contudo, durante meu período como agente de cura, recebi o que acredito ser uma prova conclusiva de seu potencial por curas milagrosas em duas ocasiões. Na primeira eu era a pessoa em busca da cura, ao passo que na segunda foi a história de John, na pág. 139.

No meu caso, eu sofria de uma dor persistente na base das costas, que fora diagnosticada e tratada seguidamente com algum sucesso por um osteopata qualificado, mas ainda achava impossível sentar-me ou ficar de pé confortavelmente por mais de alguns minutos. Em 1997 participei de um grupo de meditação e fui escolhido para um “tratamento especial” pelo homem que conduzia a sessão naquela noite. Não comentei sobre o meu problema a ninguém no grupo, nem tinha mostrado sinais evidentes de desconforto que alguém pudesse ter notado, embora no fim da noite sentisse a mesma dor. Estávamos prestes a quebrar o círculo quando o líder anunciou que seus guias espirituais tinham lhe informado de que alguém precisava de cura urgentemente. Ele pediu a todos para permanecerem em seus lugares e auxiliarem no tratamento, retomando ao estado meditativo e

mantendo as mãos unidas no centro do círculo para dirigir a energia de cura. Tudo aquilo teria provocado a desconfiança de um cético como um recurso teatral, mas o que aconteceu em seguida convenceu-me do poder da cura espiritual de uma vez por todas.

O líder pediu que eu ficasse em pé no centro do círculo e relaxasse. Ele me segurou de leve embaixo do queixo com uma das mãos e apoiou a outra na base de minhas costas. Num instante perdi a sensação de meu corpo físico e permaneci suspenso num estado de ausência de peso por alguns minutos. Não senti mais nada, nem percebia a presença de nenhum ser desencarnado me curando ou nenhuma manipulação física dos músculos. Porém, quando recuperei os sentidos físicos, a dor havia desaparecido e nunca mais voltou.

A Aura

A experiência com a cura espiritual encorajou-me a experimentar outras áreas. Sempre tive grande interesse por ver a aura, a irradiação de energia etérica que se acredita circundar todas as coisas vivas como expressão visível da força vital, mas não era capaz disso. Apenas depois de praticar a cura por dois anos foi que finalmente eu a vi. Um dos agentes de cura me dissera que o “truque” era olhar para a própria mão contra um pano de fundo branco e suavizar sua focalização, de modo a olhar além da mão, para a superfície, por trás dela. Depois de alguma prática pude ver com muita clareza a borda azul-pastel delineando o contorno de minha mão e entre os meus dedos. Mais tarde ela apareceu espontaneamente circundando as pessoas pelas quais sentia uma evidente empatia. Ainda não fui capaz de ver além dessa camada inicial das muitas cores que os sensitivos, ou supranormais, acreditam revelar o estado mental e de saúde de uma pessoa, mas sou dado a entender que isso ocorrerá quando aumentar minha consciência ao longo dos anos.

Mistérios do Tarô

Uma das pessoas por quem senti uma afinidade imediata foi uma mulher que me ensinou os mistérios das cartas do tarô e com quem organizei depois uma série de *workshops* sobre anjos. Sempre associei o tarô com o ocultismo e tinha certo receio em “arranhar o lado oculto” que

eu via como algo distinto do caminho espiritual. A meu ver, este último requer que a pessoa siga uma tradição em que vai servir ao bem supremo em vez de aos próprios interesses, mas essa é uma crença que desde então passei a rejeitar. Para servir ao bem supremo, primeiro precisamos conhecer a nós mesmos.

Embora eu tenha aprendido a interpretação tradicional das cartas e visto como elas podem ser usadas para a adivinhação, cheguei à conclusão de que elas em si não preveem o futuro; em vez disso, servem para estimular e focalizar nossos próprios poderes de previsão por meio de seus símbolos universais. Nossa capacidade inata de prever eventos futuros usando esses meios é sobrenatural, apenas no sentido de que envolve uma consciência elevada das influências sutis que atuam em nossa vida. Não existe uma intervenção sobrenatural envolvida na escolha das cartas. Sua escolha é tão aleatória quanto se esperaria ao lidar com um baralho de cartas normais. Seu valor reside nos símbolos, relevantes em qualquer momento dado para quem quer que decida consultá-los.

Sua reputação, até certo ponto sinistra, provém de sua exatidão misteriosa em ajudar o leitor a predizer possibilidades futuras e da presença do quarteto aparentemente agourento: “Morte”, “O Enforcado”, “A Torre” e “O Diabo”. Essas cartas são vistas hoje em dia mais como o significado de estados, características e erros psicológicos; a Morte significando mudança, O Enforcado representando indecisão, A Torre simbolizando falso orgulho, e O Diabo sugerindo a tendência a nos deixarmos escravizar pelo vício, pelo medo, pela cobiça ou por uma vontade exagerada de impressionar os outros.

Leituras Psíquicas

Tive diversas leituras psíquicas ao longo dos anos que me deram informações precisas sobre oportunidades futuras que vieram a ocorrer como se segue. Quando adolescente, uma parente próxima teve uma visão momentânea, em que me viu junto com alguns amigos viajando num carro branco pelas montanhas de um país no Mediterrâneo. Ela também sentiu que estávamos extremamente felizes naquele momento. Vários anos depois, fiz uma viagem à Grécia, como parte de uma banda de rock. Viajamos num carro branco (o que por si só era incomum, pois normalmente viajavamos numa perua) e numa tarde passamos por um cenário que era

impressionantemente semelhante ao que ela descrevera. Estávamos todos de muito bom humor, depois de apresentar um espetáculo maravilhoso na noite anterior.

É claro que não comentei sobre essa visão e não posso provar que a imagem e a realidade eram a mesma, mas não tenho motivos para duvidar de que esse seja um exemplo genuíno de visão futura. Acredito que foi a carga emocional que criou essa ligação, e que tais percepções são possíveis, porque em essência somos pura consciência e quando a elevamos além da percepção física transcendemos tanto o tempo quanto o espaço.

Percepção Psíquica

A percepção psíquica manifesta-se de várias formas. Alguns intuitivos leem a aura de seus clientes; outros obtêm uma impressão manuseando algo que pertença à pessoa, enquanto outros podem até mesmo fazer uma ligação por meio das linhas telefônicas. Alguns anos atrás, eu teria duvidado que um método tão impessoal como esse fosse possível, mas recebi uma orientação valiosa de um famoso sensitivo, com quem conversei por telefone e testemunhei várias demonstrações importantes desse tipo, em que os sensitivos revelaram detalhes pessoais sobre pessoas completamente estranhas, que foram confirmados depois. Devo fazer aqui uma distinção entre os intuitivos verdadeiros que apresentam evidências plenas e confirmadoras de seus dons e os trabalhos de adivinhação formal praticados por funcionários das empresas “sensitivas”, que têm pouco valor para qualquer pessoa.

Regressão a Vidas Passadas

Uma das formas mais fascinantes de leitura psíquica é aquela que pode revelar detalhes de nossas vidas passadas. Infelizmente, muitas pessoas buscam uma leitura de vidas passadas na esperança de descobrir se foram uma personagem histórica famosa e invariavelmente se desapontam.

Acredito que só se deva buscar o conhecimento de vidas passadas para esclarecer o presente. Eu mesmo me curei de uma fobia que sentia a vida inteira simplesmente ao saber da origem desse medo durante uma dessas leituras. Também descobri que há um padrão lógico para minhas diversas encarnações, todas elas contribuindo para criar minha personalidade atual.

Fui levado a entender que em cada vida também temos a oportunidade de “limpar” determinados débitos cármicos provenientes de nossas ações do passado ou para revisar atitudes em relação a determinadas coisas. Estando preocupados com os afazeres rotineiros de nossa vida, nem sempre temos consciência desses impulsos subjacentes, e tais detalhes podem ser revelados por uma leitura dessas. As sessões podem ocorrer pessoalmente, em que o intuitivo sintoniza-se com o cliente, lendo as impressões em sua aura, ouvindo os detalhes fornecidos por seus guias espirituais ou verificando os Registros Akáshicos que guardam uma impressão de nossas ações passadas. Nessas circunstâncias, o cliente recebe as informações reservadamente e tem de se decidir por si mesmo sobre sua importância e veracidade.

O outro modo de leitura de vidas passadas compreende uma forma de regressão hipnótica, em que o cliente é colocado num estado de relaxamento profundo e encorajado a explorar as imagens que vêm espontaneamente à mente. O terapeuta não deve fazer nenhuma sugestão nem influenciar o que é visto. Experimentei uma regressão uma vez e fiquei impressionado com os detalhes vívidos das imagens que me ocorreram, os quais eram muito diferentes das imagens vagas e inconstantes da imaginação. Essas impressões de vidas passadas surgem espontaneamente e não podem ser alteradas à vontade. Consegui explorar uma casa inteira em minha experiência, e nesse período as imagens permaneceram estáveis. Então pude regressar a determinado aposento e encontrá-lo exatamente como o deixei, embora as cenas imaginadas se alterem como a fluidez de um sonho. Uma vez testei o passado dessa maneira; lembranças e cenas de vidas passadas começaram a aparecer espontaneamente durante minhas meditações regulares, cada uma delas com os mesmos vívidos detalhes característicos. Mas o aspecto mais convincente foi o das pessoas que pareciam plenamente formadas e absorvidas em seus próprios afazeres. Elas eram personagens “reais” do passado que eu não podia ter imaginado à vontade. O valor dessas experiências, a meu ver, é nos dar uma compreensão maior do que somos e por que agimos de determinada maneira.

Capítulo Dezoito - Sonhos - Além da Esfera do Sono

CADA UM DE NÓS passa uma média de 25 anos da vida no estado de sono e ainda assim não temos uma explicação satisfatória sobre por que o sono é necessário ou sobre qual a importância de nossos sonhos. Muitas pessoas negam completamente que sonham. No entanto, as pesquisas científicas identificaram padrões de ondas cerebrais características de atividade de sonho que provam que todos nós sonhamos, mesmo que não nos recordemos disso. Mas talvez o aspecto mais inexplicável do fenômeno seja o fato de que a maioria das pessoas expressa pouca ou nenhuma curiosidade em relação à natureza dos sonhos e despreza suas perambulações noturnas como mera fantasia, a despeito do considerável número de casos evidenciando que os sonhos são uma passagem para uma realidade maior.

A crença comum é a de que o sono é vital para a saúde física e mental, de que se trata de um período de descanso para o corpo e o cérebro, durante o qual parecemos ficar privados temporariamente da consciência. Mas as pesquisas clínicas provam que, enquanto determinados músculos precisam de descanso periódico, nem o cérebro nem o corpo ficam inativos durante o sono. Mesmo a pessoa sedada, ao dormir, altera sua posição ocasionalmente durante toda a noite para manter o sangue circulando pelos membros, músculos e juntas. Além do mais, a maioria dos órgãos vitais não precisa de períodos cíclicos de descanso, tampouco o cérebro, que em determinadas fases do sono geralmente exhibe surtos prolongados de atividade, que podem exceder os registrados durante o estado acordado.

Ainda assim os pesquisadores descobriram que privar as pessoas de sono por mais de alguns dias pode ter consequências graves e até mesmo permanentes para o bem-estar emocional e físico. Os sintomas iniciais de privação de sono são irritabilidade, depressão, paranoia e alucinações (que se tomam cada vez mais perturbadoras). Mas essas aberrações temporárias podem ser curadas por um sono prolongado, que deixa a pessoa sem nenhum efeito nocivo duradouro. Outros experimentos mostraram que sonhar é igualmente essencial. As pessoas que foram repetidamente acordadas enquanto entravam na fase de sonho acabavam exibindo perturbações psicológicas semelhantes às características de falta de sono, quando predominava o efeito cumulativo de falta de sonhos. Quando lhes

permitted finally that they fell fully asleep, they recovered from the losses of dreams with extensive measurable phases of dreams during the sleep.

Os Estágios do Sono

There are five distinct stages of sleep identified by the American scientist Nathaniel Kleitman and his colleagues in the 1950s by studying brain waves and eye movements in a large number of people observed. Four of these stages are characterized by thoughts instead of dreams, which can be explained by the fact that we usually wake up only with the impression of dreams that are more trivial and absurd. These would be a random confusion of subconscious thoughts experimented before waking up, while we ascend from the depths of the unconscious to the state of wakefulness.

Only when we wake up suddenly from deep sleep is it that we have detailed impressions and the sensation of other levels of reality, of spiritual dimensions that we can access involuntarily during sleep. These experiences, which can understand astral projection, prophetic dreams and the so-called "grandiose dreams", identified by Carl Jung as premonitory perceptions, are characteristic of the fifth stage, known as the stage of rapid eye movements or REM sleep, when our most vivid dreams occur.

This phase is also known as "the paradoxical phase", because, while the body rests inert and forgetful of external stimuli, our brain waves indicate a state of alertness, usually accompanied by a measurable secretion of adrenaline, as if we were alerting the body for imminent action. The eyes of the person who dreams jump rapidly from one side to the other during this phase, but the scientific opinion is divided as to its importance. Some sustain that it is merely a reflex, while others suggest that the eyes are scanning images of an imaginary film behind the eyelids and cite occasions in which these movements seem to correspond to events in the dream.

A Psicologia do Sono

Orthodox science defines the act of dreaming as a function of electrobiological processing of the brain, in which our memories and

impressões são peneiradas aparentemente ao acaso e sem um propósito definido. Assim sendo, a ciência não atribui nenhuma importância às imagens da evasão dos sonhos, mas aceita que os diversos padrões de ondas cerebrais associados aos estágios do sono parecem indicar níveis diferentes de consciência.

Em contrapartida, os psicanalistas atribuem grande importância ao simbolismo de nossos sonhos, que consideram como sendo a linguagem do inconsciente, embora invariavelmente discordem quanto ao seu significado. Os seguidores de Sigmund Freud, o pai da psicanálise moderna, referem-se aos sonhos como “o caminho real para o inconsciente”, e consideram seu simbolismo como a expressão dos desejos e fantasias sexuais reprimidos da pessoa.

Carl Jung, ex-discípulo de Freud, no entanto, interpretou os símbolos como imagens arquetípicas que significam instintos e experiências comuns compartilhados por toda a humanidade. Ele considerou esses arquétipos como algo existente no nível primário da psique, a que chamou de *inconsciente coletivo*, ao qual temos acesso em momentos de contemplação e nos estágios mais profundos do sono. Ironicamente, os conceitos mais importantes da filosofia de Jung foram-lhe revelados num sonho, em que ele se viu numa casa onde os andares correspondiam aos níveis da psique e da consciência. Com sua decoração refinada e atmosfera aconchegante, a sala podia ser considerada como sendo o símbolo da consciência desperta, enquanto o porão tinha a aparência de uma caverna. Aqui, Jung descobriu relíquias de uma cultura pré-histórica que interpretou como simbolizando sua própria natureza primitiva.

Os modernos psicólogos, conselheiros e terapeutas concordam em que os sonhos podem ser uma fonte valiosa de material para a compreensão das motivações que estão por trás de nosso comportamento e atitudes. No entanto, tendem a interpretar os símbolos em termos da personalidade individual e dos antecedentes do paciente, em vez de uma manifestação do *inconsciente coletivo*.

O psicólogo e especialista em sonhos californiano Strephton Kaplan-Williams acredita que as imagens dos sonhos refletem nosso estado interior e que devemos vê-las como algo decisivo ao processo de integração de todos os aspectos de nossa personalidade. Kaplan-Williams considera os sonhos como o instrumento decisivo na descoberta de nosso “eu” verdadeiro, que é representado por nosso ego nos sonhos, a imagem de nós

mesmos que projetamos em nossos sonhos. Mas em vez de analisar nossos sonhos ele nos estimula a realizá-los, torná-los reais, com o objetivo de resolver os problemas com que eles nos apresentam no mundo real, quando estamos acordados.

Os terapeutas comportamentais compartilham de uma opinião semelhante a essa. A terapia comportamental foi introduzida nos Estados Unidos durante a década de 60 e encorajava os pacientes a se concentrarem no presente e a expressarem seus verdadeiros sentimentos. Os terapeutas comportamentais pedem a seus pacientes para pôr em ação seus sonhos mais importantes, assumindo um papel que é, na crença de cada personagem, uma faceta da personalidade da pessoa. Dessa maneira, os pacientes são encorajados a recuperar aspectos de sua personalidade que podiam ter “repudiado” ou negado, e ao fazer isso tornam-se eles mesmos em vez de quem acreditavam que deviam ser.

A Solução Dormindo

Apesar dos esforços de psicólogos em estudar o inconsciente, a ciência oficial continua a negar todos os sonhos como parte de um processo puramente fisiológico — meras fantasias —, ainda que os sonhos tenham provado repetidamente ser a inspiração de numerosas invenções e tenham oferecido a solução para muitos enigmas científicos.

Um sonho ajudou o químico Friedrich von Kekule (1829-1896), por exemplo, a identificar a estrutura molecular do benzeno. No sonho, Kekule viu cadeias de átomos com a forma de cobras engolindo a própria cauda, o que lhe ofereceu a solução — a estrutura molecular do benzeno era um anel de carbono fechado. O físico Niels Bohr (1885-1962) descobriu a estrutura do átomo com um sonho similar ao de von Kekule, enquanto o vencedor do Prêmio Nobel de Química Albert Szent-Gyorgyi (1893-1986) pedia regularmente ao seu inconsciente para fornecer uma solução durante o sono, depois de ter exaurido a abordagem intelectual.

Transferir nossos problemas a um poder superior há muito tempo é um método adotado por místicos e pessoas religiosas, mas parece que todos temos a capacidade de entrar em sintonia com essa fonte de conhecimento por meio de nossos sonhos, independentemente de nossas crenças religiosas.

Em 1983, Morton Schatzman, psiquiatra americano, propôs aos leitores

de uma revista de circulação nacional um enigma matemático, para o qual teriam de buscar a solução nos sonhos. O problema era como construir quatro triângulos equiláteros com seis segmentos de linha de igual comprimento, sendo que os lados do triângulo deviam ter o mesmo comprimento dos segmentos. Era para os leitores refletirem sobre o problema pouco antes de pegar no sono e escrever os detalhes de qualquer sonho que parecesse importante. Das dezenas de soluções corretas que Schatzman recebeu, uma era de uma estudante que sonhou que estava correndo os dedos pela grade de uma balastrada, quando seis bastões da grade saltaram de seus encaixes para formar uma cabana de índios na região dos Grandes Lagos americanos, a única forma tridimensional que poderia conter quatro triângulos equiláteros. Numa cena subsequente do mesmo sonho, ela se encontrou sentada num exame e refletindo sobre o mesmo problema. Enquanto ela o fazia, seu professor de química apareceu e deu-lhe a segunda parte da resposta, que era 109 graus e 28 minutos. Essa figura corresponde ao que é conhecido como ângulo de ligação, uma complexa forma geométrica composta de quatro triângulos equiláteros encontrada na química molecular. Ou esses detalhes obscuros foram armazenados nas profundezas do inconsciente dela, ou existe, conforme mantêm os místicos, um aspecto superior onisciente que tem todas as respostas.

Sonhos Proféticos

No mundo antigo, os sonhos significativos eram considerados uma prerrogativa exclusiva de profetas e reis. Um dos mais antigos sonhos proféticos de que se tem notícia foi o que levou o faraó Tutmés IV a descobrir a esfinge em 1450 a.C. O monumento estivera enterrado pela areia durante séculos até que Tutmés sonhou que recebia a visita do deus Hormaklm, que lhe ordenou que retirassem a areia do local.

Mas nos tempos modernos existem muitas pessoas comuns que afirmam ter tido sonhos premonitórios e viajado além das fronteiras do sono para vislumbrar uma realidade maior.

Em 1913, Carl Jung sonhou com um rio de sangue e corpos inchados que atravessavam a Europa. A visão repetiu-se duas semanas depois, acompanhada por uma voz que assegurava que o que ele estava testemunhando não era um pesadelo, mas algo que viria a acontecer. Outros sonhos perturbadores que ele teve incluíam o herói lendário Siegfried (um

príncipe alemão que matou o dragão que guardava o tesouro dos nibelungos e que, por sua vez, foi assassinado por um rival ciumento) e símbolos arquetípicos de morte e renascimento, cuja importância tornou-se clara a Jung um ano depois, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Jung tivera sonhos proféticos desde a infância e estava convencido de que o inconsciente era a fonte de todos os fenômenos paranormais, da percepção intuitiva e da inspiração.

O famoso médium Edgar Cayce (1877-1945) era conhecido como o “profeta adormecido” em razão de seu hábito de mergulhar num transe semelhante ao sono, do qual saía com curas milagrosas e misteriosas previsões exatas. Em uma ocasião, acredita-se que tenha prescrito a cura para uma doença e identificado a empresa farmacêutica que fazia o medicamento poucas horas antes de o remédio receber um nome e ser aprovado para fabricação! Suas previsões financeiras eram igualmente excepcionais, embora ele se recusasse a lucrar com essa atividade. No início de março de 1929, num momento em que o mercado de ações vivia uma euforia ascendente sem precedentes, ele advertiu um investidor sobre uma queda desastrosa nos preços das ações, que deveria continuar por algum tempo. Ele repetiu sua advertência no mês seguinte, e seis meses depois ficou comprovado que estava certo, quando o *crash* de Wall Street esvaziou o valor de milhões de ações e provocou a Grande Depressão nos Estados Unidos.

Cayce atribuía seu dom à sua capacidade de acessar o que ele chamava de “consciência Universal”, um fluxo de conhecimento coletivo semelhante ao “inconsciente coletivo” de Jung, que Cayce imaginava como sendo um campo de energia etérica no plano astral.

A extensão de experiências precognitivas entre pessoas comuns sugere que não se trata de um dom extraordinário, mas de uma faculdade natural que todos compartilhamos. Ela é especialmente comum entre pessoas com forte ligação emocional e, portanto, psíquica, como membros da família. Existem muitos registros de incidentes nos arquivos de diversos institutos de pesquisa sobre as forças psíquicas, com detalhes de sonhos de mães que “viram” os filhos soldados em perigo mortal ou até mesmo sendo mortos da maneira que aqueles encontraram a morte. As vezes, esses sonhos ocorreram repetidamente durante a infância do filho, acompanhados por uma sensação sufocante de presságio, de modo que a mãe se convencida de que se tratava de mais que um pesadelo.

Outros pais haviam sonhado com a morte do filho naquele que mais tarde souberam tratar-se do momento fatal, novamente com a convicção de que não se tratava meramente de um sonho. Mas em uma ocasião os pesadelos recorrentes fizeram com que uma mãe alemã acordasse uma noite, em fevereiro de 1945, e rezasse para que seu filho regressasse a salvo. Ela depois viria a saber que naquela noite seu filho fazia parte de um grupo de soldados feitos prisioneiros pelos russos. Eles estavam sendo sistematicamente executados, quando um oficial russo interveio e poupou os sobreviventes. O filho dela seria o próximo homem da fila.

Nem todos os sonhos premonitórios têm relação com a morte. Há um caso famoso do Lorde Kilbraken, da nobreza irlandesa, que em 1946 sonhou várias vezes com os nomes de cavalos de corrida vencedores e ganhou uma quantia considerável de dinheiro com isso. Os poderes precognitivos de Lorde Kilbraken foram confirmados pela família e por amigos dele, os quais também lucraram com suas previsões, embora sua lista de vitórias não tenha durado muito. No início, Kilbraken confiou na intuição de que seus sonhos faziam sentido e agiu de acordo com eles, fortalecendo assim os laços com o inconsciente, mas depois foi se tomando presunçoso, e sua percepção psíquica ou a lembrança dos sonhos começaram a declinar.

Parece que precisamos ter força de vontade para cultivar essa sensibilidade, se quisermos que o fenômeno se repita.

Vislumbres de uma Realidade Maior

A possibilidade de que o sono envolve a suspensão da mente em vigília e pode levar a uma separação temporária entre o espírito e o copio foi proposta pela primeira vez pelo físico holandês Frederick van Eeden, em 1904. As experiências do próprio van Eeden com saídas do corpo levaram-no à descoberta do que é comumente chamado de “sonho lúcido”, no qual a pessoa que sonha torna-se consciente de que está sonhando e então controla o sonho. Isso normalmente ocorre quando nos encontramos numa situação que é absurda demais para que pareça verdade, como escalar uma montanha com roupa íntima, e nós literalmente acordamos para concluir que o que parecia tão real era na verdade uma fantasia.

Isso é possível porque, nesse ponto, a consciência está focalizada ou centrada no que van Eeden chamou de “corpo de sonho”, que também é

conhecido como corpo astral, etérico ou espírito. As funções vitais do corpo físico continuam a existir, mas num estado semelhante ao de um avião no piloto automático. Uma vez plenamente conscientes do corpo onírico, que é nosso estado “natural”, somos então capazes de explorar os reinos não físicos, especificamente o plano astral, cuja matéria elástica menos densa assume a forma indicada por nossos pensamentos.

Os sonhos lúcidos invariavelmente envolvem voar porque essa é a sensação que temos quando o corpo onírico está flutuando livre do físico. Os sonhos de queda normalmente precedem o despertar porque essa é a sensação de retomo ao físico. Todos temos sonhos lúcidos e viagens astrais, talvez por curtos períodos, toda noite ou talvez apenas quando estamos profundamente relaxados, mas poucos podem se lembrar da experiência porque ela é normalmente seguida de mais sonhos nos níveis superficiais do sono que obscurecem sua importância. Além do mais, é da natureza do ego negar a existência de tudo que não se conforme com o mundo físico em que ele tem sua existência.

Os vislumbres dessa realidade maior, ou “sonhos grandiosos”, não envolvem a projeção astral, mas, em vez disso, uma elevação de consciência a um nível espiritual além do plano astral. Qualquer um pode tê-la, embora ela tenda a ser visitada por aquelas pessoas que passaram por uma crise que as deixou questionando o propósito da existência. Essas visões geralmente revelam a unidade subjacente da existência de forma simbólica, que a pessoa mais tarde tem dificuldade de explicar, pois a linguagem é incapaz de descrever o que está além da compreensão humana. Mas essas visões sempre deixam impressão profunda e duradoura na pessoa que as experimenta, a qual tem sua percepção da vida transformada positivamente.

O teatrólogo britânico J. B. Priestley, que se interessava obsessivamente pela natureza paradoxal do tempo, uma vez sonhou com uma imensa revoada de pássaros, que envelheciam e morriam enquanto ele os observava atravessando o céu. Ele tinha uma arrasadora sensação de desperdício e de que todo o sofrimento era em vão. Mas então, enquanto observava os pássaros, eles aceleraram a marcha como se fossem meras imagens de cinema vistas em câmera acelerada, e ele viu uma chama branca tremulando através de suas penas fora de foco. Naquele momento, ele se deu conta, de repente, de que a chama era a força vital, e que o propósito de toda a vida era ser um veículo para essa centelha divina. O sofrimento individual não

tem outro sentido a não ser servir o propósito da evolução ou da força criadora.

Capítulo Dezenove - Visão em Dobro

O FENÔMENO da “visão em dobro” (testemunhar a visão ou a aparição de uma pessoa que ainda está viva) pode ser dividido em cinco categorias: fantasmas de pessoas vivas, fantasmas, formas-pensamento fantasmas, aparições em crises e fantasmas precursores.

Fantasmas de Pessoas Vivas

Costuma-se admitir que cada um de nós tem um duplo físico em algum lugar do mundo, alguém que é tão incrivelmente parecido conosco que, à primeira vista, nossa família e amigos poderiam nos confundir. Muitos de nós confundimos estranhos que vimos de relance, à distância, com pessoas que conhecemos ou ficamos impressionados com a semelhança incrível de pessoas parecidas com celebridades que exploram essa semelhança com as estrelas. As semelhanças físicas superficiais como essas, no entanto, não explicam o estranho fenômeno conhecido como fantasmas de pessoas vivas (originalmente, em inglês, *doubleganger*, do alemão *doppelganger*), em que as testemunhas afirmam ter visto aparições concretas de pessoas vivas que estavam em outro lugar naquele momento e, mais raramente, casos em que uma pessoa ficou chocada de ver seu próprio “fantasma”!

O incidente dessa espécie mais antigo de que se tem notícia foi narrado pelo filósofo grego Aristóteles, no século IV a.C, que falou de um homem que era literalmente perseguido por seu duplo, a ponto de a vítima ter medo de sair de casa.

Mas a crença em que cada um de nós tem uma personalidade espiritual independente pode ser encontrada nas primeiras civilizações e é comum em muitas culturas, tanto antigas quanto modernas.

Os antigos persas acreditavam em dois criadores, um deus bom e um mau, que deram aos humanos um bom e um mau espírito, que estão continuamente em guerra entre si. Os antigos egípcios diziam que o homem tem três almas de matéria cada vez mais refinadas, das quais o Ka era conhecido como o “duplo”, enquanto os gregos usavam a palavra *daemon*, simplesmente com o significado de espírito, para descrever o duplo espiritual de uma pessoa. Nada menos que 57 culturas no mundo moderno acreditam em alguma forma de duplo espiritual que reside em cada ser

humano e pode ser percebido como uma imagem reflexa da forma física.

Acredita-se que a crença pagã num “eu” de sombra tenha se tomado a base do conceito cristão original do anjo da guarda, e que as referências nas Escrituras a S. Paulo ascendendo ao céu “em espírito” eram uma referência a uma experiência de saída do corpo ou projeção astral.

A Igreja Católica reconhece a existência desse fenômeno, mas afirma que é uma faculdade reservada exclusivamente a pessoas de grande santidade. Assim mesmo, os supersticiosos tendem a ver a aparência de fantasmas vivos como anunciadores da morte. Essa noção persistiu em épocas mais esclarecidas.

Pouco antes de sua morte, em 1603, a rainha Elizabeth I teria ficado chocada ao ver a si mesma deitada no leito de morte parecendo “pálida, encarquilhada e abatida”. Outro caso do período foi descrito por John Aubrey, o folclorista inglês do século XVII, que registrou a experiência de Lady Diana Rich, que viu a própria aparição perambulando pelo jardim de seu pai em Kensington, um mês antes de morrer de varíola. E o poeta Percy Bysshe Shelley afirmava ter visto seu próprio fantasma pouco antes de morrer afogado num naufrágio em 1822.

Um encontro mais impressionante foi o presenciado por Goethe, o poeta e dramaturgo alemão do século XIX, que estava voltando para casa depois de visitar a namorada na Alsácia, quando viu seu próprio fantasma se aproximando, vestido num traje cinza e dourado. A aparição durou apenas alguns segundos, e Goethe, que não era um homem supersticioso, não levou o caso a sério. No entanto, oito anos mais tarde, ele estava passando pelo mesmo lugar, indo visitar a mesma moça, quando percebeu que estava usando o traje cinza e dourado da “visão”. O dia não tinha nenhuma importância especial para ele, levando-o a concluir que tivera um vislumbre ao acaso de seu “eu” futuro percebido “com os olhos do espírito”, embora não soubesse como essas coisas podiam ser possíveis.

Em outra ocasião, Goethe teve outra experiência estranha, em que viu um amigo caminhando a alguma distância, à frente, vestido com uma de suas próprias túnicas. Quando chegou em casa, encontrou o amigo se aquecendo junto à lareira com a mesma túnica. O outro homem decidira fazer uma visita de surpresa a Goethe e fora surpreendido por uma forte chuva. Ele sabia que o anfitrião não se importaria em emprestar-lhe a túnica enquanto suas roupas secavam, e esse pensamento deve ter se mani festado como algum tipo de visão telepática em Goethe, que se encontrava a

alguma distância dali.

Os artistas, poetas e escritores parecem ser mais propensos a essas experiências, talvez porque desenvolvem suas faculdades intuitivas e imaginativas muito mais que os mortais comuns. Acredita-se que a intuição seja a voz de nosso espírito, ou eu superior, e que a imaginação seja o filtro pelo qual vislumbramos a realidade maior, além do mundo físico. As pessoas criativas estão constantemente em processo de fortalecimento dos laços entre o consciente e o inconsciente e sua busca de inspiração e tendem a confiar nas impressões que lhes ocorrem mais que as pessoas “racionais”.

Num momento decisivo de sua carreira, o escritor francês Guy de Maupassant recebeu uma inspiração de maneira mais direta que jamais poderia imaginar. Num dia, em 1885, Maupassant estava sofrendo de bloqueio criativo, quando uma pessoa entrou em seu estúdio e começou a ditar o próximo trecho da história. O escritor ficou impressionado demais para se queixar sobre a intrusão, pois o estranho era o seu próprio duplo. Depois de alguns instantes o “fantasma” desapareceu, deixando Maupassant continuar a história da maneira indicada. *Le Horla* tornou-se um dos mais famosos contos do autor e gira em torno de um homem possuído por um espírito gêmeo maligno que o atormenta até levá-lo à loucura — um fato compartilhado por Maupassant, que morreu num manicômio em 1893.

Formas-pensamento, Fantasmas e Bilocação

Diversos santos cristãos parecem ter sido capazes de projetar seu duplo espiritual para outro lugar. Há uma lenda de que Santo Antônio de Pádua apareceu diante de duas congregações, ao mesmo tempo, em igrejas em Limoges na Quinta-feira Santa do ano de 1226 e fez inadvertidamente compromissos de comparecer a ambos os cultos. Há também diversas testemunhas confiáveis do aparecimento de Santo Afonso da Ligúria no leito de morte do papa Clemente XIV, em 1774, ao mesmo tempo que se encontrava em meditação num mosteiro de Arezzo. As notícias da morte do pontífice ainda não haviam chegado ao mosteiro quando Santo Afonso saiu de seu devaneio com uma descrição detalhada da cena e das pessoas que compareceram ao velório do pontífice. Todos esses fatos foram depois confirmados pelas testemunhas do evento.

Os políticos não costumam ser considerados sensíveis nem imaginosos, mas há dois casos famosos de políticos que projetaram inconscientemente

imagens vívidas de corpo inteiro de si mesmos perante testemunhas confiáveis.

Em janeiro de 1865, Charles Good, membro do Conselho Legislativo da Colúmbia Britânica, no Canadá, apareceu com outros membros do Conselho para uma fotografia em grupo. Só mais tarde é que foram perceber que Good só estivera lá em espírito, porque na ocasião da foto ele estava em coma em sua casa, sendo atendido pelo médico e pelos familiares apreensivos.

Em 1905, Sir Frederick Carne Rasch, membro do Parlamento britânico, contraiu forte gripe, e seu médico ordenou-lhe para ficar de cama. Isso não o impediu, porém, de aparecer ao fundo das câmaras da Casa dos Comuns durante um debate em que foi visto por outros parlamentares. Um dos outros membros, Sir Gilbert Parker, declarou mais tarde a um repórter de jornal que ficara impressionado ao ver Sir Frederick presente, uma vez que todos haviam sido informados de que estava doente, mas ficou ainda mais perplexo ao olhar de novo, um instante depois, e perceber que Sir Frederick havia desaparecido. Ele evidentemente admitiu que tivera vontade de aparecer, mas ao retomar logo se cansou de ser beliscado pelos colegas, que insistiam em confirmar se ele não era um mero fantasma!

Os incidentes de projeção consciente do pensamento são mais numerosos do que se pode imaginar, mas na maioria dos casos a pessoa não está ciente de que seu “fantasma” está solto.

Em 1845, uma professora de 32 anos de idade, Emilie Sagée, desesperou-se tentando encontrar um novo emprego ao ser demitida por não menos de 17 escolas em apenas 16 anos. Emilie era uma boa professora, mas tinha o inquietante hábito de aparecer em dois lugares ao mesmo tempo, fenômeno conhecido como bilocação. Seu duplo aparecia sempre que ela estava cansada e sua mente se distraía — uma sugestão talvez para a origem do outro eu spectral. Além do mais, testemunhas notaram que a aparição do duplo fantasmagórico tinha efeito notável sobre a professora, cujos movimentos tomavam-se mais lentos, como se ela tivesse se tomado um autômato, ficando sem as energias vitais.

Felizmente, Emilie encontrou um novo emprego numa escola feminina de aperfeiçoamento e preparação para a vida social em Neuwelcke, na Letônia, mas seu duplo spectral a seguiu para lá também. Logo depois de sua chegada, Emilie e sua aparição foram vistas lado a lado, caminhando em perfeita sincronia junto ao quadro-negro diante de toda a classe. Mas o

“reflexo” desapareceu logo que a professora virou-se para ver a causa da comoção que havia causado. Em outra ocasião, Emilie estava ajustando o vestido de uma aluna, Antonie Von Wrangel, que desmaiou quando viu duas Emilies no espelho. O duplo foi visto depois, em pé, atrás da professora, na mesa de jantar comum, aparição que foi testemunhada por diversos funcionários da escola. A presença do duplo de Emilie desmentiu a possibilidade de que os relatos anteriores fossem brincadeiras das alunas.

Não muito tempo depois disso, a escola inteira foi reunida para a prática de bordado num salão de frente para o jardim. De lá, todos puderam ver Emilie cuidando das flores. Depois de alguns instantes, a supervisora deixou as alunas sozinhas, mas sua cadeira vazia foi imediatamente ocupada pelo fantasma de Emilie! Uma garota aproximou-se devagar da aparição, que permaneceu muda e imóvel quando a aluna a tocou, descrevendo depois a sensação como de musselina. Então ela desapareceu. Todo o tempo a outra Emilie podia ser vista andando entre as flores no jardim. Mais tarde ela admitiu que tinha notado a outra professora sair da sala e desejara poder estar lá para supervisionar as garotas.

Depois desse incidente, os pais começaram a tirar as filhas da escola, o que levou a direção a dispensar os serviços de Emilie. Ela foi viver com a cunhada, e a partir daí desapareceu do convívio público.

Tais episódios não são tão incomuns como podemos imaginar. Há tantos casos autenticados de bilocação que não podem ser desprezados sem mais nem menos como meras ilusões. E provável que tais aparições possam ser formas-pensamento; projeções da mente humana que não possuem consciência própria. A criação consciente e deliberada de formas-pensamento há muito faz parte da formação mística em muitas ordens esotéricas. Na tradição budista tibetana, por exemplo, essas formas-pensamento são conhecidas como Criações Tulpa, e a capacidade de produzi-las é considerada essencial para a disciplina mental. Todos produzimos formas-pensamento inconscientemente quando devaneamos ou visualizamos alguém por quem nutrimos fortes sentimentos. As imagens em nosso olho da mente são projetadas no plano astral, mas geralmente se dispersam como fumaça de cigarro, a menos que seja nossa vontade dar-lhes vida ou ficuemos remoendo os pensamentos sobre elas e carregando-as com emoção intensa. Aceitar esses fenômenos como extensões naturais de nossa mente pode ajudar na explicação da natureza de nosso corpo etérico.

A bilocação pode ser um fenômeno inexplicável para os ocidentais, mas

no Oriente a separação consciente do espírito e do corpo não é considerada tão extraordinária. Em *Autobiografia de um Iogue*, Parahansa Yogananda, que foi amplamente responsável pela introdução da ioga no Ocidente na década de 40, relata uma ocasião em que um visitante iogue informou-lhe que era para esperar um amigo que não fora convidado. No devido momento, o amigo chegou e não pediu desculpas pela visita de surpresa, pois afirmou que tinha encontrado o visitante de Yogananda na rua, perto dali, e fora informado de que era esperado. Esse encontro entre o hóspede inesperado e o iogue tinha ocorrido evidentemente enquanto Yogananda e o iogue estavam conversando.

Aparições em Crises

Na maioria dos casos, a separação de corpo e espírito é espontânea e normalmente precipitada por uma crise que causa um choque à psique. Uma aparição em crise normalmente aparece a alguém com quem a aparição deseja comunicar algo antes de morrer. Dependendo de seu poder de projeção naquele momento determinado e a urgência da mensagem, ela pode aparecer como uma imagem espectral tênue e transparente ou materializar-se em outra parte do mundo, de maneira a dar a impressão a quem a vê de que está ali fisicamente. O exemplo mais extraordinário de um caso desses é narrado num dos primeiros relatos de projeção astral publicado no livro *Footfalls on the Boundary of Another World*, de Robert Dale Owen, de 1860. De acordo com Owen, um dia, em 1828, Robert Bruce, imediato de um navio de carga, relatou ter visto um estranho na cabine do capitão. Bruce interrompeu a figura que estava escrevendo algo em uma lousa, mas não esperou para questionar o homem que imaginou ser um clandestino. O olhar ameaçador no rosto do homem foi o suficiente para que Bruce saísse correndo para o convés para chamar o capitão em pessoa. Porém, quando o capitão chegou lá, encontrou a cabine vazia e um recado: “rume para noroeste”, rabiscado na lousa.

O capitão naturalmente considerou que tinham um clandestino a bordo e ordenou uma busca completa no navio, mas ninguém foi encontrado. Em seguida ele ordenou a Bruce e a todos os demais membros da tripulação para escrever a mesma frase no verso da lousa, pensando que poderia ser alguém pregando-lhes uma peça. Para surpresa dele, nenhum dos homens tinha uma caligrafia semelhante à do estranho. Por ser um tanto

supersticioso, e também por precaução, o capitão ordenou a mudança de curso para noroeste.

Três horas depois, o homem de vigia avistou um navio que havia sido atingido por um *iceberg* e estava prestes a ter seu madeirame destroçado no mar agitado. Enquanto os últimos sobreviventes enregelados eram descarregados do barco salva-vidas, Bruce ficou frente a frente com o “fantasma” que vira na cabine do capitão mais cedo naquele dia. A letra do homem mostrou-se idêntica à encontrada na lousa, embora ele não soubesse explicar como aquilo teria ocorrido. Tudo o que ele sabia era que tinha caído no sono exausto e sonhara que estava a bordo de um navio que ia resgatá-los. Quando acordou, contou seu sonho aos outros e deu-lhes uma descrição detalhada do navio, um fato que depois foi confirmado pelos outros sobreviventes.

Embora quando mudos os duplos espectrais possam ser criados à vontade, eles são muito distintos daqueles que apresentam materialização completa para transmitir uma mensagem decisiva. Isso sugere que o grau de materialização pode depender do nível de emoção com que a forma - pensamento é animada. O número de aparições em que os fantasmas parecem inconscientes de testemunhas vivas sugere que uma carga emocional intensa experimentada num momento crucial pode deixar uma impressão no éter, exatamente como a luz num filme de cinema. Essa impressão emocional pode então reaparecer mais tarde, dando origem à aparição espectral. Esse conceito é impossível de ser provado no momento, mas o caso a seguir dá crédito a essa explicação.

Em 1987, a revista *Time Life* publicou o relato da mãe que entrara no quarto da filha e vira a imagem de si mesma reclinada sobre a cama, usando um vestido que não colocava havia algum tempo. A imagem, que parecia estar de luto, dissipara-se imediatamente. Mais tarde a mulher se lembrou de que usara aquele vestido enquanto preparava o corpo de uma de suas filhas, que morrera três meses antes.

Fantasmas Precursores

A Noruega parece ser especialmente propensa a um tipo raro de duplo espiritual conhecido como *vardogr* ou “fantasma precursor”, tanto que deu origem ao ditado: “É você ou o seu vardogr?”, sempre que alguém chega adiantado para um encontro. No entanto, esses fantasmas são normalmente

auditivos em vez de visuais. Wiers Jensen, estudante da Universidade de Oslo, na virada do século, parece ter tido um vardogr que regularmente alertava sua senhora de que estava a caminho de casa tocando a aldrava da porta da rua ou deixando pegadas fantasmas ao redor da casa. Seus compromissos na universidade significavam que seus horários eram imprevisíveis, mas, assim que a senhora ouvia seu vardogr, ela sabia que podia servir-lhe o jantar, pois logo ele estaria chegando pessoalmente! O mesmo parecia acontecer com o professor da Universidade de Oslo Thorstein Wereide, membro da Sociedade Norueguesa de Pesquisa Psíquica na década de 50. O professor Wereide acreditava que esses fenômenos eram comuns em todo o mundo, mas que os noruegueses eram especialmente sensíveis a eles, por serem gente do campo. “A natureza”, explicava ele, “parece ter recorrido a meios ‘sobrenaturais’ para compensar esse isolamento”.

A Explicação Científica

Foram feitas tentativas de apresentar uma explicação racional para esses fenômenos, mas, embora possam explicar avistamentos individuais, deixam de esclarecer aqueles que foram descritos de maneira independente por diversas testemunhas.

A definição clínica de um fantasma de pessoa viva descreve a aparição como sendo uma imagem natural refletida de uma pessoa viva, que é invariavelmente de transparência espectral, geralmente monocromática ou tendo cores “lavadas”. Um fantasma de pessoa viva não parece sólido e convincentemente vívido ou age de maneira independente, conforme o clandestino de Robert Bruce parece ter feito, mas em vez disso reproduz os movimentos e expressões de sua duplicata viva como se fosse um reflexo. Mais importante ainda, a definição clínica de uma alucinação *doppelganger*, ou “autoscopia”, aplica-se apenas a uma aparição parcial, nunca à figura inteira, que de novo não se enquadra nas experiências descritas. A experiência em si é rara e tende a ocorrer ao amanhecer ou tarde da noite, com pessoas sob estresse ou extremamente fatigadas.

Embora o fenômeno tenha sido alvo de alguns estudos sérios, reconhece-se clinicamente a condição que é classificada como uma alucinação visual. Mas não se trata exclusivamente de um fenômeno visual. Muitos indivíduos afirmaram que podiam sentir e ouvir seus duplos, que de

acordo com Graham F. Reed, chefe do Departamento de Psicologia do Glendon College, Universidade de York, Toronto, sugere que a experiência pode estar ligada a uma manifestação de lembranças deslocadas.

A teoria de Reed é que pode ser um efeito alucinatório de epilepsia e transtornos cerebrais. Ele observou que a experiência é mais comum entre pacientes com delírios, com lesões cerebrais nas regiões parietal-occipital, e como efeito colateral de derrames parciais em epiléticos. Mas também pode ocorrer por alguns segundos em pessoas normais, como um aspecto de ataque de enxaqueca. Em casos extremos, o indivíduo pode até mesmo ver a si mesmo em outro aposento, ocorrência conhecida como alucinação extra-campina. Pode ser significativo que os fantasmas de pessoas vivas tenham aparecido no trabalho de diversos autores famosos, que se acredita terem sofrido de epilepsia ou transtornos cerebrais, como Dostoiévsky, Maupassant, Kafka, Steinbeck, Oscar Wilde e Edgar Allan Poe.

A possibilidade de que fantasmas tanto de vivos quanto de mortos possam ser externalizações da consciência foi considerada seriamente pelo até então pragmático Sigmund Freud. Em 1919, Freud publicou um estudo intitulado *O Sobrenatural*, em que sugeria que a ideia de todos nós termos uma alma imortal originou-se na pré-história, quando nossos ancestrais temiam a morte a ponto de o consciente negar a realidade da própria mortalidade. Para Freud, esses conceitos místicos eram uma expressão de amor-próprio que tanto a sociedade quanto o indivíduo devem perder se quiserem amadurecer e progredir. No entanto, reservadamente, Freud é conhecido por ter sido fascinado pelos fenômenos paranormais e ter defendido a pesquisa psíquica como atividade científica legítima. Ele estava claramente dividido quando chegou a acreditar no sobrenatural, pois em 1905 teve um vislumbre de seu próprio duplo e, embora estivesse convencido de que era simplesmente um caso de incrível semelhança física, confidenciou a amigos que significava que iria morrer. Ao contrário disso, ele viveu ainda mais 34 anos, morrendo com a idade de 83 anos.

Capítulo Vinte - Poltergeist

FENÔMENO *poltergeist* tem assombrado os parapsicólogos por mais de um século, e ainda assim eles foram incapazes de apresentar uma explicação razoável para as extraordinárias e geralmente violentas perturbações tradicionalmente atribuídas a espíritos malignos.

Relatos de atividade *poltergeist* datam de até o primeiro século AD, quando Teodorico (?454-526 AD), rei dos ostrogodos — um grupo de godos no leste da região que estabeleceu um reino na Itália de 493 a 552 AD —, teria sido cercado por um adversário invisível que bombardeou seu palácio com pedras. Desde essa época houve inúmeros relatos de incidentes ao longo dos séculos, dos quais mais de mil foram completamente documentados e investigados em tempos modernos.

Em 1992, por exemplo, uma família de Portsmouth, na Inglaterra, chamou um padre e vários médiuns para testemunhar a visão perturbadora de sua mobília movendo-se sozinha e ouvir uma cacofonia de ruídos estranhos e sentir odores desagradáveis que os perseguiram por vários meses. Os especialistas concordam que o foco das perturbações era a filha de 18 meses da família, Jasmin, que parecia ter sido protegida pelo espírito terreno de um ex-inquilino. Frequentemente, ouvia-se a voz dele falando com pronunciado sotaque nortista, usando a criança como meio, o que perturbava os pais ainda mais que os danos físicos que causava. Desesperada, a família ameaçou suspender as mensalidades do imóvel até que o Conselho local concordasse em reparar os danos causados pelo *poltergeist*. Os funcionários do Conselho, acredita-se, ainda estão investigando a autenticidade da alegação.

Psicocinese e o Caso Rosenheim

Embora a palavra *poltergeist* derive do termo alemão significando barulho fantasma, há cada vez mais evidências de que em alguns casos as perturbações podem ser uma criação inconsciente das “vítimas”, que estariam praticando uma forma involuntária de psicocinese, que lhes permite movimentar objetos usando o poder da mente. Em um dos mais famosos incidentes de que se tem registro, conhecido como caso Rosenheim, as perturbações foram atribuídas a uma jovem de 18 anos de

idade, cujo temperamento neurótico parecia ter provocado o que acabou se convertendo num ataque de nervos psíquico.

Em novembro de 1967, Sigmund Adam, advogado com um pequeno escritório em Rosenheim, próximo a Munique, chamou a empresa de eletricidade local para investigar um número crescente de falhas elétricas no escritório. As lâmpadas fluorescentes falhavam regularmente, e o medidor registrava aumentos inexplicáveis de corrente. Durante os testes realizados, o pessoal da companhia de luz descobriu que seus voltímetros registravam 3 volts quando conectados a uma bateria de 1,5 volt, o que simplesmente não era possível. Algo estava evidentemente afetando o fornecimento de energia. A empresa de luz instalou um gerador para desviar a energia da linha de fornecimento e aconselhou Adam a substituir as lâmpadas fluorescentes por lâmpadas de bulbo, mas as descargas de energia continuaram queimando os bulbos no processo. Um segundo gerador não conseguiu resolver o problema, e então outras anomalias começaram a ocorrer. Uma conta de telefone com valores bem maiores que o normal indicava que alguém no escritório estava ligando para o serviço de hora certa da telefônica por diversas horas, todos os dias, embora nenhum dos funcionários usasse o telefone. Além disso, as ligações ocorriam até seis vezes por minuto, o que era uma impossibilidade, pois cada ligação àquele serviço requeria 17 segundos para ser completada. Algo evidentemente estava interferindo no mecanismo de discagem e indo direto para os relés. Por essa época, uma atividade *poltergeist* mais comum se manifestou. Em duas ocasiões, um armário repleto de pastas afastou-se da parede, aparentemente por si mesmo, e os quadros giravam na parede como se movidos por mãos invisíveis.

As histórias do “fantasma de Rosenheim” começaram a aparecer na imprensa nacional, o que despertou a atenção do professor Hans Bender, do Instituto de Pesquisas Paranormais de Friburgo. A investigação de Bender revelou que as descargas elétricas e outras perturbações ocorriam apenas quando a funcionária de Adam, Anne-Marie Shaberl, estava presente no escritório, e, além do mais, as luzes eram vistas oscilar sempre que ela passava por baixo delas. Quanto às ligações telefônicas para o serviço de hora certa, Anne-Marie admitiu que ficava tão entediada que ficava olhando para o relógio obsessivamente, desejando que o expediente terminasse. Bender concluiu que Anne-Marie estava gerando energia psicocinética inconscientemente, a um grau anormal, em razão de sua frustração. A

comunidade científica oficial tratou com desdém as explicações, mas o fato é que, quando ela saiu do escritório para realizar uma série de testes no instituto, a atividade cessou abruptamente.

Bender considerou a personalidade intensa e neurótica de Anne-Marie como sendo típica daquele tipo de atividade *poltergeist* e suspeitou que ela mostraria recursos supranormais. Nos testes iniciais ela não mostrou sinais de talento telepático, mas depois que o professor a questionou sobre uma doença traumática que a mantivera engessada durante anos os registros dela aumentaram significativamente. O estresse emocional parecia estimular sua produção de energia psíquica, e sem um foco em que pudesse ser canalizada ela simplesmente era descarregada na atmosfera, resultando no fenômeno *poltergeist*.

Quando Anne-Marie voltou para o escritório de Adam, as perturbações reapareceram, forçando o advogado a demiti-la. A mesma atividade perturbadora ocorreu no novo emprego dela e novamente no seguinte, onde um homem foi morto num acidente bizarro. Anne-Marie foi culpada pela morte pelos funcionários supersticiosos e forçada a se mudar. As coisas pioraram ainda mais quando seu noivo rompeu o relacionamento, citando o fato de que toda vez que a levava para jogar boliche o sistema de pontuação eletrônica ficava maluco tão logo ela entrasse na pista. Só depois que ela se casou com outro homem e constituiu família a atividade psicocinética espontânea cessou completamente.

Poder Psicocinético

O potencial da mente humana para criar esses fenômenos foi habilmente demonstrado pela sensitiva soviética Nina Kulagina, numa série de testes de laboratório realizados em 1970. Nina foi ligada a um aparelho de registro que mostrava que determinadas mudanças ocorriam quando lhe pediam para executar feitos paranormais (como interromper os batimentos cardíacos de uma rã ou separar a gema da clara de um ovo sem tocar o recipiente em que este fora colocado). Os cientistas notaram que a atividade elétrica de seu cérebro aumentava a um nível anormal, e sua pulsação subia dos saudáveis 70 batimentos por minuto para uma taxa sem precedentes de 240. Além do mais, o campo magnético ao redor dela aumentava substancialmente a ponto de fundir-se à força elétrica da máquina para produzir um ritmo de oscilação único no equipamento de monitoração.

Quando era alcançado esse pico, ela era capaz de mover pequenos objetos distantes à vontade, sob os olhares admirados dos cientistas. Nessas ocasiões, ela podia ser descrita como estando num estado de tensão nervosa semelhante ao dos indivíduos que costumam ser encontrados no epicentro de uma atividade *poltergeist*. Parecia que as perturbações psicocinéticas podiam ocorrer como resultado de determinados transtornos psicológicos, embora não seja necessário estar sob o efeito do estresse para produzir esses efeitos.

Em outra série de testes controlados, realizados em 1972, uma equipe de pesquisadores da Sociedade Canadense de Pesquisas Psíquicas usou a energia mental para dar vida a um personagem ficcional, a quem denominaram Philip. O grupo deu a Philip características sobre as quais refletiram em reuniões semanais, até que suas mentes combinadas e focalizadas conseguiram criar uma forma-pensamento que então adquiriu existência independente. Philip comunicava-se por batidas sobre uma mesa, respondendo a perguntas em relação a seu passado com uma batida para “sim” e duas para “não”. Ele chegava mesmo a fazer a mesa levitar diante das câmeras de televisão.

A criação de tais entidades foi uma disciplina básica comum a muitas ordens esotéricas ao longo dos tempos e permanece como parte de um sério trabalho psíquico em muitos grupos espirituais modernos. No entanto, a comunidade científica oficial permanece cética quanto às descobertas do grupo canadense e foi impossível fundamentar suas afirmações de que tinham provado a existência da psicocinese. Outros argumentaram que eles podem até mesmo ter sido enganados por um *poltergeist* travesso que tinha sido atraído por sua intromissão com o oculto.

O Monge Maligno

Enquanto formas-pensamento e descargas de energia psicocinética podem explicar grande parte da atividade *poltergeist*, há muito mais incidentes que indicam a presença de espíritos malignos. Um dos casos mais convincentes foi o da família Pritchard, de Pontefract, em Yorkshire.

Seu tormento começou em 1966, quando poças de água apareceram misteriosamente no chão da cozinha. O curioso em relação a essas poças — além do fato de que ninguém na família admitia tê-las feito — era que não havia marcas de respingos, o que é virtualmente impossível de evitar, por

mais cuidado que se tenha em verter líquido em superfície não absorvente. O aparecimento espontâneo da água nas paredes e pisos é um traço característico de um ataque *poltergeist* e isso levanta a pergunta: será que a energia psicocinética se condensa na forma de água?

Na casa dos Pritchard, apareciam outras poças de água assim que a anterior era enxugada, e uma equipe de encanadores não encontrou nenhum sinal de vazamento. Seguiram-se dois dias de manifestações secundárias, aparentemente centradas no filho de cinco anos dos Pritchard, Philip, mas então elas cessaram e não houve mais incidentes durante dois anos. Quando reapareceram, o alvo era sem dúvida a filha de 14 anos dos Pritchard, Diane.

Tudo o que fosse frágil na casa era sistematicamente quebrado, com o acompanhamento de altos ruídos de tambor que atraíam multidões de vizinhos perplexos. Várias vezes Diane foi jogada para fora da cama por uma força invisível ou presa embaixo de móveis, que necessitavam de pelo menos dois membros da família para serem removidos, mas que a deixavam sem nem ao menos um arranhão. Curiosamente, o espírito atacava somente à tardezinha, depois que Diane voltava da escola, e, apesar dos danos causados, ninguém saía ferido. Apenas nas fases finais aquilo se tomou agressivo, arrastando Diane escada acima pelo pescoço na frente do pai, da mãe e do irmão, que subiu correndo as escadas e a agarrou, forçando o fantasma a soltá-la. Esse ataque deixou marcas vermelhas de dedos no pescoço de Diane, mas nenhum outro dano aparente. A mãe de Diane, Jean, disse depois que encontrou grandes pegadas na base da escada, e o carpete estava molhado.

Por essa época começaram os avistamentos. O senhor e a senhora Pritchard disseram ter visto uma figura espectral à noite, no vão de uma porta, e diversas testemunhas independentes viram vultos do que parecia ser uma figura encapuzada, toda vestida de preto, em vários lugares da casa. Em certa ocasião uma vizinha disse ter sentido uma nítida presença atrás de si e quando se virou deu de frente com um monge alto, cujo rosto estava escondido pelo capuz. Um instante depois ele desapareceu.

O avistamento final ocorreu numa tarde, quando o senhor e a senhora Pritchard viram uma silhueta alta e escura projetada sobre a vidraça da porta da sala de jantar. Quando olharam para dentro da sala viram uma forma sombria afundando vagarosamente no chão. Foi o último incidente do impressionante caso Pontefract.

Pesquisas posteriores revelaram que a casa dos Pritchard fora construída no local de um patíbulo, onde certo monge Cluniac fora enforcado por estupro durante o reinado de Henrique VIII. Contudo, deve haver algo mais no “fantasma” de Pontefract do que isso. Será que Philip e Diane não teriam criado as perturbações pelo uso inconsciente da energia psicocinética?

Diane estava fora de casa no momento do primeiro ataque, de modo que se pode considerar que, se a causa das perturbações foi a psicocinese, Philip teria sido a causa da primeira manifestação, e Diane, da segunda.

A idade de cinco anos é aquela em que se acredita que as crianças perdem a ligação com o mundo espiritual por fortalecerem os vínculos com o mundo físico, precipitando assim perturbações psíquicas secundárias. Da mesma maneira, quando a segunda série de ataques ocorreu, Diane estava com 14 anos e entrando na puberdade, período de convulsões emocionais que muitos psicólogos suspeitam ser a causa básica da atividade *poltergeist*. Talvez fosse significativo que Diane admitisse estar apenas um pouco perturbada pelo fenômeno no início, como se suspeitasse inconscientemente de que podia ser a causa.

A explosão da atividade *poltergeist* também pode ter sido causada por psicocinese espontânea recorrente, e o espírito pode ter sido uma forma-pensamento anônima e impessoal, criada e animada pelo medo da família (a um nível em que podia ser visto por outras pessoas).

O dr. A. R. G. Owen, autor do livro *Can We Explain the Poltergeist?*, sugere que o fenômeno pode ser o que ele chama de “neurose de conversão”, em que a ansiedade provoca as descargas de energia que produzem ruídos altos, falhas elétricas e o movimento de objetos. Além disso, essas atividades cessam porque a atividade *poltergeist* “não é a doença, mas a cura”.

Em 1980 o escritor Colin Wilson, especialista em fenômenos paranormais e cético confesso em questão de espíritos, visitou a família Pritchard e entrevistou outras testemunhas, incluindo os vizinhos. Seus testemunhos, junto com as gravações em fita dos violentos ruídos e reportagens em jornais da época, finalmente convenceram Wilson de que esse era um caso verdadeiro de atividade *poltergeist* por “uma entidade independente”. Ele escreveria mais tarde: “As evidências apontam claramente nessa direção e seria simples desonestidade não admiti-las”.

Mas se o *poltergeist* de Pontefract era um espírito perturbado, por que desapareceu depois de fazer algumas aparições transitórias e não fazer

nenhuma exigência para que o deixassem descansar ou ser vingado? Se fosse uma forma-pensamento ele teria, no momento certo, desintegrado-se no éter, assim como se disse que ocorreu com a forma espectral na sala de jantar. Mas será que uma forma-pensamento seria forte o suficiente para arrastar Diane escada acima?

A terceira possibilidade é que as descargas de energia psicocinética podem parecer como faróis na escuridão do plano astral, ao que os espíritos presos à terra ou formas de vida elementais são atraídos de acordo com a lei universal de que “igual atrai igual”. Quando a fonte da perturbação psíquica torna-se emocionalmente estável ou menos ansiosa, os espíritos simplesmente se afastam.

Capítulo Vinte e Um - Anjos

QUANDO UM HOMEM furtivo, de meia-idade, aproximou-se de Breet, pastor provinciano em um dos distritos mais perigosos da Holanda, e pediu-lhe para conversar em particular, Breet esperou ser ameaçado com violência se continuasse seu trabalho missionário na cidade. Em vez disso, quando os dois ficaram a sós, o homem fez uma confissão que Breet incluiria em suas memórias e repetiria a todos que temiam estar sozinhos no mundo.

O estranho disse que era agora um personagem reformado que sentia precisar se livrar de uma culpa secreta para poder completar sua conversão e encontrar a absolvição.

O estranho confessou livremente que 20 anos antes, no início dos anos de 1900, ele e outro homem conspiraram para matar um pastor, porque suas sessões de culto semanais estavam exercendo efeito prejudicial em seus negócios. Os homens locais temiam que pudessem ser vistos na companhia de prostitutas pelos vizinhos que frequentavam aquelas sessões, e várias delas chegaram mesmo a expressar o interesse em se converter ao Cristianismo.

Assim, numa noite, o estranho bateu à porta de Breet e pediu-lhe para atender a um moribundo no outro extremo da cidade. Ele lhe deu o endereço, mas, no momento em que Breet se vestia, o homem desapareceu. Portanto o pastor saiu sozinho. O caso revelou-se um falso alarme, e Breet não pensou mais no assunto. Então o estranho admitiu que ele e seu cúmplice estavam esperando nas sombras para atacar Breet e afogá-lo no canal. Mas desistiram do plano quando viram o pastor com duas companhias.

— Mas fui sempre sozinho — respondeu Breet, incrédulo.

— Meu amigo e eu vimos claramente uma pessoa de cada lado seu — repetiu o estranho.

— Então o Senhor deve ter enviado dois anjos para me dar segurança — admitiu Breet, satisfeito.

Narrei algumas de minhas próprias experiências com os anjos no livro *Angels — A Piatkus Guide*, mas a história a seguir não foi incluída nele, porque a considerei pessoal demais na época em que estava escrevendo a obra.

Pouco antes do Natal de 1990, estava me sentindo muito deprimido por ter encerrado um relacionamento difícil. Começava a me desesperar para encontrar alguém com quem pudesse ficar e, em estado de resignação, pedi aos anjos para me enviarem a pessoa que fosse “certa” para mim. Não realizei nenhum ritual do tipo que os “especialistas em anjos” da Nova Era aconselham-nos fazer quando queremos nos comunicar com esses seres celestiais. Simplesmente entrei em estado meditativo e pedi ajuda, acreditando que se visasse a felicidade duradoura em vez de uma imagem idealizada tudo daria certo no final. Se minhas preces — caso possa chamá-las assim — atingiram os anjos, ou Deus, ou se simplesmente efetuaram uma mudança profunda em minha atitude no nível inconsciente, não posso dizer, mas funcionaram. Um ano exatamente depois do dia em que fiz o pedido de ajuda aos anjos, encontrei minha futura esposa em circunstâncias das mais estranhas.

Ela bateu em minha porta depois de ter cruzado toda a Alemanha na esperança de talvez me encontrar. Ela havia lido meus livros e visto minha fotografia e sentia-se compelida a me encontrar, embora não fizesse ideia de em quais circunstâncias isso se daria. Dentro de 18 meses estávamos casados. Nunca mais acreditei em coincidências.

Há milhares de histórias semelhantes, relatadas em épocas recentes, oferecendo provas de que os encontros angélicos não são uma prerrogativa exclusiva dos profetas, santos e místicos da Bíblia. Na idade digital, o assunto sobre os anjos pode parecer um anacronismo, e ainda assim existem numerosas páginas na Internet relatando sobre milagres modernos e encontros decisivos com seres sobrenaturais benignos em todo o mundo. Muitas das pessoas que tiveram a vida transformada por esses encontros não têm convicções religiosas nem mesmo interesse superficial em fenômenos paranormais. Elas não conseguem explicar por que foram “escolhidas”, nem sequer entendem o que influiu em suas vidas. Apenas sabem que sofreram uma transformação motivada por profunda experiência espiritual que não pode ser transmitida em palavras.

Samaritanos Espirituais

Nos dias de hoje os anjos raramente aparecem adornados com o tradicional halo e asas. Em vez disso, normalmente se materializam na forma humana como bons samaritanos, e só depois as pessoas a quem

ajudaram começam a questionar a fantástica coincidência que as livrou do perigo.

Em seu relato do levante árabe de 1929, *Appointment in Jerusalem*, a jornalista Lydia Prince narra sobre o dia em que ficou presa numa casa árabe, na parte da cidade que estava sob fogo tanto de árabes quanto de judeus. Ela havia resgatado um bebê judeu, mas tinha medo de que ele morresse de sede, porque o fornecimento de água da casa havia sido cortado. Ela temia se aventurar fora da casa, mas acreditava que não teria escolha, para que o bebê tivesse alguma chance de sobreviver. Ela orou em silêncio pela proteção divina e então, esperando o pior, saiu para a rua. De repente, tudo ficou em silêncio. Nem um tiro foi disparado, embora ela soubesse que os franco-atiradores não tinham compaixão nem por mulheres nem por crianças. No estranho silêncio ela caminhou de rua em rua, carregando a criança, até chegar a uma barricada, que era alta demais para ser escalada. Em desespero, ela se sentou no chão, sem saber o que fazer em seguida. Naquele instante, um rapaz apareceu vestido com roupas europeias e, sem dizer uma palavra, pegou a criança dos braços dela. Ele levou a ambos por cima da barricada e pelas ruas desertas, onde até então ressoavam os disparos de armas de fogo. Até aquele momento não se ouvira nenhum tiro. Depois de andarem por um labirinto de ruas apinhadas de fragmentos de pedras, ele parou diante da porta de uma casa de aparência comum e devolveu a criança a Lydia. Então, ainda sem pronunciar uma palavra, ele as deixou. Foi nesse momento que Lydia reconheceu que ali, naquela casa, morava uma amiga. Felizmente a amiga estava lá e ajudou Lydia a cuidar do bebê. A amiga não se lembrava de um homem que se encaixasse na descrição ter alguma vez visitado a casa, e as duas chegaram à conclusão de que as preces de Lydia haviam sido atendidas de fato.

Um Milagre Moderno

Os anjos nem sempre se materializam, mas em tais casos suas ações deixam pouca dúvida de que se realizou uma providência celestial. O caso a seguir foi relatado por William Porter, de Englewoods, Califórnia, numa edição de 1983 da revista *Guideposts*, uma publicação americana especializada em relatos de encontros angélicos.

William e a esposa estavam visitando os pais dele, quando ouviram a filha de dois anos e meio de idade, Helen, chorar no jardim, nos fundos da casa.

Eles saíram correndo e a encontraram de pé, num caminho de pedra, bastante perturbada e toda molhada. Com certeza ela havia caído no lago de peixes dos avós. Só depois que o pai superou o susto foi que entendeu que a criança não podia ter saído do lago sozinha. Ele tinha mais de 2 metros de diâmetro e 1,5 de profundidade. Além do mais, eles haviam encontrado a filha 6 metros além do lago e não havia pegadas entre o lago e o caminho. A única água na laje de pedras era a poça em que a criança se encontrava. No início, a menina não comentou nada sobre o incidente, mas depois de um pouco mais crescida ela se lembrou de ter sido puxada da água por uma figura de branco, que a deixou assim que os pais entraram no jardim.

Encontro Angélicos

Nem todos os encontros angélicos são dramáticos como esses. Alguns parecem simplesmente oferecer conforto em tempos de luto ou angústia. Mas seja qual for o motivo eles parecem muito distintos de outras experiências sobrenaturais em três aspectos principais.

O primeiro é que esses seres celestiais benignos invariavelmente trazem confiança em tempos de crise. Eles normalmente transmitem a mensagem construtiva de que as dificuldades e perdas por que passamos são necessárias para o nosso conhecimento e que no fim tudo vai ficar bem.

Em segundo lugar, tendo sido lembrada de sua natureza, a pessoa é profundamente influenciada por eles para o resto da vida, percebendo o mundo físico como reflexo de uma realidade maior.

A terceira característica de um encontro angélico é que sua presença é quase sempre acompanhada por uma aura de amor e compaixão incondicionais, que acabam fazendo com que até a pessoa mais materialista e cética fique com os olhos rasos d'água ao se lembrar do incidente, mesmo que isso se dê anos depois.

Em resumo, aqueles que encontram um anjo são tocados bem no fundo do ser e não há explicação racional que possa diminuir a experiência.

Uma teoria afirma que um anjo pode ser uma projeção criada pela própria consciência da testemunha, por fadiga ou estresse. Por essa razão, alguns encontros foram considerados como típicas alucinações de espíritos de pessoas vivas, embora, segundo a definição clínica do fenômeno, o fato se restrinja apenas a uma aparição parcial de transparência espectral. Os espíritos de pessoas vivas geralmente não aparecem em forma concreta e

vívida, nem agem de maneira independente, como o fizeram aqueles seres que acabei de mencionar.

Intervenção Angélica

É difícil para os humanos entender por que os anjos podem intervir para salvar uma vida e não outra. A meu ver, eles estão continuamente tentando se comunicar conosco, mas poucos de nós ouvem a vozinha interior. Ou não confiamos em nossa intuição, ou estamos tão preocupados com nossos próprios pensamentos para lhes dar ouvidos.

A menos que as pessoas tenham uma experiência pessoal com os anjos, elas também acham difícil de acreditar que eles existam, basicamente porque acham que não podem ter recebido uma resposta a seus pedidos de ajuda. No entanto, segundo os ensinamentos esotéricos, o propósito de cada vida é aprender com a experiência, e só podemos fazê-lo se tivermos o livre-arbítrio. Se sabemos que cada pedido de ajuda trará os anjos em nosso socorro, consertando as coisas, então vamos depender deles e parar de agir como pessoas independentes e autossuficientes. No entanto, sempre é o caso de que quando uma pessoa fez o melhor possível e exauriu todas as opções, então receberá toda a assistência incondicionalmente e com amor.

Anjos e Demônios

É compreensível que muitas pessoas considerem que, se os anjos existem, então também devem existir os demônios ou alguma forma de entidade maligna consciente. Mas não é mais provável que os reinos invisíveis reflitam a hierarquia encontrada na natureza do plano físico, que é expressa numa multiplicidade de formas desde as criaturas unicelulares até a humanidade? Os fenômenos sobrenaturais são definidos como qualquer coisa além do comum, o que não é o mesmo que ser contrário à natureza. Portanto, pode-se imaginar a hierarquia celestial como sendo compreendida de formas em contínua evolução, em vez de entidades boas e más, a mais elevada forma sendo os anjos, que são tradicionalmente os seres mais próximos do Criador.

Conforme observei em *Angels — A Piatkus Guide*:

“A existência dos anjos não significa automaticamente a existência de

demônios. Se os anjos são as formas mais elevadas de seres desencarnados, com certeza são complementados por formas inferiores e não desenvolvidas, e não necessariamente por seres conscientes de poder igual, mas de natureza contrária”.

A palavra “demônio” é na verdade uma corruptela da palavra grega *daemon*, que quer dizer simplesmente espírito ou divindade. Talvez seja por isso que temos tantos registros de encontros angélicos ao longo dos séculos, mas nenhum relato confiável de encontros com o Diabo e demônios. Nossa história testemunhou certamente ações demoníacas, mas em cada caso essas parecem ter sido uma manifestação de nossa própria humanidade — o lado sombrio da psique que se distanciou da origem e esqueceu-se de sua verdadeira natureza divina. Sendo este o caso, não temos nada a temer, a não ser nossas próprias sombras.

Capítulo Vinte e Dois - Fantasmas, Guias e Espíritos

EM 1998, UMA pesquisa de opinião conduzida pela empresa de consultoria ICM revelou que 52% da população da Grã-Bretanha acreditavam na vida após a morte. Dentre os consultados, 13% afirmavam ter visto um fantasma, tornando-a uma das mais comuns formas de experiência paranormal. No entanto, nenhuma dessas testemunhas disse ter visto uma figura encapuzada maligna, do tipo daquelas assombrações estereotipadas dos filmes de horror, nem ouviram os gritos de gelar o sangue e o rangido de correntes, que costumavam ser típicos de fantasmas de ficção.

Na verdade, a experiência raramente é assustadora. A maioria das aparições tem a aparência sólida e poucas delas reconhecem a presença dos vivos. Só depois de elas terem desaparecido, ou sido identificadas como alguém que já morreu, é que a testemunha se perturba ante o pensamento de que pode haver uma realidade além da percebida pelos olhos.

A considerável quantidade de avistamentos documentados por testemunhas respeitáveis e confiáveis tornaria difícil até mesmo para o cético mais radical negar a existência dos fantasmas. No entanto, a imensa quantidade de material e a variedade de experiências registradas têm confundido o público e a maioria dos pesquisadores do fenômeno paranormal quanto à natureza verdadeira do fenômeno. Seria o caso de considerar que não se trata mais de uma questão de se os fantasmas existem ou não, mas de distinguir entre as diferentes formas de aparições e explicar seu significado. A meu ver, há quatro tipos de aparições, se excluirmos as formas-pensamento, elementais e anjos, pelo motivo de que são entidades desencarnadas, e não os espíritos de seres humanos vivos ou mortos.

Fantasmas

O primeiro tipo de aparição não é um fantasma, mas um fantasma de pessoas vivas. Essas aparições são projeções da imagem de pessoas vivas e incluem os *doppelgangers*, fantasmas precursores e aparições em crises. Eles são analisados separadamente nas págs. 157-65.

Guias Espirituais

A segunda categoria de aparições é conhecida como guias espirituais. Essas almas altamente evoluídas parecem ter escolhido retornar periodicamente ao plano terrestre para ajudar nosso desenvolvimento espiritual. Considera-se que cada um de nós tem um guia espiritual, se não dois, que nos guiam e protegem-nos até onde são capazes, basicamente por meio da voz interior da intuição. Quanto mais aprendermos a confiar nessas sensações, mais forte será a influência deles sobre nossa vida. Um guia pode permanecer com uma pessoa porque sente afinidade além da vida dessa pessoa ou pelo tempo que for necessário, no sentido de acompanhá-la ao longo de uma fase particular de seu desenvolvimento, depois do que outro guia pode tomar o seu lugar. Os guias espirituais normalmente só são vistos com a visão interior pelos sensitivos, embora algumas pessoas possam ter um vislumbre deles durante momentos críticos da vida e interpretar a visão como tendo sido de seu anjo da guarda, que é, na verdade, o que eles são.

Ecos dos Mortos

O terceiro tipo de aparição é meramente uma impressão deixada no éter pelos mortos, que qualquer um de nós pode sintonizar se formos sensitivos ou se nossas defesas estiverem fracas em função do estresse ou de exaustão. Esses “ecos” podem ser especialmente fortes se a transição do morto estiver carregada de emoção de qualquer natureza, especialmente culpa ou violência. Esse tipo de aparição é inofensiva quando inconsciente, embora possa se mostrar perturbadora para as pessoas sensíveis a suas fortes vibrações ou a quem acha a imagem dos mortos perturbadora.

Um dos primeiros e mais convincentes casos dessa natureza nos tempos modernos foi relatado à Sociedade para Pesquisas Psíquicas, estabelecida em 1882 por um eminente grupo de professores de Cambridge, com a finalidade de estudar os fenômenos paranormais de modo científico.

Seis semanas depois da morte de certo capitão Towns, seu genro, Charles Lett, escreveu para a sociedade relatando a manhã que o fantasma do sogro apareceu diante de toda a família. A sra. Lett e uma amiga foram as primeiras a vê-lo, o que descreveram como um retrato em tamanho natural do capitão, refletido na superfície polida de um guarda-roupa. Ele parecia pálido e rígido e estava vestido com um paletó de flanela cinza.

Enquanto ambas olhavam incrédulas, a filha do capitão entrou no aposento e, antes que alguma das mulheres tivesse tempo de falar, gritou: “Santo Deus! Vocês estão vendo o papai?”.

Uma governanta que passava foi chamada e antes que lhe perguntassem o que via ela exclamou: “Oh, senhorita! O patrão!”. Enquanto a imagem permanecia clara, mas impassível, outros empregados foram chamados para identificar a aparição. Por fim, a sra. Towns aproximou-se e no desespero de provar para si mesma que o marido sobrevivera no reino dos espíritos estendeu a mão para tocá-lo. A imagem imediatamente desapareceu e nunca mais voltou. O caso foi mais tarde incluído em um dos mais antigos testemunhos sobre o assunto, *Human Personality and its Survival of Bodily Death* (1895), do pioneiro da pesquisa psíquica F. W. H. Myers. A conclusão de Myers foi de que aparições como as do capitão Towns eram manifestações de “energia pessoal persistente”, que é uma boa descrição de um fantasma, como é provável de se encontrar.

Espíritos Perturbados

O quarto tipo de aparições é o espírito perturbado dos mortos. Embora esses espíritos sejam raramente capazes de exercer influência sobre o mundo material, ou causar dano físico aos vivos, sua presença pode provocar angústia até que sejam “deixados em paz”. Alguns desses espíritos poderiam passar aos reinos superiores, mas escolhem manifestar-se no sentido de comunicar-se com um ente querido que deixaram para trás.

Um dos casos mais incomuns desse tipo que Myers afirmou ter descoberto durante suas pesquisas foi o de um caixeiro-viajante que era “visitado” pelo espírito da irmã, que morrera nove anos antes. A garota parecia saudável e feliz, mas o irmão ficava com um sentimento de desconforto. Embora a visão durasse apenas alguns instantes, ele notou um detalhe que o confundia ainda mais do que a aparição em si. Havia um arranhão na bochecha direita da moça que ele não se lembrava de ter visto enquanto ela era viva. Mais tarde, quando relatou sua experiência à mãe, ela chorou muito e comentou como acidentalmente arranhou o rosto da filha com um anel ao preparar o corpo para o enterro. Curiosamente, a mãe morreu duas semanas depois da visita do filho, o que sugere que o propósito da aparição pudesse ter sido encorajá-lo a visitar a mãe antes da morte dela.

A tradição esotérica diz que o corpo astral ou etérico (em que a alma se

encaixa como uma semente em seu invólucro) molda-se em função do corpo físico, e é essa projeção luminosa da personalidade que distingue um fantasma, ou impressão, de um espírito. É a plasticidade desse corpo sutil de matéria menos densa, incidentalmente, que explica o fato de os mortos serem capazes de parecer mais jovens do que eram no momento da morte.

Em circunstâncias normais, a aceitação da morte pela pessoa — que vem com a liberdade do corpo físico e uma irresistível atração para a luz do reino dos céus — permite que ela se livre do corpo astral, assim como a cobra muda de pele, e ascenda a dimensões mais elevadas do espírito. No entanto, em casos raros, os mortos podem se tomar ligados à terra, seja porque se sentem presos ao mundo físico por vínculos emocionais, seja porque simplesmente não têm consciência de que morreram. Talvez em vida fossem obsessivamente preocupados com a rotina, ou tarefas mundanas, e assim, depois da morte, passam a existir num estado sonambúlico até compreenderem que não exercem mais influência sobre o mundo físico (por exemplo, suas tarefas nunca são concluídas). No momento certo, despertam do sonho da vida e partem para os reinos superiores.

Menos felizes são aqueles que erram entre mundos, num inferno de emoções negativas criado por eles mesmos, como ódio, medo e ciúme, ou por meio de vício de bebida ou drogas. No passado, a difícil tarefa de dar descanso a esses espíritos perturbados era atribuição dos padres, que praticavam o exorcismo. Hoje em dia, um número cada vez maior de sensitivos e agentes de cura têm se dedicado a “socorrer” as almas e guiá-las gentilmente em direção à luz.

Betty Shine

A médium mais respeitada e influente entre os ingleses é Betty Shine, cuja excepcional história de vida e extraordinários encontros com os poderes imprevisíveis dos paranormais não parecem tê-la alterado. Suas numerosas excursões fora do corpo a dimensões superiores, encontros pela vida inteira com entidades espirituais e experiências pessoais dos poderes de cura ilimitados da mente convenceram-na de que todos temos a faculdade de nos sintonizar com esse potencial oculto e perder nosso medo do desconhecido. Seus livros autobiográficos como *Mind to Mind*, *The Infinite Mind* e *My Life as a Medium* são a introdução ideal para o mundo dos fenômenos psíquicos e dos poderes latentes que todos compartilhamos.

Mais importante ainda é que, ao lembrar-se de algumas das mais incríveis histórias já registradas com calmo distanciamento e compaixão, ela traz o mundo do sobrenatural para fora do reino da fantasia sombrio dos *Arquivos X*, revelando-os como simplesmente mais uma, ainda que invisível, faceta da vida.

A imprensa popular consagrou Betty Shine como “a agente de cura número um do mundo”. Apesar de curar milhares de pessoas ao redor do mundo e atrair milhões mais para o mundo extraordinário dos fenômenos psíquicos por intermédio de seus cinco livros de sucesso estrondoso e numerosas participações em programas de rádio e televisão, Betty irradia o calor e o bom humor pragmático que se esperaria de nossa tia favorita.

Desde criança ela descobriu sua capacidade inata para passar sem esforço desse mundo para o próximo. Ainda bebê, sofreu forte pancada na cabeça e, enquanto se recuperava num hospital, descobriu-se vagando numa dimensão celestial, que passou a ser capaz de visitar à vontade sempre que precisasse de descanso e sossego. Quando menina, ela afirma que podia ouvir as árvores conversarem entre si e a grama crescer e começou a experimentar a liberdade do voo astral. Mais de uma vez ela foi salva de um acidente fatal por uma voz interior, que acreditava ser seu anjo da guarda. Ele também a confortava nos momentos de tristeza e lhe dava conselhos sobre trabalhos escolares. Então, aos dez anos de idade, ela foi para o interior do país para fugir dos ataques alemães durante a guerra. Amedrontada e sozinha, encontrou conforto em visitas noturnas de entidades espirituais que costumavam atravessar seu quarto e desaparecer pela parede. Mas Betty não explorou seus dons maravilhosos, uma vez que sua mãe era profundamente religiosa e contra tudo que dissesse respeito ao psiquismo. Ela continuou a reprimir suas capacidades até que, na idade de 46 anos, depois de uma carreira como cantora de ópera e terapeuta mineral, as energias represadas ameaçaram sua saúde. Desesperada, Betty procurou orientação com um médium e foi informada de que seu destino era ser sensitiva e agente de cura mundialmente famosa — destino que em princípio ela relutou muito em acreditar e perseguir.

“Todos somos sensitivos, mas ao saber que você realmente é abre a mente para as energias cósmicas que vêm e fazem o trabalho. Você não pode se prejudicar em se abrir pela simples razão de que o igual atrai igual. E uma lei universal. Se você é uma pessoa “boa”, apenas vai atrair as forças que

estão esperando para ajudá-lo. Todo esse segredo e insistência em práticas especiais provêm do simples fato de que a maioria dos médiuns não quer que você saiba como é tudo tão fácil! A maioria das assim chamadas filosofias ocultas é facilmente reduzida ao senso comum.”

Portanto, não há nada a temer “lá fora”, afinal de contas?

“Bem, digamos assim: somos tanto Deus quanto o Diabo. O Universo como um todo é composto de energias positivas e negativas. As vezes, há uma intenção por trás dele, e às vezes trata-se simplesmente de um acúmulo de energia, mas você deve se lembrar de que está lutando contra um poder formidável quando lida com energias concentradas pela mente humana. Tudo o que você cria une-se como pensamentos lá na mente universal e se multiplica e volta para você. E se seus pensamentos são negativos eles invariavelmente voltam para você quando estiver mais deprimido. É por isso que as pessoas que pensam negativamente parecem atraídas por uma espiral sempre descendente, que as pessoas comuns costumam chamar de má sorte. Mas elas criaram sua própria condição. Vivem maldizendo o mundo em vez de analisar-se antes. Ao reconhecer essa situação, você pode se libertar e assumir o controle de sua própria vida.”

Pode não existir um ser demoníaco, mas Betty teve muitas experiências assustadoras com entidades negativas que teve de enfrentar.

Numa ocasião, ela estava tratando de uma mulher na faixa dos 50 anos, quando viu uma entidade negra sobrepondo-se a sua paciente e ouviu-a dizer: “Nunca irei libertá-la, ela é minha”. Assim que ela começou a rezar, pedindo proteção, Betty viu uma luz brilhante aparecer por trás da criatura, tornando-a uma silhueta. Estava claro que se tratava de um homem, e assim que foi afastado por uma força invisível ele gritou. A mulher cobriu as orelhas, embora mais tarde afirmasse que na verdade não ouvira o grito, mas agira instintivamente. Depois que a entidade desapareceu, a mulher contou a Betty que fora casada com um homem possessivo e sádico na África do Sul, trinta anos antes, mas finalmente reunira coragem suficiente para fugir para a Inglaterra. Infelizmente, ele a seguiu até lá e a atormentou durante anos, antes de morrer de ataque cardíaco na porta de sua casa. Depois da morte dele, ela tomara a se casar, mas ainda se sentia perseguida e ficava constantemente deprimida. Algumas semanas depois do exorcismo,

a mulher retomou ao centro terapêutico de Betty radiante e aliviada, finalmente livre da nuvem negra que a vinha incomodando durante anos.

Mas nem todos os exorcismos são bem-sucedidos. Betty foi incapaz de ajudar diversos pacientes porque sentia que essas “vítimas” eram tão negativas quanto as entidades que atraíam e concluiu que eles provavelmente “mereciam uns aos outros”.

Tais histórias podem intimidar as pessoas que desejam desenvolver as próprias capacidades como sensitivos, mas Betty recebeu valiosa revelação sobre a natureza do mal de um de seus “gurus” invisíveis, que colocou as coisas no lugar. Ele lhe disse que a vida na dimensão espiritual reflete a nossa e que, portanto, devemos tratar com as entidades desagradáveis da mesma maneira que lidamos com visitantes irritantes e indesejáveis, ou seja: ignorá-los e dirigir os pensamentos a questões mais elevadas e agradáveis.

“Reconhecer as influências negativas enfraquece a força vital e nos torna vulneráveis”, ele lhe disse. Assim, Betty não acredita mais em exóticos e complicados rituais de exorcismo. Seu método consagrado e confirmado é caracteristicamente prático e promete enviar toda entidade maligna ao seu devido lugar.

“Eu simplesmente lhe digo para dar o fora!”, diz ela sorrindo.

Capítulo Vinte e Três - Camadas da Alma

INDEPENDENTEMENTE DE termos ou não interesse nos fenômenos paranormais, todos compartilhamos o medo da morte em diversos graus e uma fascinação pelo que pode haver além. Nossa atitude em relação ao maior mistério de todos determina a maneira como vivemos nossa vida, pois a morte é a única certeza num mundo em constante mudança. Apenas o momento e a maneira de nossa passagem é que são desconhecidos, e é esse aspecto imprevisível que impede muitos de nós de encarar o inevitável, até que somos forçados a fazê-lo. No entanto, nas tradições esotéricas e no Oriente místico, a morte é vista não como o fim, mas como um estágio na evolução da alma, uma transformação natural como aquela pela qual passa a borboleta ao emergir do casulo e, em todos os sentidos, muito menos traumática que o nascimento.

Todas as grandes religiões e sistemas filosóficos têm na base a ideia de que cada um de nós possui uma alma imortal ou “duplo espiritual” que sobrevive à morte do corpo físico. No mundo antigo era mais comum considerar a alma como sendo vestida numa série de corpos sutis, como as bonecas russas, cada uma feita de matéria cada vez menos densa nos diversos níveis do plano interior. Esse era o conceito por trás do costume no antigo Egito de colocar o corpo mumificado do faraó dentro de sarcófagos crescentemente mais finos e permanece na base das crenças de muitos grupos esotéricos modernos e filosofias ocidentais, incluindo o budismo.

Considera-se que no nível mais alto, a alma, ou essência divina, é consciência pura, que adquire suas camadas protetoras sutis durante sua descida pelos mundos superiores, um processo mitificado como a Queda ou exílio do Jardim do Éden. A alma assume forma reconhecível enquanto passa pelo segundo mundo, o mundo do espírito, então se envolve na matéria plástica do terceiro nível, o plano astral, antes de assumir a forma física no mais denso dos quatro mundos, o nosso.

Saídas do Corpo

A melhor evidência que temos da vida após a morte são os numerosos relatos de experiências de saída do corpo e a natureza universal dessas experiências. A partir de diversas pesquisas estatísticas recentes, estima-se

que no mínimo uma pessoa em cinco no Ocidente teve uma experiência de saída do corpo de que pode se lembrar em mínimos detalhes depois de acordar e que descreve como sendo distinta de um sonho. Acredita-se que todos vivenciamos o fenômeno periodicamente durante as fases mais profundas do sono, quando o corpo físico está relaxado e o consciente em repouso. É então que nosso corpo astral ou etérico pode flutuar livre da concha física, na extremidade de um cordão do tipo do umbilical, de matéria etérica. Enquanto sonhamos, ele paira alguns centímetros acima do corpo, mas pode ser dirigido para seguir a vontade inconsciente para locais distantes no mundo físico, à velocidade do pensamento.

Todos nós nos lembramos da sensação de voar durante um sonho especialmente realista e de cair imediatamente antes de acordar, enquanto o corpo astral retoma para a concha física, mas muitas pessoas tendem a considerar a experiência apenas como um sonho, porque não conseguem conceber a ideia de que a consciência pode ser separada do corpo.

Experiências involuntárias de saída do corpo costumam ser provocadas por exaustão extrema, doença, dor insuportável ou uso de drogas soporíferas, incluindo anestésicos em geral, que dessensibilizam o corpo, mas que nem sempre resultam em inconsciência. Um exemplo típico de saída do corpo involuntária foi a que experimentou o artista americano e célebre sensitivo Ingo Swann, que, na idade de dois anos e meio, observou sob a perspectiva de uma terceira pessoa enquanto um cirurgião removia suas amígdalas e as colocava num pote. Quando Swann recuperou a consciência, foi capaz de se lembrar de detalhes da operação, incluindo o fato de que o cirurgião tinha praguejado quando o bisturi escorregara e cortara a língua. Swann também indicou corretamente onde o cirurgião colocara o pote, que estava oculto da vista atrás de rolos de tecido.

Quando adulto, Swann foi capaz de deixar seu corpo à vontade para explorar locais distantes e descrever objetos escondidos, talento que foi testado sob rigorosas condições de laboratório na Universidade de Stanford (ver pág. 120). As experiências de saída do corpo de Swann indicam que não há limite quanto à distância que o corpo astral pode percorrer dentro de nossa dimensão física. Ele afirmou ter projetado sua consciência a Mercúrio e retornado com detalhes sobre o campo magnético do planeta e outros aspectos desconhecidos dos cientistas na época, mas que depois foram confirmados pela sonda Mariner 10.

A Zona Atemporal

Uma das mais confiáveis descrições da experiência astral foi dada por um eminente catedrático, Sir Auckland Gedds, professor de anatomia, em uma palestra a membros da Royal Medical Society, em 1937. Gedds creditou a experiência a um médico anônimo, mas acredita-se que tenha ocorrido com ele mesmo e que ele inventou outro personagem com medo de se expor ao ridículo perante a comunidade médica.

De acordo com Gedds, o médico estava deitado na cama, gravemente enfermo, quando teve a sensação de que sua consciência se separava em duas distintas perspectivas: uma puramente mental, e outra focada em seu corpo físico. Ele sentiu esse centro físico se dissolver, até que ficou ali observando seu corpo febril com interesse, mas não emoção, do outro lado do aposento. O corpo astral em que ele agora se encontrava podia sem dúvida dirigir sua atenção para qualquer lugar do mundo quando quisesse, pois os limites materiais e a distância não eram reais para ele. Nessa quarta dimensão, a única realidade era o momento presente. Para explicar a natureza dessa outra realidade, o médico anônimo descreveu o cérebro humano como o receptáculo físico de um “caudal físico”, que permeia essas dimensões que se interpenetram. Quando estamos focalizados no mundo físico, sintonizamos-nos na frequência de vibração mais baixa, mas quando elevamos nossa consciência pela meditação, ou em resposta a um estímulo que nos eleva, tomamos consciência dessas outras realidades como se nos sintonizássemos com uma onda de comprimento superior.

Na quarta dimensão, o médico tomou consciência das auras de energia multicoloridas que contornam os vivos no mundo físico, a quem ele ainda podia ver e ouvir claramente. Na verdade, ele se tornara uma aparição viva, embora aqueles a quem observava estivessem preocupados demais para notá-lo ou sentir sua presença.

Antes que ele pudesse continuar sua exploração, um amigo entrou no aposento e, encontrando-o em estado de coma, imediatamente telefonou para um médico. No mesmo instante, o doente viu o outro médico receber a chamada de emergência e então testemunhou os esforços feitos para trazê-lo de volta à vida. Enquanto era trazido de volta a seu corpo, ele se “aborreceu intensamente” por ter de ficar confinado outra vez na cama. “Eu estava tão interessado e já começava a entender onde me encontrava e o que via”, explicou.

A Natureza da Mente

Sem dúvida, Gedds teve dificuldade de traduzir em palavras suas sensações, pois não havia equivalência entre o que via daquela perspectiva e a vida cotidiana. O mais próximo que alguém poderia chegar seria traçar paralelos com as sensações de atemporalidade, elevação de consciência e distanciamento que se experimentam durante a meditação. Parece que o tempo só existe no mundo físico porque é um conceito humano, criado para medir o crescimento e a mudança. Para efeito prático, e para dar ao ego mortal um sentido (falso) de segurança, precisamos pensar na vida como uma progressão linear, mas o fenômeno natural de morte e renascimento demonstra que a vida é cíclica. Nossa essência, e a de tudo o que existe, seja animado ou inanimado, é imortal. É imortal porque é pura consciência, e consciência é energia. Mesmo a matéria é apenas energia vibrando a uma frequência mais baixa para dar a ilusão de forma. Quando uma pessoa vivência uma experiência de saída do corpo e viaja pelo plano astral, ela intuitivamente o “reconhece” como verdadeiro.

No corpo astral não exercemos influência sobre o mundo físico, pois existimos numa frequência mais alta no espaço entre os átomos. É por isso que os fantasmas parecem passar através de objetos sólidos. É a aparente solidez do mundo físico que torna possível medir ou avaliar as mudanças e pensarmos em termos de passado, presente e futuro. Mas basta-nos pensar no futuro ou lembrarmo-nos do passado para perceber que a mente existe além das restrições de tempo e espaço, e que, se nossa verdadeira natureza é realmente pura consciência, nós apenas temos de elevar nossa consciência além do físico, para realizar todos os tipos de fenômenos paranormais.

Experiências no Limiar da Morte

As experiências de saída do corpo e no limiar da morte costumam ser confundidas, mas não são a mesma coisa. Ambas envolvem projeção do corpo astral, mas a saída do corpo normalmente se limita a uma exploração do mundo físico e, em raros casos, da dimensão astral semelhante ao sonho, enquanto na experiência do limiar da morte o viajante astral é levado para a fronteira que divide o astral dos mundos superiores, e lá tem um vislumbre do reino celestial.

O dr. Raymond Moody, médico americano que cunhou o termo “experiência no limiar da morte”, publicou um dos primeiros estudos científicos sobre o fenômeno, *Life after Life*, em 1975, em que comparou 150 relatos em primeira mão, muitos dos quais de pessoas que haviam ressuscitado depois de terem sido declaradas clinicamente mortas.

Para surpresa de Moody, as descrições eram misteriosamente coerentes, sugerindo que seus pacientes tinham todos compartilhado da mesma experiência, embora viessem de ampla variedade de antecedentes e professassem crenças diferentes. Alguns haviam sido firmes descrentes na existência da vida após a morte e ainda assim descreviam uma experiência muito semelhante e estavam sem dúvida profundamente afetados como os outros.

O dr. Moody identificou diversos elementos comuns, que parecem ter sido compartilhados por milhares de outros indivíduos que deram depoimentos semelhantes em estudos posteriores, embora nem todas as pessoas vivenciassem esses eventos na mesma sequência. No entanto, em quase todos os casos, o processo de morte era caracterizado pela ausência de dor e esmagadora sensação de serenidade, que punham de lado todos os medos no momento da separação, mesmo em casos de morte violenta ou súbita. Muitos pacientes descreveram o êxtase que experimentaram ao se encontrar flutuando livres do corpo físico e ao observar os médicos e enfermeiros tentando desesperadamente revivê-los. Diversos lembram-se de tentar em vão dizer a eles para não se importar, que estavam felizes por se livrar do fardo da doença ou do corpo lesionado, mas ninguém parecia tomar conhecimento da presença deles. Curiosamente, os “mortos” podiam ouvir o que as equipes médicas diziam durante as crises e posteriormente foram capazes de repetir tudo. Também foram capazes de descrever precisamente o que aconteceu enquanto estiveram tecnicamente “mortos”, detalhes que foram posteriormente corroborados pelo pessoal do hospital. Muitos passaram o que depois entenderam ser vários minutos fora do corpo, pois estavam mergulhados num comprido e escuro túnel, para emergir numa paisagem pastoril, onde eram recepcionados por amigos e parentes mortos. Havia uma sensação inata de familiaridade a respeito desse lugar e um sentimento de “volta ao lar”.

Céu e Inferno

Uma das melhores e mais detalhadas descrições do reino celestial foi dada a um pesquisador e sensível americano David Wheeler, que posteriormente publicou o relato no livro *Journey to the Other Side* (1977). O homem a quem Wheeler identifica como Kenneth G. “morreu” de ataque cardíaco logo depois de dar entrada no hospital. O médico que o atendeu confessou depois que se não conhecesse pessoalmente a filha do homem não teria tentado revivê-lo, pois o corpo já mostrava sinais de *rigor mortis*. “Ele estava mais morto do que outros que eu já vi”, disse o médico. “Não vi nenhuma esperança de verdade, mas decidi prosseguir como se houvesse.”

Kenneth G. retornou da morte contra todas as expectativas e sem nenhum efeito colateral negativo nem danos cerebrais, embora todos os textos médicos digam que não é possível promover uma recuperação completa depois que o cérebro e suas funções vitais tenham cessado por mais de alguns segundos. Mas o aspecto mais extraordinário da experiência foi a descrição que o homem deu ao médico da terra “do outro lado”.

“Eu me encontrei no lugar mais encantador que se pode imaginar. A beleza era muito maior do que eu jamais havia visto antes em minha vida. Era tão exuberante que não sei absolutamente como expressar a intensa alegria que senti naquele lugar.”

Ele descreveu uma paisagem de colinas baixas e planícies sem fim dentro de um imenso vale verdejante. Teve a sensação de descer bem devagar como se estivesse suspenso na extremidade de um paraquedas e fizesse um pouso num gramado alto, que chegava até a sua cintura. Dali ele via animais, árvores e uma profusão de flores exóticas, de um tipo que nunca tinha visto.

“Era uma sensação deliciosa. Então vi que aquele gramado seguia para o infinito. Avistei florestas densas ao longe... A única palavra que sou capaz de usar para qualificar aquele lugar é ‘maravilhoso’.”

No período que pareceu ser de alguns minutos, Kenneth permaneceu na grama alta, olhando ao redor maravilhado e ouvindo o som da brisa roçando na vegetação. Em princípio não se ouvia outro som e então ele ouviu uma voz fraca que gradualmente foi se tomando mais alta. Não havia ninguém à

vista, mas Kenneth reconheceu a voz como sendo a de seu pai, que morrera dez anos antes.

“O que será que ele está fazendo aqui?”, pensei. ‘Aqui estou eu num campo estranho. Não sei onde estou, e meu pai morto está chamando por mim.’ Eu aceitei as coisas como elas eram — o que mais eu podia fazer? A voz continuou fraca e me dizendo: ‘Kenneth, não tenha medo. Não se preocupe, vou ajudar você em sua jornada. Não tenha medo disso. Já ajudei outros.’”

No momento seguinte ele ouviu risadas do outro lado do campo e a distância viu crianças brincando no que lhe pareceu ser um parque de diversões. Era como um que vira em Coney Island, ao qual se lembrava de ter ido quando criança. Ao olhar, sentiu elas se aproximarem: só o desejo era suficiente para aproximá-las. Os rostos lhe eram familiares:

“Todos os meus coleguinhas estavam lá, exatamente como sessenta anos atrás... Nenhum deles pareceu me ver; eles continuaram a brincar no parque de diversões como faziam mais de meio século atrás... Eu era um menino outra vez, revivendo [minha] infância... Meu Deus, era lindo!

“A morte parecia ter fundido o futuro com as melhores lembranças que eu trazia ao longo da vida. Sei que fui ao paraíso com minhas mais queridas lembranças da infância... Eles cometeram um grande erro me trazendo de volta de um lugar tão maravilhoso.”

A descrição desse jardim celestial com suas cores vívidas e indescritíveis leva à comparação com as imagens tradicionais do paraíso, mas não é fácil explicá-la como uma alucinação em massa resultante do condicionamento cultural. O paraíso tem sido descrito em vários termos diferentes, por diversas tradições. Por exemplo, a tradição budista fala de diversos paraísos como estados simbólicos de consciência. O paraíso conhecido como Indra é descrito como sendo percebido pela alma individual em termos de um exuberante jardim pastoril habitado por pássaros exóticos e onde as árvores mudam de aparência com o passar das estações. O paraíso muçulmano (al-Jannah) é descrito em termos semelhantes com jardins maravilhosos, com rios de leite, vinho e mel. Cada conforto material é fornecido em ambientes palacianos, e todos os habitantes imortais são tratados como reis. Mas mesmo as pessoas da

mesma fé devem ver o paraíso à luz de sua própria imaginação, em vez de admitir tantos detalhes como esses indivíduos fizeram.

A certa altura da jornada o “morto” encontra um ser indistinto de luz, que alguns são inclinados em seu retomo a interpretar como Deus, Jesus ou um anjo, dependendo de suas crenças, embora a maioria o aceite como sendo a encarnação do amor em vez de uma entidade identificável. Da luz uma voz pergunta ao indivíduo se ele está pronto para morrer, o que tem o efeito de lhe recordar suas responsabilidades por assuntos inacabados na Terra. Isso é normalmente suficiente para os devolver ao corpo com a firme determinação de não desperdiçar mais nenhum momento da vida. Alguns falaram de a luz lhes perguntar o que fizeram da própria vida, embora isso não tenha sido dito com nenhum tipo de julgamento, depois do que eles reveem os eventos de sua vida numa série de *flashbacks*. A partir das descrições, parece que cada pessoa é julgada por sua própria consciência, ou eu superior, em vez de uma corte celestial, embora se lembrem de ter de viver ao longo de determinados eventos importantes de novo, apenas dessa vez, com a perspectiva e os sentimentos daqueles que enganaram.

Em contrapartida, as descrições do inferno são poucas e mais espaçadas, e as poucas que temos manifestam mais como um pesadelo criado por uma mente perturbada dos mortos do que um lugar verdadeiro em outra dimensão. Uma mulher não diria mais do que: “Se você sai daqui como uma alma atormentada, será uma alma atormentada lá também”, ao passo que um viúvo que tentou o suicídio em um momento de desespero disse enigmaticamente: “Não fui lá onde [minha esposa] estava. Fui a um lugar horrível... Imediatamente percebi o erro que havia cometido”. A compreensão foi sem dúvida suficiente para chamá-lo de volta à consciência.

Pesquisas recentes em relação a experiências do limiar da morte feitas por Tony Lawrence, professor de psicologia na Coventry University, e outros concluíram que tais experiências são muito raras comparadas a outras positivas e que normalmente envolvem o que Lawrence chama de “ausência de experiência” ou sensação de ser arrastado para um poço. Mas ambas soam mais como um pesadelo, em que uma sensação de desamparo, desorientação e desespero manifesta-se como imagens e emoções perturbadoras, em vez de uma experiência verdadeira, pois não têm nem os fundamentos nem os detalhes de uma experiência do limiar da morte positiva.

Embora os setores da comunidade científica e equipes médicas com experiência direta no tratamento de doentes terminais pareçam chegar a uma aceitação a contragosto do fenômeno, os meios médicos oficiais geralmente tendem a considerar esses testemunhos como alucinações causadas por anoxia (falta de oxigênio no cérebro) ou efeitos colaterais dos medicamentos. No entanto, as alucinações são aleatórias e inconscientes e não explicam a coerência das experiências que têm sido descritas. Além do mais, as alucinações não podem ser produzidas quando o paciente está clinicamente morto, pois nesse momento o cérebro está inativo. As linhas de EEG que medem os impulsos elétricos do cérebro são invariavelmente vistas como horizontais e inalteradas durante o período em que o paciente afirma ter ficado fora do corpo.

O que quer que os cétricos possam dizer, o fato é que tais experiências mostraram ter profundo efeito psicológico sobre aqueles que afirmam tê-las vivenciado. As pessoas retomam ao mundo físico como indivíduos menos extremados, mais piedosos e condescendentes do que eram antes, tendo não só perdido o medo do desconhecido como também obtido um apetite mais intenso pela vida.

Comecei este livro comentando que esperava que ele fosse diferente de outros títulos de tema semelhante. Acredito que tenha atingido esse objetivo, mas o mais importante para mim é que consegui afastar alguns dos medos do desconhecido.

O medo é o fator mais importante na limitação do entendimento. É mais do que uma relutância em se aventurar no escuro. O medo é um parasita sutil e insidioso que mina nossa autoconfiança e drena a vitalidade, que são os combustíveis da curiosidade. Ele se expressa nas diversas teorias conspiratórias que nos encorajam a suspeitar de nossa própria sombra e na necessidade de creditar aos extraterrestres a construção das fundações da civilização. Essa crença subverte a ambição humana, a imaginação e a realização.

Existem certamente coisas de que devemos ter medo, mas minha conclusão é que todas essas são de origem humana. Não estamos à mercê de fantasmas ou dos deuses, mas de nossas próprias emoções. Uma vez que aceitemos que somos o centro de nosso próprio universo e tenhamos o poder de criar nossa própria realidade, só então poderemos entender nossa verdadeira natureza e começar a admitir os deuses que, em essência, somos realmente.

Bibliografia

- BONEWITZ, R. *The Cosmic Crystal Spiral*. Shaftesbury: Element Books, 1987.
- BRADBURY, W. *Into the Unknown*. Londres, 1983. CAMPBELL, E., BRENNAN, J. H. *Dictionary of Mind, Body and Spirit*. Londres: Thorsons, 1994.
- CURRIE, I. *Visions of Immortality*. Shaftesbury: Element Books, 1998.
- HANCOCK, G., FAIIA, S. *Heaven's Mirror*. Londres: Michael Joseph, 1998.
- HATCHER-CHILDRESS, D. *Extraterrestrial Archaeology*. Nova Iorque: Adventures Unlimited, 1996.
- HOLROYD, S. *Mysteries of the Inner Self*. Londres, 1981. LOVELOCK, J. *Gaia.-The Practical Science of Planetary Medicine*. Londres: Gaia Books, 1991. MOOLENBURGH, Dr. H. C. *Meetings With Angels*. Saffron Walden: C. W Daniel, 1992.
- MOREHOUSE, D. *Psychic Warrior*. Londres: Temple Lodge Publishing, 1996.
- PICKNETT, L., PRINCE, C. *The Stargate Conspiracy*. Londres: Litde, Brown & Co., 1999.
- RANGLES, J. *The Paranormal Source Book*. Londres: Piatkus, 1999.
- ROLAND, P. *Kabbalah Piatkus Guide*. Londres: Piatkus, 1999.
- . *Angels Piatkus Guide*. Londres: Piatkus, 1999.
- . *Revelations — The Wisdom of the Ages*. Londres: Ulysses Press, 1995.
- . *The Complete Guide to Dreams*. Londres: Hamlyn, 1999.
- SHINE, B. *MindMagic*. Londres: Corgi, 1996.
- . *Mind to Mind*. Londres: Corgi, 1996.
- SOLOMON, G. *Stephen Turoff— Psychic Surgeon*. Londres: Thorsons, 1997.
- TEMPLE, R. *The Sirius Mystery*. Londres: Arrow, 1998. VÁRIOS (Editores de *Tempo-Vida*). *Mysteries of the Unknown!*. Nova Iorque: Time-Life Books, 1997 WHITE, M. *Life Out There*. Londres: Warner, 1998.

. *The Science of the X-Files*. Londres: Legend, 1996.
WILSON, C. *Alien Dawn*. Londres: Virgin, 1998.
. *From Atlantis to the Sphinx*. Londres: Virgin, 1997.
. *Mysteries*. Londres, 1979.

Para receber catálogos, lista de preços e outras informações escreva para:

MADRAS

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana 02403-020 — São Paulo — SP

Tel.: (0__11) 6959.1127 —Fax: (0 11) 6959.3090

www.madras.com.br

Impressão: Gráfica Palas Athena